



LIXO ESTRANGEIRO

Resíduos de 30 países poluem as praias do Litoral paraibano

Embalagens de origem internacional têm surgido na costa marítima e alertado ambientalistas. **Página 20**

Foto: Evandro Pereira



Reforma transforma o Palácio da Redenção em museu estadual

Com investimento de R\$ 11,5 milhões, o antigo prédio do governo passa por mudança para virar um centro cultural vibrante, na capital. **Página 5**

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Artista ilustrou crônicas e poemas

Flávio Tavares revela as lições que levou de sua passagem pelo Jornal *A União* e fala da admiração que nutre pelos colegas.

Páginas 14 e 15

Botafogo-PB e Sousa fazem, hoje, duelo decisivo do Paraibano 2025

Pelo segundo ano consecutivo, as equipes se enfrentam na final do campeonato. Para conquistar o título, o Belo precisa vencer por dois ou mais gols de diferença, ou pode fazer um gol para levar a decisão aos pênaltis. Já o Dino só precisa de um empate para tornar-se campeão estadual. O jogo terá início às 16h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa.

Página 21



Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

Página 11

■ “Fomos testemunhas, participamos com os meios de que dispúnhamos, mas a realidade foi muito mais forte e poderosa do que as nossas virtualidades”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Certa feita disse que todo sábado é mágico. E é mesmo. Dizem que Deus descansou do imenso esforço de sua obra nesse dia, o sétimo dia. Dia mágico”.

Hildeberto Barbosa Filho

Crescimento econômico da PB atrai empresas e investidores

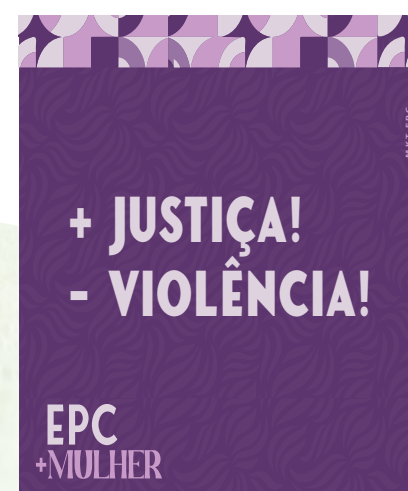
Com PIB em alta e equilíbrio financeiro nas contas públicas, estado tem conseguido destaque em setores como a construção civil e o turismo. Empresários apostam no cenário positivo para ampliar negócios e realizar novos investimentos.

Página 17



Correio das Artes

A vida e a obra do escritor Políbio Alves são o assunto de capa desta edição do suplemento literário, que chega ao 76º ano com uma nova identidade visual, unindo o tradicional conteúdo de qualidade a uma diagramação mais leve. Entre as novidades, a seção Ensaio, que reúne belos registros fotográficos.



Símbolo contra a Ditadura rejeita anistia

Paraibano preso e torturado aos 28 anos, Cajá percorreu um caminho marcado pela resistência contra o autoritarismo.

Página 7

Editorial

Reverter o quadro

Se é certo que a cidade de João Pessoa vive uma excelente fase no plano do desenvolvimento socioeconômico — e estão aí, para certificar a assertiva, os grandes investimentos realizados no Polo Turístico Cabo Branco —, não é menos certo que se faz necessário, além dos esforços governamentais, um empenho maior da população no sentido de colaborar para que a capital ganhe mais projeção também no que diz respeito à qualidade de vida.

Ora, é notório que o trânsito fica caótico e estressante em virtude da quantidade excessiva de veículos, em relação à infraestrutura viária urbana. No entanto, esse problema torna-se muito mais grave por conta da má conduta ou da falta de educação de muitos motoristas, embora muitos pedestres também colaborem para piorar esse quadro. Avançar o sinal vermelho e estacionar em local proibido, por exemplo, são infrações bastante comuns.

Uma quantidade impressionante de pilotos de motocicletas lidera o *ranking* da irresponsabilidade no trânsito, com ultrapassagens perigosas e em alta velocidade, que colocam em risco a vida deles e de outras pessoas. Ao que parece, uma das “modas” mais recentes é o piloto colocar a mão ou o pé na placa traseira da moto para evitar que as câmeras registrem a contração de exceder o limite máximo de velocidade permitida.

A enorme quantidade de lixo nas ruas não é da responsabilidade exclusiva da Prefeitura Municipal, por meio das empresas contratadas, proprietárias dos caminhões coletores. Joga-se detritos nas ruas e calçadas como se a cidade fosse um enorme tambor de lixo. Isso sem falar nos dejetos de origem animal, de cachorros quase que exclusivamente, que enfeiam as calçadas e infectam pés, narinas e pulmões dos transeuntes desavisados.

O empresariado, notadamente dos ramos da construção civil, imobiliário, restaurantes e hotelaria, também pode dar uma enorme contribuição à causa do bem-estar coletivo — e há muitos homens e mulheres de negócios que fazem isso —, respeitando sempre as legislações no que se refere à proteção da saúde dos clientes e à preservação do meio ambiente. Nada de edifícios fora do gabarito, nem redes de esgoto contaminando rios e mares.

Outro elemento essencial para a edificação de uma sociedade próspera e pacífica é a cordialidade. Observar as leis, agir com comedimento e procurar resolver conflitos por meio do diálogo, sem apelar para a truculência, é salutar para se viver bem em casa e na rua. A sociedade brasileira atravessa uma fase de muita violência e só a união, de fato e de direito, dos Poderes Públicos com os cidadãos e cidadãs reverterá esse quadro.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Relembrar é um dever de memória

Quando a verdade dói, há sempre a preocupação em suavizar seu impacto, seja com o objetivo de minimizar suas consequências, seja na intenção de negar realidades históricas para fins de aproveitamento político. Na era da “pós-verdade”, é muito comum inverter o sentido das coisas, transformando em mentira o que é, ou foi, autêntico.

Impressiona como têm tentado rejeitar a verdade que a história nos conta sobre os anos sombrios que vivemos durante mais de duas décadas do século passado, quando fomos atingidos por um golpe militar que, por um tempo, matou a democracia. Os acontecimentos devem ser vistos não como fatos isolados, mas como uma sucessão de eventos que afeta nosso futuro. Buscam relativizar o sentido da verdade absoluta dos acontecimentos. A mídia política foi, inclusive, utilizada para falsear a história.

Insistem, por motivos políticos, em não confirmar a objetividade da verdade histórica que tanto nos machucou. A ideologia dominante, alienada e alienante, despreza proposadamente a narrativa real dos fatos. Teimam em impedir que compreendamos o verdadeiro significado da leitura dessa história, desvirtuando-a para as gerações contemporâneas. A sociedade precisa estar atenta: não pode esquecer o seu passado — ainda mais quando ele não nos traz boas lembranças.

Não se pode interpretar a história ao sabor das conveniências políticas ou ideológicas, quase sempre superficiais e transitórias. Ninguém consegue mudar o passado. Se a história recente ainda está viva na memória, não podemos nos guiar apenas por pesquisas, mas também pelos depoimentos de quem a viveu. Eu fui testemunha dessa história que ainda tentam negar. E me dispus a registrá-la, não apenas por ter sido protagonista de alguns eventos, mas também com base em pesquisas realizadas em jornais da época e relatórios das Comissões da Verdade, nacional e estadual. Além disso, pude entrevistar diversos personagens desse período sombrio

da história nacional. Tudo isso resultou na publicação do livro *Eu Vivi a Ditadura Militar*, lançado pela Editora A União, em dezembro do ano passado.

Destruir ou ocultar informações que impeçam o acesso ao conhecimento do passado, por motivações políticas, adotando a lógica do esquecimento, é negar o direito constitucional à memória coletiva. Quando resgatamos as verdades históricas do período ditatorial no qual vivemos por duas décadas, estamos advertindo a geração contemporânea — e as que a sucederão — para que não permitam a repetição desses fatos. Relembrar é um dever de memória.

Segundo a pensadora canadense Régine Robin, “os esquecimentos sistemáticos em forma de perdões ou de anistias são outra maneira de realizar o apagamento do passado das sociedades”. Sua reflexão alerta-nos que o momento não nos permite concordar com essa tentativa de apagar a memória recente, concedendo anistia àqueles que praticaram atos violentos com o propósito de executar um golpe de Estado.

“

Não se pode interpretar a história ao sabor das conveniências políticas ou ideológicas, quase sempre superficiais e transitórias

Rui Leitão

Foto Legenda

Evandro Pereira



A energia do futuro no presente

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Voltando a Sapé

O tempo tem seus descompassos no calendário da memória. Em 1951, logo que cheguei a João Pessoa, desci a escadaria de **A União**, onde subira levado por uma carta de apresentação e, lá embaixo, ao rés da calçada e dos resultados da carta, dou com os olhos no conjunto monumental erguido ao presidente João Pessoa.

Dali a alguns meses eu ia fazer 18 anos, idade igual à do monumento, mas como o vi distante e bem mais imenso ainda! O mítico da escultura a dar força e opulência à postura do herói associou-me, de pronto, à Grécia e à Roma, das ricas aulas ilustradas do professor Normando do meu ginásio campinense. E daí ficou até hoje, uma mistura mágica de tempo histórico e tempo real.

Foi o que vivi, há oito dias, indo com Paulo Emmanuel e José Nunes ao memorial dedicado a João Pedro, ou às Ligas Camponesas, no Sítio Antas, à direita da estrada de Sapé. Com uma diferença de tempo em relação ao monumento a João Pessoa: desde Café do Vento até a volta, o sítio e casa de Antas, questionados na Justiça, como a imagem de conflagração por todas aquelas extremas e caminhos, ressurgem-me vivos, muito fortes e brutais, ainda mais pela frustração minha e de Adalberto Barreto de não termos seguido a lição de Howard Fast e tentado converter a saga real da luta camponesa nordestina num outro “Spartacus”.

Fomos testemunhas, participamos com os meios de que dispúnhamos, mas a realidade foi muito mais forte e poderosa do que as nossas virtualidades. Leia-se ou releia-se “O Vietnã que não houve”, de Assis Lemos, com prefácio à altura do livro e da luta assinado por Clemente Rosas Ribeiro. É um depoimento, um testemunho vivo, os fatos se escrevendo, pela própria mão de Assis tão reais e épicos quanto podem sonhar os mais iluminados criadores literários.

Não foi ou não é de graça que Sapé, com seus 15.000 revoltosos das Ligas, servos seculares de repente conscientizados, senhores dos seus direitos, tenha chamado a atenção do mundo para as condições desoladoras do

campesinato nordestino. Provinciano como o meu jornal, quantas vezes vi chegar à nossa redação repórteres e fotógrafos de alguns dos grandes jornais europeus e americanos. E escritores como John dos Passos. Não havia Internet, não havia nenhuma agência nacional de informação, e o noticiário de **A União**, que dava cobertura franca às reformas de base, às Ligas Camponesas — isto até as bases reacionárias de apoio ao governo não puxarem o tapete — era **A União** a agência nacional e internacional desse o “Vietnã que não houve”, como bem intuiu o seu autor, Assis Lemos.

No sábado retrasado, a mão no queixo, o olhar num sábado mais remoto de 1965, chego a Café do Vento e, calado, me vejo na estrada lado de João Manuel, de Leonardo Leal, de Janiro Pontes, vendo o assombro do ex-presidente Juscelino, que desejava ver as Ligas num dia que não era o domingo dos comícios habituais. O senador Rui desaconselhou. JK insistiu. Chamaram Assis Lemos e três horas depois ingressava-se na estrada cheia pelas beiras, três ou quatro mil camponeses ladeando o jipe de Assis, com JK, até desaguar na multidão subitamente formada que o esperava na cidade. Com d. Célia Guevara não foi diferente.

Isso há mais de sessenta anos e, de repente, em meio aos meus olhos enevoados.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chefé, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Leonardo Azeite

O hospital conta atualmente com 61 cadeiras para hemodiálise e presta assistência a cerca de 350 pacientes de todo o estado

SÃO VICENTE DE PAULO

Hospital é referência em nefrologia na Paraíba

Unidade de saúde também se destaca em cirurgia vascular e atendimento oncológico

Carolina Oliveira
 marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Mantido pelo Instituto Walfredo Guedes Pereira, o Hospital São Vicente de Paulo, destaca no estado da Paraíba, em nefrologia com a hemodiálise, é referência também em cirurgia vascular, e figura entre os principais locais para atendimento oncológico na Grande João Pessoa. O médico paliativista e diretor da instituição de saúde, Claudio Emmanuel Gonçalves da Silva Filho, avalia as áreas de atuação e abrangência do atendimento prestado pelo hospital.

Com mais de 100 anos de existência, o caminho do Hospital São Vicente foi marcado por diversas especialidades e, nos últimos 10 anos, a instituição tem crescido e se destacado em diferentes áreas. “Ele já passou por vários caminhos: já foi maternidade no passado, além de ter prestado atendimento pediátrico, e funcionado também como um centro de urgência e emergência antes de ter sido inaugurado o Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena”, relembra Claudio.

Atualmente uma das principais referências em cirurgia vascular na região de João Pessoa, e também para o Estado da Paraíba, no São Vicente são realizados procedimentos e intervenções de grande porte na área, como amputação, desbridamento e revascularização, além de cirurgias de aneurisma. Uma das principais Unidades de Saúde para terapia renal substitutiva, o hospital conta com 61 cadeiras para hemodiálise e presta assistência a cerca de 350 pacientes. A nível intrahospitalar, existem enfermarias próprias para cada um desses serviços, inclusive para os pacientes em tratamento dialítico.

Dentro da oncologia, também é prestada assistência paliativa, em ambulatório dedicado a esses cuidados. “O paciente da oncologia, que entra pela via do Sistema Único de Saúde (SUS), consegue fazer esse trajeto. Alguns vão ser curados, outros continuarão com suas doenças e a gente tenta ofertar a esse paciente o tratamento humanizado completo com o melhor que conseguimos fazer hoje”. Claudio destaca também que a oncolo-

gia registrou um aumento do teto hospitalar, com uma demanda que, nos últimos cinco anos, aumentou consideravelmente. O hospital atende quatro vezes mais pacientes.

A neurocirurgia é uma das referências mais antigas no Hospital São Vicente de Paulo. As equipes médicas atuantes realizam cirurgias intracranianas, cirurgias de coluna e cirurgias de nervo periférico. O microscópio cirúrgico com o qual o hospital passou a contar recentemente, possibilita tratamentos mais avançados. A instituição de saúde prioriza também o tratamento integral, que promove uma assistência a médio e longo prazo aos pacientes que passaram por tratamentos e intervenções nas especialidades atendidas pelo hospital.

Pacientes tratados no São Vicente, seja na terapia renal substitutiva, ou na oncologia, ao precisarem passar por assistência de intercorrência aguda, por infecção ou por algum outro problema, podem buscar o hospital diretamente, sem precisar se dirigir a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou outro serviço de saúde. “A porta de

entrada para todas essas especialidades é o estímulo de regulação do município ou do estado. Ao ingressarem, os pacientes ficam vinculados ao serviço e fazem a trajetória dentro do hospital, com acesso aos serviços de saúde oferecidos”, observa Claudio Emmanuel.



Foto: João Pedrosa

“Ele já foi maternidade, além de ter prestado atendimento pediátrico, e também centro de urgência e emergência”

Claudio Emmanuel

Estudantes de medicina participam de estágio

Mediante parcerias firmadas com instituições de Ensino Superior, o Hospital São Vicente de Paulo é também lugar de estágio para estudantes de medicina, e demais estudantes de outras especialidades da área da saúde, que integram equipes multiprofissionais. “Nessas parcerias são desenvolvidas algumas pesquisas de cunho de prevalência, alguns estudos para avaliar como os pacientes estão no tratamento da diálise”, completa Claudio.

Estudos da Universidade

Federal da Paraíba e de instituições privadas de ensino são feitos no hospital. “Todos precisam passar pela aprovação do comitê de ética, para poder entrevistar os pacientes, ou então para ter acesso aos dados necessários. Temos um departamento de ensino e pesquisa que tenta centralizar esses pedidos de estudo”. Além da aprovação do comitê de ética, Claudio explica que, entre os critérios, se faz relevante que o estudo possa trazer algum benefício aos pacientes.

De acordo com Claudio

Emmanuel, a busca pela consolidação de um centro de pesquisa em oncologia está entre os objetivos para a instituição, e é um esforço para que os pacientes tenham a oportunidade de passar por novos tratamentos a partir de pesquisas clínicas. “Alguns tratamentos, hoje, na oncologia, são muito caros e já possuem benefícios, de certa maneira, com um grau de comprovação. Se nós conseguirmos trabalhar isso, o paciente pode ter acesso a um tratamento avançado que poderia trazer uma me-

lhor qualidade de vida, mais tempo de sobrevivência e melhor controle de sintomas”.

■ Estudos da Universidade Federal da Paraíba e de instituições privadas de ensino são feitos no hospital

UN Informe

DA REDAÇÃO

REQUALIFICAÇÃO DO PORTO DO CAPIM BENEFICIARÁ 600 FAMÍLIAS E PRESERVARÁ MORADIAS

A região do Porto do Capim, no bairro do Varadouro, passará por uma grande transformação com o projeto de requalificação da localidade. A comunidade tem acompanhado o processo desde o início, por meio de reuniões com técnicos da prefeitura e representantes da Secretaria de Habitação Social, além de professores e estudantes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). A secretária de Habitação Social (Semhab), Socorro Gadelha, destacou que o prefeito Cícero Lucena tem grande interesse no projeto e quer garantir a participação ativa da comunidade. Durante reunião na Capelinha do Bairro, na semana passada, foram apresentados detalhes do projeto e sua tramitação em Brasília. A proposta inclui construção e reforma de moradias, revitalização de prédios históricos, saneamento, pavimentação e implantação de ancoradouros no Rio Sanhauá, sem remover os moradores da região. A diretora de Planejamento da Semhab, a arquiteta Glauciene Almeida, coordenou a reunião e explicou a tramitação do processo junto ao Ministério das Cidades e órgãos financeiros federais. “Agora, basta vencer os prazos burocráticos para a licitação e execução do projeto”, afirmou. Ela ressaltou que mais de 600 famílias serão beneficiadas e o bairro se tornará um novo ponto turístico. O secretário-executivo da Habitação, Beto Pirulito, lembrou que o prefeito Cícero Lucena tem histórico de investimentos na região, tendo promovido a revitalização do adro da Igreja de São Pedro Gonçalves e o tombamento de prédios históricos. Agora, com a requalificação do Porto do Capim, a meta é devolver a importância econômica e cultural ao Centro Histórico.



Foto: Divulgação/Semcom-JP

OLHAR ESPECIAL

O governador João Azevêdo gravou vídeo para as redes sociais agradecendo ao ministro da Saúde, Alexandre Padilha, e ao presidente Lula, pela recente liberação de 14 novas ambulâncias para 12 municípios paraibanos e “pelo olhar extremamente especial” que o Governo Federal tem para a Paraíba. “A Paraíba segue firme mostrando que, aqui, o SUS funciona”, disse o governador.

NOVOS NOMES

A oposição em Rio Tinto está disposta a armar novas estratégias para voltar a comandar o município. Após a segunda derrota de Fernando Naia para a prefeitura, o vereador Luan Potiguara disse à imprensa do Vale do Mamanguape que é necessário pensar em “novos nomes” para a composição da chapa majoritária das próximas eleições municipais, o que passa pelas eleições do próximo ano.

PROGRAMA CIDADÃO (1)

A população de Puxinanã, no Agreste paraibano, receberá amanhã a Van dos Direitos da Defensoria Pública da Paraíba, durante a ação do Programa Cidadão. O evento, realizado pela Prefeitura Municipal em parceria com o Governo do Estado, ocorre no Ginásio O Mirandão, das 8h às 17h. A iniciativa envolve a Secretaria da Mulher e outras entidades, oferecendo atendimentos em documentação, assistência social, saúde e cultura.

PROGRAMA CIDADÃO (2)

Além dos serviços da Defensoria, o evento oferecerá a emissão de documentos, como RG, CPF e Carteira de Trabalho, além de atendimentos na área da Saúde, incluindo vacinação, avaliações nutricionais, aferição de pressão arterial e práticas integrativas, como auriculoterapia e ventosaterapia. Também haverá serviços de assistência social e cultural, negociação de dívidas por meio do Procon, exposições de artesanato e aulas de zumba.

FAROL DE DESENVOLVIMENTO ELEGE NOVA DIRETORIA EXECUTIVA

O Farol de Desenvolvimento da Paraíba, entidade que reúne lideranças do setor produtivo, da academia e da sociedade civil organizada, elegeu sua nova Diretoria Executiva, tendo como presidente José Carneiro de Carvalho Neto. “Vamos seguir com o compromisso de fortalecer, ainda mais, a atuação do Farol como um agente de transformação da realidade socioeconômica da Paraíba”, declarou.



Foto: Leonardo Ariel

Bia Cagliani

Presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba

“Cultura, arte e educação devem andar de mãos dadas”

Multiartista destaca a importância da diversificação de políticas culturais e exalta ações desenvolvidas em solo paraibano

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Filha de uma bailarina e de um músico, Bia Cagliani passou a infância em meio às coxias de teatro e aos ensaios de orquestra, saindo de aulas de dança para cursos de jazz e de teoria musical. Adulta, formou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas as artes a chamaram de volta para seu mundo, no qual navegou como bailarina, atriz, coreógrafa, arte-educadora e produtora. Há dois anos, é, também, presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), cargo ao qual foi alçada depois de 12 anos de trabalho na Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB). Em entrevista ao *Jornal A União*, a multiartista e gestora faz um balanço das ações do órgão que preside e comenta a importância do saber artístico para a educação.

A entrevista

■ *Quais são os principais desafios que a Funesc enfrenta atualmente?*

O principal desafio da Fundação é manter o nível das ações já realizadas em outros anos. E o segundo desafio vem do fato de que a gente está espalhado, basicamente, em todo o território paraibano. Nós não temos só o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, que é o primeiro e o maior prédio, mas também o Teatro Santa Roza, em João Pessoa; o Teatro Santa Catarina, em Cabedelo; o Cine Teatro São José, em Campina Grande; e o Teatro Íracles Pires (ICA), lá em Cajazeiras. Então, a gente acaba pegando uma extensão territorial grande, com uma equipe não tão grande assim. Mas a gente vai se adaptando às realidades. E cada município tem similaridades e muitas diferenças, e nós ainda tentamos cobrir o estado da Paraíba para além dos locais onde temos prédio. No ano passado mesmo, a gente esteve em mais de 50 municípios.

■ *E como a Funesc lida com essas diferenças culturais?*

Desde que eu entrei aqui, percebi que um dos focos da Fundação é dar espaço para todo mundo. Obviamente, a gente não tem gerências que contemplem tudo, mas nossa equipe está disposta a dialogar e a aprender junto. Então, se a gente sente falta de uma determinada linguagem artística em uma atividade, a gente vai atrás para descobrir como conseguir que essa atividade participe. A maior parte dos nossos projetos é programada por editais, que, em sua maioria, são abertos para todo o estado paraibano. A gente foca no artista, no fazedor de cultura da Paraíba. Mas nem todo edital é para todo mundo, porque temos editais específicos para o repente, para a literatura, para as artes cênicas, mas a gente consegue fazer um apanhado bem bacana do que é a Paraíba, nesse momento atual.

■ *De uma forma geral, então, como as ações da Funesc impactam o cenário cultural da Paraíba?*

Principalmente, na fruição e na difusão dessas artes. A gente oportuniza que as obras já feitas — como o livro, a contação de histórias, o filme, a peça de teatro, o espetáculo de dança, a *performance* de circo, uma oficina de alguma linguagem artística — cheguem ao seu público-alvo, sejam crianças, adultos ou idosos. A gente

também possibilita que algumas pessoas vejam coisas pela primeira vez. Conheci pessoas, por exemplo, que nunca haviam tido a experiência de assistir a um homem performing uma dança contemporânea, mas presenciaram isso na praça de sua cidade, de graça.

■ *Que outros feedbacks vocês costumam receber do público?*

A gente recebe muita resposta positiva quando leva repentinistas para algum lugar. Também recebemos um bom *feedback* quando a gente faz o trabalho de capacitação, em alguns municípios, com a oficina de teatro. Neste ano, a gente também está disponibilizando outras oficinas importantes e que nos foram solicitadas, como de elaboração de projetos e elaboração de portfólio, que é voltada para o público das artes visuais. Mas, os principais retornos são quando a gente chega aos locais e deixa a semente plantada, em cidades que nunca tinham recebido ações de cultura. Portanto, quando a gente se soma à Secult-PB, por exemplo, que é muito atuante no interior, acaba fazendo um combo bem bacana do Governo do Estado da Paraíba no meio cultural.

■ *A Funesc tem diversas políticas culturais que estão relacionadas à Educação. Quais são os benefícios dessa união e como ela acontece?*

Eu sou cria da arte desde pequena. Então, não sei desvencilhar meu processo de ter sido educada com o fato de ter sido educada na arte e na cultura. Para mim, Bia — e é o “CPF” aqui falando, mas em nome de um CNPJ, que é a Fundação —, cultura, arte e educação devem andar de mãos dadas. A gente tem que possibilitar que a criança experimente diversas linguagens das artes para se entender. Eu fui professora de teatro e de dança por muito tempo e dizia para os meus alunos: “Você não precisa ser isso que eu estou ensinando. Você pode ser advogado, médico, engenheiro. Mas o fato de você, quando criança, ter feito teatro, música, dança ou circo, ou ter feito aula de pintura ou de escrita criativa, vai te deixar um cidadão com uma reflexão crítica perante a sociedade e te colocar em uma posição mais empática”. E eu sempre brinco que as crianças que faziam aula de teatro comigo tinham uma percepção maior do coletivo — e mais cedo do que ou-

tras crianças. Então, eu entendo que arte e educação precisam estar juntas, e alguns projetos da Fundação fazem esse “pingadinho”. Obviamente, não é a salvação da pátria nem a única coisa que deve ser feita, mas a gente tem as edições do Férias Funesc, que eu considero muito interessantes, porque promovem vivências para as crianças na praça do Espaço Cultural e nos locais em Campina Grande e Cajazeiras. Nesse projeto, os artistas propõem atividades específicas para as crianças e dão uma “pingada” da sua arte. Isso leva uma criança a dizer: “Pai, mãe, será que tem aula disso em algum lugar?”. Ela pode se descobrir um desenhista ou um contador de história, ou se interessar por artes cênicas, por adereços... E essas sementinhas dão resultado no futuro, porque tem criança que vem desde o primeiro Férias Funesc e continua participando; ou que se inscreve depois na Escola Estadual de Música Anthoner Navarro, que é da Secretaria de Estado de Educação (SEE), mas funciona aqui no Espaço Cultural; ou que vai atrás de aulas de dança, porque se interessou por aquela modalidade; ou que busca outras atividades que a gente faz para um público amplo. Até porque a parte educacional não deve estar restrita só à criança. É preciso trabalhar também o público jovem e o adulto, já que muita gente não teve a oportunidade de assistir a um espetáculo de teatro antes. Por isso, é tão importante chegar a municípios aonde a gente não costuma ir ou onde a gente não tem prédio.

■ *Além do público infantil, que ações são desenvolvidas para o público jovem?*

Nossas ações, em sua grandíssima maioria, são de classificação livre, para todo público, mas a gente tem algumas atividades de formação específicas para o público jovem, embora os adultos também possam participar. No caso, trata-se do curso de teatro e do curso de circo — esse até tem vagas para crianças, mas a maioria do público é jovem. E a gente faz os eventos de fruição maiores, como os shows. No ano passado, também promovemos capacitações, para os públicos jovem e preto, porque entendemos que, com isso, teremos um corpo técnico, no futuro, mais integrado com o que está se trabalhando no resto do Brasil.

■ *Quais foram essas capacitações?*

Com o público jovem, foi o Agosto das Juventudes, em parceria com a Sejel [Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer], quando a gente trouxe uma diretora de palco. Uma característica da cultura é a oralidade: a gente transmite nosso conhecimento para o próximo por meio oral, e costuma-se ter um mestre, um mentor que vai passar aos próximos as informações que ele sabe. Isso é muito interessante, mas estamos precisando de mais gente capacitada para trabalhar; por isso, trouxemos pessoas compromissadas com um bom método de ensino. Já em novembro, dentro do Festival Pretitudes, um diretor de palco negro veio capacitar outras pessoas negras

para trabalhar nesse mercado e ter um certificado, algo que muitos não possuem. Obviamente, esses dois cursos tinham recortes temáticos, porque aconteceram em grandes atividades de governo, que envolviam esses dois públicos. Já as capacitações que a gente está pensando para o interior acabam sendo voltadas para o grande público jovem, porque são eles que buscam formação o tempo todo. E as nossas portas estão sempre abertas para os grupos que vêm dialogar com a gente. O pessoal do break dance e do *hip-hop* sempre está por aqui. Eu até pedi para uma das nossas gerências desenvolver uma capacitação de cantoria e poesia popular, porque estava sentindo falta de jovens no repente — e, se a gente não ensinar, essa arte vai morrer quando o último repentista partir dessa para uma melhor.

■ *Há outras iniciativas da Funesc para populações mais vulnerabilizadas, como pessoas negras e população LGBTQIAPN+?*

Quando eu entrei aqui, em 2023, a Fundação já aplicava a legislação de cotas raciais e para indígenas e ciganos. Mas a gente começou a ter um diálogo interno sobre a necessidade de inclusão de outras ações afirmativas dentro desses editais, porque, obviamente, existem momentos específicos, em que o público-alvo de artistas são os jovens ou negros, como no Festival Pretitudes, todo composto por artistas pretos e autodeclarados. A Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh) esteve junto com a gente nesse projeto, que durou quatro dias e foi lindo, uma das coisas mais divertidas de que participei nesse Espaço Cultural. E houve críticas no Instagram, dizendo que não fazia sentido “separar” as pessoas. Mas a gente não está separando, a gente está oportunizando algo que precisa ser oportunizado. Então, quando a gente faz um edital em que a gente reserva as cotas raciais, a ideia não é vitimizar ninguém, e sim dar vez e voz a quem sempre precisou e a quem tem uma produção relevante, mas tem poucas oportunidades, por razões socioeconômicas e históricas do Brasil. Essa é uma ação que a gente faz questão de colocar em todos os nossos editais. Na questão das mulheres, a gente tem paridade de gênero em todos os editais, que garantem que metade dos selecionados será composta de mulheres. Para o público LGBTQIAPN+, a gente está começando a discutir algumas ações específicas e já colocou vagas próprias em alguns editais. Em outros, o diálogo é mais profundo, porque, quando se fala de grupos, como em um coletivo de teatro, fica a dúvida de como fazer a mensuração e selecionar se um grupo é LGBTQIAPN+ ou não é. O que determina isso é a temática? É a quantidade de membros do grupo? É o proponente? Para não ser injusto com ninguém, esse é um diálogo que a gente ainda está travando dentro dos editais individuais, em que é possível fazer essa formatação melhor do que naqueles que selecionam grupos.

■ *Neste ano, a Funesc lançou, novamente, o edital Mostra Matriz, voltado para o mês das mulheres e que aconteceu entre os dias 14 e 23 de março. Como ele funcionou e qual o objetivo desse projeto?*

O Matriz acontece há alguns anos e já teve vários formatos, mas, ultimamente, a gente tem feito no modelo de selecionar artistas mulheres por edital, em parceria com a Semdh. A ideia é ocupar os nossos prédios, como o Espaço Cultural, o Teatro Santa Catarina, o Cine São José e o ICA, com atividades de dança, teatro, música e circo, em um minifestival só com artistas mulheres. E muita coisa bacana foi criada nesses anos. A nossa própria Fundação é praticamente toda gerenciada por mulheres. A presidente, que sou eu, é uma mulher, e as responsáveis pelas gerências e diretorias são todas mulheres. Uma parte dos nossos gerentes de teatro são mulheres também. Então, a gente quis dar oportunidade para as mulheres e fazer uma grande celebração dessa força artística feminina.

■ *E de que forma a Funesc aplica a paridade de gênero nos demais editais?*

É importante dizer que as mulheres não formam uma cota. Se estiverem no crivo da nota de corte, a gente vai garantir que metade das vagas será para as mulheres. E, se estiver empatado entre um homem ou uma mulher, por exemplo, a mulher será selecionada, porque a gente entende que é mais difícil para a mulher continuar sendo artista a vida toda, porque a gente enfrenta vários desafios sociais e estruturais. A mulher artista acaba passando por muita crítica: “Ah, é mãe, então vai deixar seu filho. Vai lá para o interior se apresentar, mas seu filho fica com quem?”. Por isso, a gente entende que, em um lugar que está sendo gerido por uma mulher, faz ainda mais sentido dar mais espaço para as mulheres.

■ *Além da Mostra Matriz, quais os principais projetos que a Funesc prevê para este ano?*

A gente mantém um calendário bem fechadinho, até porque, como eu disse, um dos nossos principais desafios é manter o nível das ações. Mas, a gente vem aí com alguns editais, como o Festival de Música da Paraíba, em parceria com a EPC [Empresa Paraibana de Comunicação]; o Prêmio José Lins do Rego, que virá no segundo semestre; e o Agosto das Letras, que é um edital nosso, mas em parceria também com a EPC, na caravana que a gente executa pelos municípios. Ainda na literatura, muito provavelmente vai sair o Juventude nas Letras, que é um prêmio específico para os jovens, em uma parceria da EPC, Funesc e Sejel. Também faremos o Festival Pretitudes, em novembro. E tem outras surpresas que eu não posso revelar, porque ainda não estão 100% fechadas.

■ *Então, é possível dizer que vai haver novidades da Funesc neste ano?*

Sim, senhor. Mas eu vou ficar na minha aqui e não vou dizer nada se você não disser. [Risos]

RAÍZES PARAIBANAS

Palácio ampara memória do estado

Prestes a abrir as portas ao público, agora como Museu, prédio preserva a história e inspira olhares para o futuro

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Em cada pedra, em cada parede, há um suspiro do passado. O Palácio da Redenção, um dos maiores ícones da história da Paraíba, está prestes a reabrir suas portas, agora transformado no Museu da História da Paraíba. Como uma memória viva que se recusa a ser esquecida, o antigo casarão dos jesuítas, erguido em 1586, atravessa os tempos com um novo propósito: contar, mais uma vez, a história do estado e aproximar o público de suas raízes.

O museu, que ocupará o espaço onde por décadas funcionou a sede do Governo do Estado, será um ponto de encontro entre o passado e o futuro, preservando a memória local enquanto lança um olhar sobre o que ainda está por vir. Com o investimento de R\$ 11,5 milhões, a reforma e a adequação do Palácio da Redenção visam não apenas restaurar o edifício, mas também transformá-lo em um centro cultural vibrante, acessível a todos que desejam conhecer mais sobre a rica história da Paraíba.

O responsável pela gerência operacional da implantação do Museu da História da Paraíba, o artista plástico, escritor, designer e professor Chico Pereira, destaca a complexidade do projeto. “Estamos passando



Fotos: Leonardo Arel

Casarão, situado na Praça dos Três Poderes, em João Pessoa, passa por um complexo processo de revitalização e readequação

do por uma restauração completa do Palácio da Redenção, respeitando todas as normas internacionais de Museologia, pois é um prédio tombado e não pode ser alterado. Durante os últimos anos, o edifício sofreu deteriorações que agora estamos recuperando com cuidado”, explicou Chico.

A previsão é que o museu seja inaugurado, oficialmente, no dia 5 de agosto deste ano, data emblemática para a cidade de João Pessoa — que come-

mora 440 anos de criação — e que marca a fundação do estado da Paraíba. Contudo, Chico Pereira ressalta que ainda não há uma data definida para a abertura ao público, já que o trabalho de restauração e instalação dos elementos museológicos exige precisão. “É um trabalho árduo, mas necessário para que o Palácio da Redenção retome seu brilho histórico, oferecendo à população um espaço de conhecimento e valorização”, completa.

O Palácio da Redenção foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) em 1980 e, desde então, sua preservação tornou-se uma prioridade. O prédio está sendo cuidadosamente preservado e integrado ao museu, como é prática em outros estados brasileiros, como Pernambuco e Bahia.

Para a Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Su-

plan), a reforma representa mais um marco importante na preservação do Patrimônio Histórico da Paraíba, que está em fase de conclusão e já revela a beleza de sua estrutura final. “É uma grande satisfação ver o progresso dessa obra, que se soma a um conjunto de iniciativas voltadas à recuperação e valorização do nosso patrimônio histórico. Com a expertise que acumulamos ao longo dos anos, temos o orgulho de trabalhar na res-

tauração de prédios tão significativos para o Estado”, destaca a superintendente Simone Guimarães.

A gestora ressalta ainda que a Suplan está atuando ativamente junto às secretarias envolvidas, garantindo que a etapa final de engenharia seja concluída com êxito. “Estamos trabalhando para viabilizar a entrega da fase de engenharia, para que, em breve, a estruturação do museu avance e o espaço esteja pronto para receber as futuras exposições e visitantes”, conclui Simone, reforçando a importância dessa obra para a cultura e a memória do estado.

As intervenções realizadas no Palácio da Redenção incluem a recuperação de esquadrias, janelas e portas; o acabamento do piso e do forro de madeira; além das melhorias nas instalações gerais do prédio. As obras de reforma seguem avançando a passos largos, com alguns ambientes já finalizados, como a fachada do Palácio, um dos pontos mais visíveis da obra e que chama a atenção de quem passa pela Praça dos Três Poderes. Além da parte estrutural, o projeto prevê a instalação de um acervo rico que abrange a história política, cultural e social da Paraíba, proporcionando aos visitantes uma verdadeira viagem no tempo.

Espaço de reflexões antropológica e cultural

Criado em 2021, por meio do Decreto nº 41.817, de 4 de novembro, o museu tem por finalidade promover reflexão, estudo, ensino e pesquisa sobre pessoas e fatos relacionados à história da Paraíba. Por isso, seu acervo inclui não só aspectos históricos, mas também antropológicos e culturais do estado. “Com a conclusão das obras de restauração, o próximo passo será a montagem de sua museografia, que ocupará todos os ambientes do histórico edifício”, detalha Chico Pereira.

A proposta do acervo é, segundo ele, apresentar a evolução do estado desde a chegada dos primeiros colonizadores até os dias atuais, utilizando mídias analógicas e digitais, que permitirão uma experiência rica e interativa para o público. “O próprio palácio já constitui



Arquitetura e peças artísticas contam a história da Paraíba

uma parte importante da museografia. A arquitetura, o mobiliário e as peças artísticas do palácio fazem parte da narrativa que será contada. Cada detalhe no espaço revela um momento vivido durante a sua atividade palaciana”, explica.

O museu terá compartimentos dedicados a diferentes períodos da história da Paraíba, como a colonização, o primeiro e segundo reinados, o período provincial, a Revolução de 1930 e a Paraíba moderna. “O objetivo é que os visitantes possam

entender como o estado evoluiu, não apenas do ponto de vista político, mas também cultural e social”, diz Chico. Ele destaca que a proposta é ir além de uma simples exibição de artefatos: “Queremos que todos, desde os mais jovens até os mais velhos, sintam orgulho da sua terra e compreendam o que ela representa para o Brasil”.

Pela primeira vez, o público terá acesso a espaços antes restritos, como o gabinete do governador, um gesto que rompe com a tradição de separação entre o poder e o povo. “Com um acervo que abordará a trajetória do estado em diversas dimensões, o Museu da História da Paraíba se torna um marco na preservação da memória local e será, sem dúvida, um importante ponto de difusão da cultura e história do estado”, resume Chico Pereira.

Projeto aspira ao resgate e à valorização do passado

A reabertura do Palácio da Redenção como Museu da História da Paraíba faz parte de um projeto maior de revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, uma ação que visa não apenas preservar a memória do estado, mas também fomentar o turismo e a educação. “O governo não abandona o Centro Histórico da capital. Pelo contrário: destina o palácio à representação da história”, destaca Chico Pereira, citando outras iniciativas de reocupação do bairro, como o prédio do antigo Comando da Polícia Militar, que será utilizado como nova sede do Poder Executivo.

Ícone da cidade, com sua arquitetura imponente e sua história rica, o Palácio da Redenção será o cenário de uma nova etapa, dedicada à preservação e divulgação da trajetória paraibana. O espaço, que já passou por muitas transformações, sempre teve um papel central na administração política do estado — a começar pela escolha do nome, que remonta ao período de 1930, quando o prédio recebeu este título em memória de um movimento popular de libertação.

“Esse espaço tem uma carga simbólica imensa, não só pela sua arquitetura, mas também por seu vínculo com momentos históricos que marcaram a Paraíba”, afirma o historiador Lúcio Flávio. Ele destaca, por

exemplo, o nascimento de Ariano Suassuna, em 1927. “Seu pai, João Suassuna, era o então presidente do estado da Paraíba. Por isso, Ariano nasceu nas dependências do Palácio da Redenção. No ano seguinte, quando o pai deixou o Governo da Paraíba, a família passou a morar no Sertão, na Fazenda Acauã”, complementa o historiador.

Para Lúcio Flávio, com a reabertura do Palácio da Redenção como Museu da História da Paraíba, o palácio vai além de um espaço administrativo. “Ele se transforma em um ponto de encontro para o público, proporcionando um mergulho na história do estado, desde os tempos coloniais até a modernidade”, destaca Lúcio Flávio.

Por fim, de acordo com Lúcio, o Museu da História da Paraíba será mais do que um local para o armazenamento de artefatos. Ele será um espaço de reflexão sobre o passado, um ponto de encontro para aqueles que desejam compreender a trajetória de um estado que, apesar de suas dificuldades, sempre se reinventou e lutou pela sua identidade. “O projeto não só recupera a memória de um edifício histórico, mas também reafirma a importância da preservação da cultura local, enquanto contribui para o fortalecimento do turismo e da educação”, conclui o historiador.



Palácio deixará de ser sede do Poder Executivo e passará a receber visitantes em áreas que, antes, eram restritas à atividade política

MEMÓRIAS DA DITADURA

Cajá segue na luta, 61 anos depois

Símbolo da resistência contra o Regime Militar, paraibano defende justiça social e punição contra o Golpe de 1964

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Do Sertão da Paraíba às celas do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna), em Recife (PE), Edival Nunes da Silva, o Cajá, percorreu um caminho marcado por resistência contra a injustiça e o autoritarismo. Líder estudantil, foi preso e torturado aos 28 anos, em 1978, enquanto contestava a Ditadura Militar. Mas, mesmo passando mais de um ano encarcerado, ele não se calou; virou símbolo de uma juventude que foi às ruas lutar pela verdade. Hoje, aos 74 anos, Cajá retorna à Paraíba, recém-homenageado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Unirio), para falar sobre democracia e memória.

Sua história é um lembrete de que ainda há feridas abertas, 61 anos depois daquele 1º de abril, quando o então presidente João Goulart foi deposto pelos militares. Com a proximidade da data, o Jornal **A União** conversou com Cajá para revisitar sua trajetória e refletir sobre os impactos do regime, que ainda reverberam no Brasil. “Levarei, até meu último dia, a luta pela justiça social, as pegadas do Homem de Nazaré”.

Essa luta, contudo, começou bem antes da universidade. Nascido na Zona Rural de Bonito de Santa Fé, Cajá cresceu com os pés na terra, trabalhando desde cedo na roça, ao lado da família. Dos nove irmãos, apenas ele e mais três sobreviveram à desnutrição, em uma época em que a alimentação era bem precária. Aos oito anos, foi morar em Ser-



Sociólogo relata ter descoberto, em um seminário religioso, que “o cristianismo tinha as bases da sociedade comunista”; mais tarde, ele foi acolhido por Dom Hélder Câmara

ra Grande e, algum tempo depois, em Cajazeiras. Enquanto a seca o tornava mais resiliente, Cajá crescia espelhando-se no senso de justiça do pai agricultor, leitor assíduo de jornal e eleitor de João Goulart. “Ele tinha uma influência do getulismo. Sempre se definia pelos candidatos do PSD [Partido Social Democrático], o que me deixava inclinado a pensar que o lado mais à esquerda era o melhor”, relembra.

Fé e militância

Não por acaso, o jovem Cajá já defendia, no auge de sua adolescência, questões como justiça, democracia e

direitos. Entretanto, seria apenas com o ingresso no Seminário Nossa Senhora da Assunção que essa “rebelião” ganharia corpo. A decisão veio por influência da mãe, que enxergava ali uma oportunidade rara de futuro. “Ela insistiu com meu pai para que eu fosse. Dizia que poderia estudar mais e ajudar a humanidade”. Cajá foi, mas com a certeza de que não se tornaria padre; queria entender o mundo.

Na biblioteca do seminário, mergulhou nos evangelhos e nos textos marxistas, conhecendo uma ideia de justiça baseada na partilha. “Percebi que o movimento

dos primeiros cristãos era revolucionário – por justiça e igualdade. Acabei descobrindo que o cristianismo original tinha as bases da sociedade comunista”, observa.

Essa descoberta iria transformá-lo para sempre: a fé deu lugar à militância. Ainda em Cajazeiras, organizou passeatas, denunciou o uso político das verbas para a seca e passou a ser monitorado pela polícia. Já em Recife, onde ingressou no curso de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o cerco a Cajá se intensificou. “Tive professor que dizia: ‘Brasil,

ame-o ou deixe-o’. E eu respondia: ‘Eu o amo e não vou sair. Vou lutar para transformar o Brasil de uma ditadura em uma democracia’”, conta. Por lá, ajudou a reorganizar o grêmio estudantil, cuja referência era Jonas José, a primeira vítima do Golpe de 1964. “Ele e Ivan Aguiar foram os primeiros jovens assassinados pelo Exército brasileiro, em Pernambuco, porque organizaram uma passeata”.

Nessa época, Cajá integrou a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e passou a atuar ao lado de Dom Hélder Câmara, na Comissão de Justiça e

Paz. Segundo ele, foi Dom Hélder quem o acolheu e o rebatizou com o apelido que, mais tarde, viraria sinônimo de resistência. Entretanto, à medida que começou a viajar pelo país, para reorganizar a União Nacional dos Estudantes (UNE), Cajá tornou-se, aos olhos do regime, uma pessoa perigosa, cujos passos deveriam ser vigiados constantemente. “Eu sabia que estava sendo perseguido”. Antes mesmo da prisão, ele sofreu duas tentativas de sequestro – uma no Rio e outra em São Paulo –, das quais conseguiu fugir. Na terceira vez, porém, não teve como escapar.

Prisão, em 1978, inflamou o movimento estudantil no país

Na sexta-feira anterior ao Dia das Mães de 1978, Cajá ligou para a namorada, Maria das Graças – com quem se casaria depois –, para combinar os planos do fim de semana. Como ele sabia que o telefone da Diocese estava grampeado, mencionou que o “tempo estava nublado”, quase como um aviso de que algo estava prestes a acontecer. Disse, ainda, para resolverem no dia seguinte, em um encontro na casa de uma colega. Mas ele não apareceu. Foi sequestrado ali mesmo, sem mandado. Cajá conta que a tática era conhecida: levar quem era indesejado para torturar e até

matar, sem deixar qualquer rastro. Naquele fim de semana, ele não dormiu ou sequer se alimentou; apenas apanhou, mas nunca em silêncio.

Na segunda-feira, o nome de Cajá foi oficializado na lista de presos do DOI-Codi, já que seu sumiço havia inflamado ainda mais o movimento estudantil. “Minha prisão serviu como combustão para a luta pela campanha das liberdades democráticas, pela anistia dos exilados e companheiros presos. Eles não podiam mais me torturar, porque meu caso virou um escândalo na imprensa”, analisa.

Sua clausura levou à UFPE

a primeira greve estudantil desde 1969, que se espalhou para outras universidades. Em meio à reação nacional, a cantora Elis Regina chegou a dedicar um show à liberdade de Cajá – que acabou tornando-se o último preso político libertado da Ditadura.

Companheirismo

No meio desse turbilhão, Maria das Graças permaneceu firme. Ao longo dos mais de 12 meses de prisão do companheiro, ela o visitou todos os domingos em que era permitido. Mais tarde, eles casaram-se, tiveram três filhos e, hoje, são avós de cinco netos.



O jovem Cajá foi sequestrado pelo DOI-Codi, em Recife; à época, Elis Regina dedicou-lhe um show

“É preciso criar uma cultura de ‘nunca mais’”, diz militante

Mesmo preso, Cajá não desistiu de estudar. Chegou a fazer uma prova na cadeia, com a ajuda de uma professora que ousou atravessar o abismo imposto pela repressão. Foi assim que ele conseguiu concluir o curso de Sociologia, em 1983. De lá para cá, seguiu escrevendo, palestrando e, principalmente, resistindo. Afinal, os

fantasmas da Ditadura Militar ainda não foram, de fato, exterminados. “Precisamos punir os que golpearam a democracia e criar uma cultura de ‘nunca mais’. A justiça de transição foi aplicada em todos os países que passaram por isso, como Chile, Uruguai e Argentina. O Brasil é o único que não o fez”, alerta Cajá, frisando que

punição não é revanchismo, como bem representa a coalizão pela Memória, Verdade, Justiça, Reparação e Democracia.

Ele também reforça a importância de se entender o que houve durante o Golpe de 1964, para impedir que a história se repita. Essa memória não pode ser apagada, até porque, na visão dele, a

juventude de hoje ainda carrega os efeitos da Ditadura, como o desinteresse político e o esvaziamento das Ciências Humanas nas escolas. Nas palavras de sua filha, Mariela Oliveira Nunes, a democracia brasileira precisa de muitos Cajás – gente realmente disposta a transformar o Brasil em um país mais justo.

Saiba Mais

■ Cajá estará em João Pessoa, de 10 a 13 de abril, para participar do 9º Encontro de Comitês e Comissões de Memória, Verdade e Justiça: Norte e Nordeste. O evento, aberto ao público, visa debater e fortalecer a justiça de transição. Além disso, os 61 anos do Golpe Militar serão tema de uma mesa-redonda promovida pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em parceria com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). O encontro acontece no dia 1º de abril, às 19h, no auditório 411 do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

LER É UM PRESENTE!

A partir de R\$50 em compras **ganhe brindes** com estampas de Violeta Formiga e Gonzaga Rodrigues

Invista **R\$50**
Ganhe um **caderno exclusivo**



Invista **R\$100**
Ganhe uma **ecobag estilizada**

Invista **R\$150**
Ganhe uma **caneca especial**



Não perca essa oportunidade de levar um pedacinho da cultura paraibana para casa!

Saiba mais 83 99604-0011

@livrariaauniao

Promoção válida até durar o estoque



Espaço Cultural José Lins do Rego - Box 13



Livraria

AUNIÃO

Poeta
Juca Pontes

PESQUISA

Concerto e São João em alta

Música clássica e festas populares foram destaques de João Pessoa no levantamento Cultura nas Capitais, mas a cidade fica devendo em frequência a cinemas e teatros

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Cidades nordestinas, como João Pessoa, apresentam índices de acesso a atividades culturais abaixo da média nacional. É o que conclui João Leiva, da JLeiva Cultura e Esporte, que realizou a extensa pesquisa *Cultura nas Capitais*, em 2024, em parceria com o Datafolha, na tentativa de tecer um panorama do acesso a atividades culturais nas capitais brasileiras. “Isso está muito ligado à educação e à renda. Na região, o percentual de pessoas com Ensino Superior e renda alta ainda é menor”, afirma Leiva. Mas surpresas boas também surgiram para os pesquisadores: “Não imaginava que João Pessoa teria um percentual alto de concertos de música clássica, mas a história local explica”, conta. A apresentação pública dos resultados referentes à capital paraibana aconteceu na terça-feira (25), no Espaço Cultural, com a participação de produtores e agentes culturais.

Em João Pessoa, o levantamento contou com 600 entrevistas presenciais em João Pessoa e outras cidades da região, e apontou fatores como educação, renda e comunicação como determinantes para o acesso à cultura. Leiva, responsável direto pelo estudo, explica que a ideia surgiu da necessidade de criar indicadores para justificar investimentos em cultura.

“Eu comecei a trabalhar na área cultural fazendo consultoria para empresas que queriam investir em cultura”, explica. “É uma das dificuldades que eu tinha, às vezes, era apresentar indicadores, evidências, que justificassem as minhas ideias para um empresário, para alguém que não era da área de cultura, não conhecia a área de cultura — e não tinha obrigação de conhecer”.

Frequentemente, faltavam-lhe os dados. Foi então que, a partir de 2010, Leiva passou a se dedicar a pesquisas na área, facilitadas por sua experiência de quase uma década de trabalho junto ao jornal *Folha de São Paulo*.

HÁBITOS CULTURAIS DO PESSOENSE

O habitante de João Pessoa vai menos a cinema e teatro que a média das capitais, mas vai mais a concertos de música clássica

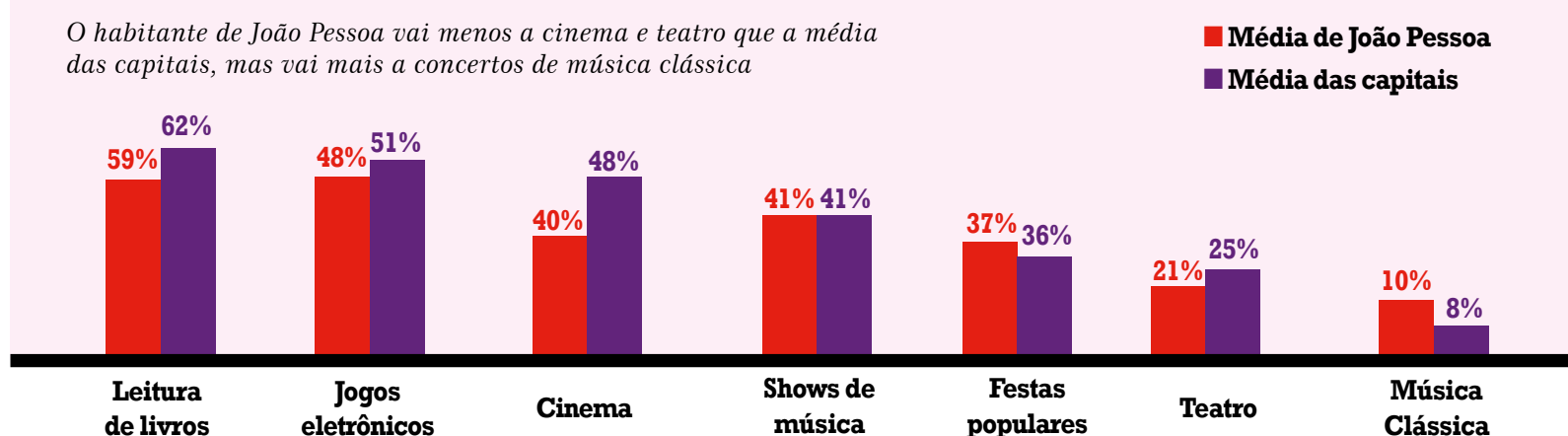


Foto: Carlos Rodrigo
João Leiva apresentou os índices em evento no Espaço Cultural

A pesquisa foi realizada entre 19 de fevereiro e 22 maio de 2024 e contou com a realização de 3 mil entrevistas em São Paulo, 1.500 no Rio de Janeiro e 600 nas demais capitais (estas com margem de erro de quatro pontos percentuais). Os questionários foram padronizados, com algumas adaptações locais, como perguntas sobre festas populares e espaços culturais preferidos.

“Para a gente é, na verdade, um aprendizado cada vez que a gente vai numa cidade apresentar os dados, porque a gente tem algumas referências, mas não consegue interpretar todos os dados de todas as cidades, porque você precisa de um conhecimento da dinâmica local”, explica João.

Confira abaixo alguns dos principais resultados da pesquisa, que se debruçou sobre 14 tipos de atividades culturais. É válido ressaltar que a maioria dos entrevistados é mulher (54%), de cor parda (47%), heterossexual (84%), com idade entre 25 e 59 anos e com filhos (65%).

Música clássica

Entre os destaques, o acesso dos pessoenses a concertos de música clássica, em João Pessoa, atingiu 10%, batendo a média na-

cional, que é de 8%. Para Marcus Alves, presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), isso se explica pela presença histórica de boas orquestras na cidade, que conta com sinfônicas do estado, do município e da UFPB, além da Orquestra Jovem da Paraíba.

Teatro

Do total de moradores de João Pessoa que disseram ter ido ao teatro no período da pesquisa (21%), os tipos de peças mais frequentados foram infantis (11%) e musicais (10%), motivados principalmente por razões de passeio (24%) ou por levar os filhos (12%), o que é explicado pelo elevado número de mães respondentes.

Cinema

O acesso ao cinema apontou 40 pontos percentuais, consideravelmente abaixo da média nacional, o que, para Bia Cagliani, presidente da Funes, tem muito a ver com o preço exorbitante dos ingressos. Os festivais gratuitos de cinema, como o Fest Aruanda, no entanto, costumam atrair um público expressivo, o que confirma a tese de Bia, mostrando que o interesse potencial do público pela sétima arte está vivo.

Museu

Quem declarou ter ido a algum museu ou exposição de arte, apontou como museus equipamentos como o Hotel Globo (4%), Espaço Cultural (2%), Usina Cultural Energisa (2%) e até mesmo o Centro Histórico da capital (3%). Mas a maioria não foi capaz de especificar nem mesmo o último museu que havia visitado no período.

Público potencial

A pesquisa também inquiriu dos entrevistados que não foram a qualquer atração cultural, se havia, no entanto, o interesse em fazê-lo. Os resultados apontam o que foi chamado de “público potencial”: em duas áreas — teatro (32%) e museus (27%) — o percentual dos que gostariam de ter ido chega a superar o número daqueles que foram. Para o produtor cultural Rayan Lins, trata-se de um problema estrutural: “O problema é o capitalismo”.

Espaço Cultural

O Espaço Cultural José Lins do Rêgo foi registrado como o equipamento mais frequentado na capital, entre 76 outros locais apontados na cidade. Inclusive, em meio a uma lista de 10 equipamentos culturais listados pela pesquisa, o Espaço Cultural apresentou 69% de respondentes que conhecem o local e já foram, seguido por Estação Cabo Branco (67%), Teatro Santa Roza (55%) e Usina Cultural Energisa (45%). “Muitos me fazem a mesma pergunta: pode entrar gratuitamente? E eu respondo, ‘deve entrar’”, afirma Bia Cagliani.

Festas populares

Os moradores de João Pessoa que disseram ter ido a festas populares (37%) citaram 35 manifestações populares mais frequentadas, e não deu outra: o São João despontou com 75% de frequência, seguido por blocos de carnaval (55%) e desfiles de carnaval (37%). As festas juninas foram apontadas como o evento cultural mais importante da cidade, o que explica a predileção esmagadora do forró (47% dos entrevistados) seguido pelo gospel (27%), MPB (26%) e sertanejo (22%) — um índice que supera a média do gênero nas 27 capitais, que é de 16 pontos percentuais.

Além do acesso aos espaços, a prática de atividades culturais também foi investigada. Dos entrevistados, 40% responderam que praticam ao menos uma atividade cultural, atribuindo à saúde mental (44%) o principal benefício em torno dessa prática.

De acordo com João Leiva, escolaridade e renda são mesmo os dois fatores que mais pesam nos resultados, já que as regiões Sul e Sudeste, onde estão localizados os centros econômicos do país, apresentam índices superiores de adesão e acesso.

Apesar dos obstáculos, Leiva enxerga avanços. “Há uma diversificação de atividades e espaços culturais. Não só os tradicionais, mas também praças, cinemas e até pistas de skate aparecem como locais de cultura”, destacou. O desafio, segundo ele, está no aperfeiçoamento da divulgação como forma de atrair o público, que em maioria associa cultura a bem-estar.



Foto: Divulgação/Funes
Concerto da Sinfônica da Paraíba: tradição da cidade com música clássica coloca frequência acima da média nacional

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | ColaboradorSeleção Brasileira:
do orgulho ao ressentimento

A Seleção Brasileira de Futebol, em aproximadamente uma década, saiu de símbolo de orgulho para vergonha e decepção nacional. Durante esse tempo, acumulam-se vexames: derrotas para adversários tradicionalmente inexpressivos, eliminações em Copas do Mundo e a goleada histórica por 7x1 contra a Alemanha, em 2014, no Mineirão. Aquele jogo não representa apenas uma derrota por placar elástico, ele pode ser entendido como um rito de passagem que produziu uma espécie de desencantamento coletivo. O Brasil que se via como “pátria de chuteiras”, orgulhoso de seus feitos futebolísticos e de seus craques históricos, descobriu-se frágil e impotente, despedaçado diante de sua torcida.

Desde então o trauma alimenta-se de novos fiascos. Cada eliminação precoce ou derrota é revivida como uma confirmação: a seleção não cumpre mais um

■
A pergunta que se impõe a cada humilhação: é possível reencantar esse símbolo?

papel de unificação simbólica da nação, de mito que unia diferentes classes sociais e regiões do país, acentuando a existência de uma fratura em nosso projeto de nação.

Esse mal-estar respingou também sobre a camisa canarinho, antes vestida sem hesitação em dias de jogo, motivo de ostentação, signo da brasilidade, perdeu o brilho e tornou-se objeto em disputa. Na medida em que foi apropriada por gru-

pos de extrema direita, como símbolo de patriotismo e de uma identidade nacional supostamente “pura”, mas que, no fundo reflete uma atitude basbaque em relação aos EUA e de negação à riqueza cultural do país, seria por isso abandonada por parte da torcida que se recusa a vesti-la por associá-la ao ódio.

Essa perda de significado pode ser vista também no fato dos jogadores do passado serem vistos como atletas comprometidos, que amavam a seleção, enquanto a geração atual é tida como distante, preocupada exclusivamente com dinheiro e fama.

A pergunta do nosso tempo, que se impõe a cada aprofundamento da crise, a cada humilhação, como a derrota da última terça-feira por 4x1, para a Argentina, pode ser sintetizada da seguinte forma: é possível reencantar esse símbolo nacional?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Desembrutecimento: desafios e transformações

A autonomia pessoal pela educação erudita na China envolve aspectos culturais e sociais. A música, ao longo da ancestralidade chinesa, exerceu uma função decisiva tanto nas práticas educacionais para a valorização do próprio pertencimento quanto na formação da identidade individual e coletiva. Nos dias atuais, a educação da China contribui para mudanças sociais que se projetam no Ocidente no e Oriente de forma digna.

Na antiga China, a música sempre foi uma das artes fundamentais da educação. Durante as dinastias como a Tang (618-907 d.C.) e a Song (960-1279 d.C.), o acesso à educação musical era reservado à elite intelectual e imperial, e influenciava a formação espiritual e filosófica. Um dos responsáveis desse processo foi os ensinamentos do filósofo chinês Confúcio (552-489 a.C.), que defendia a música sendo essencial para a formação ética da pessoa. Sua obra conhecida é *Os Analectos*. Esse livro é uma coleção de aforismos, nos quais são abordados os ensinamentos para a prática da sabedoria, coragem e outras virtudes. Para Confúcio, a benevolência é a mais importante que um ser homem pode vivenciar. Na perspectiva confuciana, a musicalização era um meio para estimular a harmonia interior e a disciplina pessoal, portanto, era praticada não só como um aprimoramento das habilidades artísticas, mas como uma forma de amadurecimento pessoal, em especial do caráter.

Com a Revolução Chinesa e a chegada do regime comunista em 1949, a educação musical na China passou por uma transformação significativa. Durante a Revolução Cultural de 1966 a 1976, sob a liderança de Mao Zedong (1893-1976), a música foi instrumentalizada como uma ferramenta de propaganda política. O regime de Mao promoveu a música revolucionária e compositores e escritores como Li Qiang (1959) e Wang Zhiwen (1906-1947) promoveram a ideologia comunista, buscaram unir os chineses de forma a reforçar a identidade socialista. Essa fase restringiu as expressões musicais mais diversificadas e a liberdade criativa em várias manifestações artísticas. No entanto, com as reformas econômicas e culturais, que começaram na década de 1980, a China gerou uma mudança no modo como a música era abordada nas escolas e universidades. Durante esse período



O pianista Lang Lang: a China potencializa criatividade em todos os setores do conhecimento

do foram incorporados estilos musicais mais diversificados, incluindo influências ocidentais.

No século 21, a educação musical na China influencia as mudanças econômicas, culturais e as leis trabalhistas desse país. As escolas, as universidades e Conservatório Central de Pequim formam artísticas com conhecimento erudito influenciado pela cultura dos seis continentes. Nos dias atuais, a China potencializa a criatividade em todos os setores do conhecimento, bem como a inovação tecnológica. A globalização tem permitido aos estudantes chineses que se envolvam com vários estilos, desde o jazz até a música erudita ocidental. Essa formação tem potencializado valores como a disciplina, a perseverança, a colaboração e o respeito entre todos. Por exemplo, ao aprender a tocar um instrumento, o aluno chinês precisa lidar com os desafios da prática constante, o que fomenta o senso de autoconfiança. A partir disso, a

música é uma forma de resistência e afirmação de identidade entre as gerações, que buscam formas de se expressarem e conviverem com o desafio de desembrutecer as tensões entre tradição e modernidade. Um dos resultados disso é a crescente popularidade da música *K-pop* e das plataformas digitais, porque muitos jovens têm compartilhado suas habilidades de formas inovadoras, o que impulsiona a sua emancipação pessoal pela música.

Sinta-se convidado à audição do 513º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 30, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em rádio ao vivo) pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre as contribuições do pianista chinês Lang Lang (1982), que humanizaram as leis trabalhistas do Partido Comunista da China.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Diabinhos
martelando

Uma palestra proferida pelo jornalista José Vieira sobre a “IA e as redes sociais”, na Esma, com imagens reais, deixou a plateia atenta, de orelha em pé. Não porque o tema se caracteriza numa insuficiência de autonomia de cada um diante das redes sociais, de críticas abertas e até violentas, que os portais por aí não passam nem perto.

Vieira mostra que ser *influencer*, ter credibilidade estabelecida e muitos seguidores em um nicho ou setor específico ou não ser nada disso, nesse meio, para criar opiniões esclarecidas, estimular a liberdade de expressão, aquele que produz conteúdo, mas não pensa quando faz uma postagem aleatória comprometedor. Tá assustado, tá?

José mostra o caldo dos seguidores, dos atacantes, aqueles que estão na bolha e os que tentam colocar a prática em pauta, ideias preconcebidas, até que de repente passam a ser um produto comercial e perdem o interesse dos outros. Mas o quão perigoso é dar opinião e expor uma imagem errada, em meio as reviravoltas em que estamos a conviver.

Determinados perfis passam do limite e terminam desabando diante de uma postagem em que constate preconceito ou coisa assim — e o dono perfil perde patrocinadores, seguidores e em caso de famosos, nem se fala. O post passa a ser modelado pelos contatos pessoais, pelo compadrio, conluio, mancomunação e até pela camaradagem oportunista e o que pior possa parecer.

Não existe apoio mútuo ou que sirva sobretudo para fazer postagens sem pensar e promover a própria vaidade, onde uns e outros escrevem horrores, ou seja, para o benefício do seu estreitíssimo círculo (se é que isso existe ainda...) que salta para uma legião de influenciadores virarem reféns. E tem as crianças influenciadoras.

Não é brincadeira, lembra Vieira, os interesses particulares e de afinidades pessoais ou políticas; que as decisões tomadas nas redes sociais são movidas, não raro, por simpatias e antipatias, e menos por critérios de relevância social. Jamais.

Em sua performance, Vieira mostra a chegada dos celulares e da internet e o contraponto dessas panelinhas ímpares dos diabinhos martelando, cujo silêncio em torno de certos nomes ou personalidades, é só dar um *print* e aí já viu...

Estamos hoje diante de paredes e erros e não meros profissionais e os seus textos manobras publicados nos sites em que a inteligência artificial domina, feito uma facção que traduz o mal, a favor dos *hackers*, um campo minado, que saem de casa com uma metralhadora e escolhem quem será atacado naquela manhã. Mas isso parece já ter se estabelecido, o pior arrependimento de uma postagem que já foi dado o *print* e se espalhado, aí sim, a coisa se complica.

Na palestra, José Vieira nos alertou que as relações humanas estão cada vez mais distantes, envolvimento com quem não conhecemos, e que isso propicia esquemas, maroscas, traições, novas conviências, solidariedades mentirosas ou interesseiras; que todas essas redes de cumplicidades e de relações pessoais são tecidas, em grande medida, nos inúmeros eventos, basta abrir a janela.

Sufrágio on-line, que isso seja pensado antes que escandalizado e ninguém possa se salvar e já não é coisa de plasmar. Milhares de perfis falsos, robôs, feitos só para olhar a rede social dos outros e fazer valer o desrespeitar, sem censura nem emenda, o trabalho de uns e outros, mas é preciso cuidado, muito cuidado.

O descaramento e a desfaçatez são crescentes. Estamos à deriva com discussão sobre todos estas questões que enovelem, enrolam as redes, o tik-tok, a besta fera.

Em meio ao cenário sombrio...

Kapetadas

1 – Foi tanto medo que o réu roeu a roupa do rato.

2 – A verdade chega de mansinho e ninguém nota. A *fake news* aparece de helicóptero e dá entrevista coletiva.



O jornalista José Vieira, durante sua palestra realizada na Esma

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

O aporte da literatura ao cinema

Vivemos numa época de shows pirrotécnicos, cotidianamente. Não apenas por intermédio de nossa mídia eletrônica, mas também no cinema. Não menos nessa que é vista e considerada “a arte dos sonhos”.

Agora, a pergunta que não quer calar: como se dormir e sonhar com um barulho desses? Quando temos visto também em cinema — até como recurso de mais atração de mercado, sobretudo na grande maioria de suas produções —, a exacerbação de audácias estéticas e cinesias visuais, buscando uma maior concorrência frente à TV.

Sempre entendi que o cinema é usuário da literatura. E como tal, o bom cinema é aquele feito com requintes tradicionais de linguagem, demandando os recursos literários. E isso diz respeito às formas originais cinematográficas: *script* e narrativa. Ou seja, a forma correta de narrar uma história usando de uma “roteirização”.

Mesmo que alguém tenha afirmado que “O cinema é o mais livre de todos os meios de comunicação, pode-se realizar maravilhas com ele” (Henry Miller, ensaísta e escritor norte-americano), diria

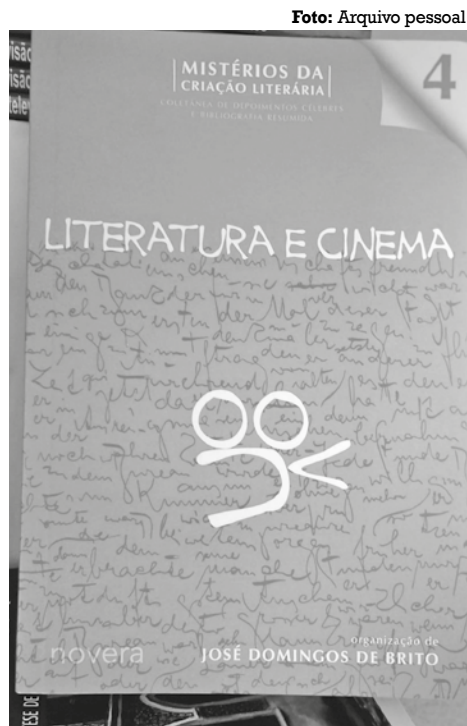


Foto: Arquivo pessoal

“Literatura e Cinema”, de Domingos de Brito

que, na composição de uma obra fílmica, necessariamente, estariam os recursos narrativos essenciais. São peças de produção, como o *script* (roteiro), que orientam o argumento.

O cinema é (sempre foi) a representa-

ção dos fatos e da realidade. Desde que D.W. Griffith resolveu mobilizar sua câmera com o filme *Intolerância*, em setembro de 1916, nos Estados Unidos. Criou-se, então, um novo olhar sobre os fatos vigentes. Ele deixaria de lado o registro documental para trabalhar com a dramaturgia, considerando-a o “verdadeiro cinema”.

Sobre essa questão do roteiro cinematográfico, como sendo uma peça de maior interesse no cinema, nesta semana recebi de um amigo “cinéfilo” um pedido para que lhe indicasse um livro sobre o assunto. Disse-me ele: “Alex, na composição de um filme, gosto muito de roteiro. Você me recomenda algum livro básico de roteiros? Ou de cinema?”. Respondendo ao pedido do amigo José Mário, aleguei que o *script* é também peça-chave em cinema.

E não só sobre roteiro, indique-lhe um livro que gosto muito, que é: *Literatura e Cinema*, editado pela Movera e organizado por José Domingos de Brito. Pois bem, sempre vi na dramaturgia a literatura como um dos fortes suportes aos *scripts*. — Para mais “Coisas de Cinema”, veja: www.alexdamtos.com.br



Outorga do título a acadêmico da APC

A Universidade Federal da Paraíba, por meio do Centro de Comunicação, Turismo e Artes e seu Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, com apoio do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), a partir do Programa Acadêmico de Outorga do Título de Professor Emérito da UFPB, prestarão homenagem ao professor Pedro Nunes Filho. A solenidade será realizada na próxima sexta-feira (4), às 19h, no Cine Aruanda do CCTA do Campus 1, em João Pessoa. A solenidade será presidida pela reitora Terezinha Domiciano. Pedro Nunes é ocupante da cadeira 28 da Academia Paraibana de Cinema.

TEATRO

Dois espetáculos gratuitos no Paulo Pontes

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) encerra, hoje, sua programação especial em homenagem ao Dia Mundial do Teatro e o Dia Nacional do Circo (ambos comemorados no último dia 27) da melhor forma possível: dois espetáculos gratuitos tomam o palco do Teatro Paulo Pontes. O primeiro, às 16h, é *Brincando de ser Brincante*, do coletivo paraibano Los Iranzi. O segundo, às 18h, é *Hiléia, Semeadora das Águas*, da companhia paulista Mundu Rodá.

Los Iranzi, família de artistas circenses, trazem os tradicionais números do circo num espetáculo para toda a família: malabares, pernas de pau, número de dança e de ilusionismo e, claro, muita palhaçaria. O show foi produzido não apenas com as técnicas tradicionais do segmento, mas por meio de pesquisa

profunda na trajetória dos mestres populares. Integram a trupe Júnior e Virginia Iranzi, os pais, que fazem os papéis de Chumbinho e Mamadeira; Luana, Pedro e Manu Iranzi, os filhos, dão vida a Jujuba, Espoleta e Coxinha.

A arte acompanha o coletivo há pelo menos mais uma geração. Júnior revela que cresceu imerso na arte — sua mãe era cantora e seu pai artesão. Ele ainda lembra que, na juventude, o picadeiro dos circos era um dos principais palcos utilizados pelos artistas populares.

“Eu e minha companheira, que é argentina, fizemos parte do Rolando Circus, uma trupe de artistas de rua que percorriam a América Latina, nos anos 1990. Nossas apresentações eram em semáforos, praças e comunidades urbanas e rurais”, recorda.

O contato dos filhos com o universo dos pais foi natural — todos pediam para

Foto: Divulgação



“Hiléia, Semeadora das Águas”, com Juliana Pardo, começa às 19h

aprender e participar dos shows, chegando até a montar pequenas cenas. Outra das lições que os Iranzi ensinaram aos pequenos foi a importância das artes para o ser humano. Há alguns anos, a família criou o Estação Esperança, projeto que leva números e oficinas circenses para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, residentes na Grande João Pessoa.

“Temos que dizer ‘não’ ao preconceito e seguir em ações de projetos sociais, na construção de escolas de artes e no desenvolvimento de políticas públicas que melhorem e facilitem a propagação e a continuidade dessa arte milenar”, assinala o ator.

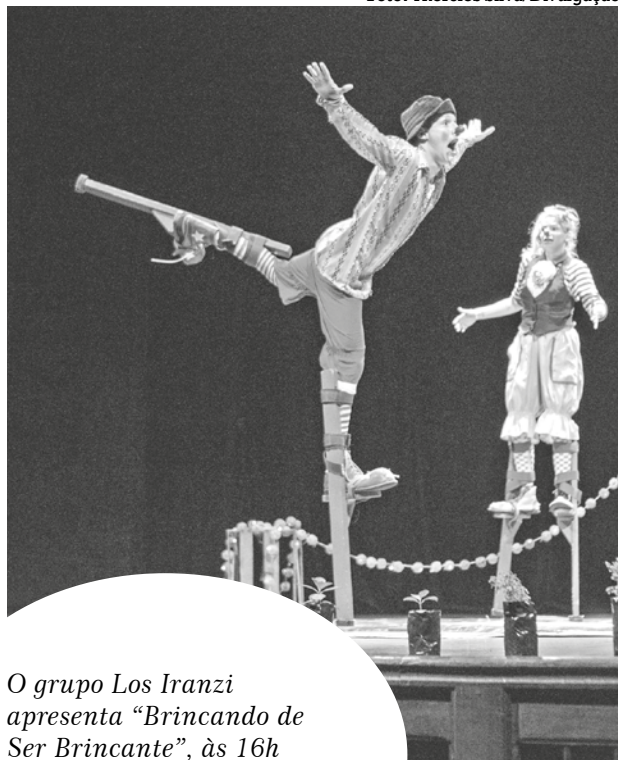
Já *Hiléia, Semeadora das Águas* é um monólogo que põe em movimento a atriz Juliana Pardo, em compa-

nhia da musicista Alice Amaral, responsável pela trilha sonora ao vivo. A protagonista herda da avó uma coleção de rios engarrafados. Ao abrir essas garrafas, uma torrente de emoções toma conta do espetáculo, que explora temas diversos — da essência feminina ao luto.

“Hiléia começa a ter fragmentos de memórias da sua avó, como se fossem dela. Falamos sobre ser mulher em diferentes gerações”, explica Juliana.

ONDE:

■ TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).



O grupo Los Iranzi apresenta “Brincando de Ser Brincante”, às 16h

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Sábado feliz!

Mirabeau Dias, criador de outro Sabadoyle. Nunca fui ao de Plínio Doyle, no Rio de Janeiro. Posso, no entanto, um livro que conta sua história e reproduz todas as suas atas. As atas registram infortúnios e alegrias. Grandes presenças que encheram aqueles sábados de glória e esplendor!

Gente maior era *habitué*. Drummond, Bandeira, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Zé Lins, Jorge Amado, só para referir gente de raça e gênio. Pessoa, vivo fosse, estaria lá, sempre acompanhado de Mário de Sá-Carneiro, e os opacos e cinzentos domingos de Paris.

Daqui, das terras tabajaras, sei que Elisabeth, a sagrada, esteve por lá, com seu charme, elegância, sabedoria. Betinha revelou Campina Grande ao mundo, pela felicidade da literatura. Botou, na mesma mesa, Eulajose Dias de Araújo e Affonso Ramano de Sant’Anna, Haroldo de Campos e Maria José Limeira, Carlos Nejar e Milton Marques Júnior.

Nunca estive lá, no Sabadoyle do Plínio. Mas estive, na semana passada, no de Mirabeau. Fui recebido com toda a generosidade da casa, meio tímido, meio perplexo. Não sabia o que me esperava. E sentei-me entre velhos e queridos amigos, cabeças singulares, ética nas atitudes, verdade na alma. Gente rara. Gente que nem existe mais!

Minto. Existe. Senti na pele!

Ouvi o anfitrião falando do cuidado, a partir de um velho texto que escrevi sobre as palavras, num livrinho que intitulei de *Vou por Ai*. Que bom ver alguém, e alguém de quilate intelectual, lendo seu texto em público. Tentando dizer, aos outros, presentes na longa e aconchegante mesa, de minha humilde existência livresca e literária. Mostrando, no gesto corporal e auditivo da leitura, que o autor estava ali, naquela manhã de março, março que nunca foi um mês dos melhores, pelo menos na minha memória torturada. Mirabeau é um dos melhores! Disse-me que devemos procurar a felicidade.

Na fala de João Batista de Brito, vi a ternura da confidência. Não sei por que, toda vez que vejo JBB, lembro-me de Emily Dickinson, dos sigilos embutidos na poeticidade da língua inglesa, nos sonetos de Shakespeare, nos contos de Poe, no escriturário de Herman Melville e de tudo que não sei do mistério das traduções. João me parece um idioma rico e indecifrável.

Gil Messias é quase uma lenda. Ninguém toca as páginas dos livros raros como ele, ninguém sabe certas coisas como ele, como ele ninguém mergulhou fundo na interioridade das coisas humanas, naquilo que elas possuem de desacerto e de inexplicável. Só sabe isso quem se dá aos enigmas da escrita de obituários. Francisco Gil Messias é um poeta das tristezas da aldeia.

Clóvis foi perfeito como a dor de um velho engenheiro. Comoveu-me além da conta. Se fez meu melhor leitor, na ausência e no anonimato. Creio que a inteligência tem a forma do recato e a substância do silêncio. Nada vale a minha palavra de gratidão. Apertar a sua mão foi o código melhor.

Sérgio Rolim, que sabe das secreções da água e dos sistemas internos da terra, disse que eu era “bom”. Não sei. Imagino, às vezes, que a engenharia é a poesia de uma possível exatidão. Os números dialogam com as palavras quando os esgotos explodem e se abrem para a vida. Há vida em tudo. Na cloaca, no caos, na catedral, na clareira da palavra.

João de Lima trouxe-me a grandeza de Péricles Leal. Paiva me jogou na luxúria dos passarinhos. Trocar uma faca de ponta por um canário da terra se converte num poema. Cabo Sérgio delegou-me a luz, disse que eu era a referência de nossa juventude intelectual e boêmia. Ninguém falava, como Sérgio, nas tribunas calorosas das assembleias estudantis. Nada mais monstruoso que uma ditadura.

Certa feita disse que todo sábado é mágico. E é mesmo. Dizem que Deus descansou do imenso esforço de sua obra nesse dia, o sétimo dia. Dia mágico. Já fiz poemas sobre isto. Sobre a grandeza dos sábados. Só que nesse sábado, 22 de março de 2025, fui feliz!!

MÚSICA

Juliana Linhares mostra conexão paraibana hoje

Show da cantora natalense, com o violonista carioca Rodrigo Garcia, tem canções de Cátia de França, Jackson do Pandeiro e Marinês

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Juliana Linhares nasceu em Natal (RN), mas radicou-se, desde 2010, no Rio de Janeiro. É de lá que traz pela primeira vez à Paraíba, em duo com o violonista carioca Rodrigo Garcia, o show *No Raso da Catarina*, que já percorreu diversas cidades do Sudeste. A apresentação acontece hoje, às 18h, no Loca como Tu Madre, em João Pessoa. Os ingressos estão à venda a partir de R\$ 50 (meia).

No Raso da Catarina reúne um repertório marcado por homenagens a grandes nomes da música nordestina e por uma atmosfera intimista que mistura mistério e humor. “Estou ansiosa porque é a primeira vez que a gente faz esse show fora do Sudeste. Quero entender como ele vai reverberar e como as pessoas vão receber”, afirma Juliana.

O título do show é uma referência à compositora Cátia de França, homenageada em várias canções do espetáculo, e à ecorregião do Raso da Catarina, localizada na Bahia e conhecida por sua mística.

O show será apresentado em formato voz e violão. “É um formato que me deixa feliz porque consigo entregar o show completo em qual-



Foto: Divulgação

Juliana e Garcia apresentam-se à noite no Loca como Tu Madre, em Miramar

quer lugar. Não sei se é permanente, mas é algo que sempre pode acontecer quando surge a oportunidade”, destaca.

Além de canções emblemáticas de Cátia de França, como “Quem vai, quem vem” e “Sustenta a pisada”, ambos do disco *20 Palavras ao Redor do Sol* (1979), o espetáculo presta tributo a artistas como Jackson do Pandeiro, Cecéu, Marinês, João do Vale, Ednardo e Oliveira de Pannels.

A Paraíba ocupa um lugar especial na trajetória da artista. “Meu pai é paraibano. Conheço João Pessoa e muitos lugares do interior. Para mim, a Paraíba é um lugar que me alimenta muito”, conclui.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 27 de março a 2 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

A BATALHA DA RUA MARIA ANTÔNIA. Brasil, 2025. Dir.: Vera Egito. Elenco: Pâmela Germano, Gabriela Carneiro da Cunha, Isamara Castilho. Drama. Em 1968, estudante de filosofia da USP se vê em uma batalha campal entre estudantes e o Comando de Caça aos Comunistas. 1h20. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qui. a ter.: 14h.

CÂNCER COM ASCENDENTE EM VIRGEM. Brasil, 2025. Dir.: Rosane Svartman. Elenco: Suzana Pires, Marieta Severo, Júlia Conrad, Fabiana Karla. Comédia/drama. Professora enfrenta desafios diários quando descobre que tem um câncer. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 15h, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 18h50; seg. e ter.: 14h10, 16h30, 18h50; qua.: 14h10, 16h30. CINESERCLA TAMBIA 2 (laser): 14h40, 18h50. CINESERCLA TAMBIA 3: 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: 14h40, 18h50. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h40.

NOVOCAÍNE – À PROVA DE DOR (Novocaine). EUA/Canadá/África do Sul, 2025. Dir.: Dan Berk e Robert Olsen. Elenco: Jack Quaid, Amber Midthunder, Ray Nicholson. Aventura/Comédia. Homem que não sente dor usa isso como vantagem para resgatar a garota dos seus sonhos de um sequestro. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dom.: dub.: 13h30, 18h30; leg.: 16h10, 21h; seg. a qua.: leg.: 16h10, 21h; dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 14h30, 17h, 19h30, 22h; qua.: 14h30, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h30, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h50, 17h, 19h10, 21h20; seg. e ter.: 17h, 19h10, 21h20; qua.: 16h50, 21h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h30, 18h40, 20h50.

OESTE OUTRA VEZ. Brasil, 2025. Dir.: Erico Rassi. Elenco: Ângelo Antônio, Roger Rogério, Babu Santana, Daniel Porpino, Antônio Pitanga. Drama/faroste. No interior de Goiás, dois homens brutos

são abandonados pela mesma mulher e se viram violentamente um contra o outro. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 16h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: sex. a ter.: 21h10.

QUANDO CHEGA O OUTONO (Quand Vient l'Automne). França, 2024. Dir.: François Ozon. Elenco: Hélène Vincent, Josiane Balasko, Ludivine Sagnier. Drama. Duas mulheres que vivem num vilarejo da Borgonha enfrentam problemas com seus filhos. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 17h15.

RESGATE IMPLACÁVEL (A Working Man). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: David Ayer. Elenco: Jason Statham, Jason Flemyng, Michael Peña, David Harbour. Aventura. Trabalhador da construção civil volta às suas velhas habilidades violentas para investigar o desaparecimento de uma garota. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: dub.: 14h20; leg.: 19h; qua.: dub.: 14h20. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 19h30; leg.: 17h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h45; seg. a qua.: 16h15, 18h45, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2 (laser): dub.: 20h50. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h40. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h15. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 16h50, 19h; qua.: 19h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h15, 16h30, 18h45; seg. e ter.: 16h30, 18h45, 21h; qua.: 21h.

PRÉ-ESTREIA

UM FILME MINECRAFT (A Minecraft Movie). Suécia/EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. Classificação não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qua.: dub.: 2D: 14h, 18h30; leg.: 16h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qua.: dub.: 12h30, 14h45, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: qua.: dub.: 3D: 14h15, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: qua.: leg.: 13h15, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): qua.: 3D: dub.: 13h45, 18h30; leg.: 16h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qua.: 3D: dub.: 12h45, 15h, 17h30; leg.: 20h, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: qua.: dub.: 3D: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: qua.: dub.: 15h15, 18h, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 6: qua.: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. Campina Grande:

CINESERCLA PARTAGE 2: qua.: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. Patos: CINE GUEDES 2: qua.: dub.: 17h, 19h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: qua.: dub.: 17h, 19h. Remígio: CINE RT: qui. a dom., ter. e qua.: 20h30. Remígio: CINE RT: qua.: dub.: 14h.

ESPECIAL

SEVENTEEN – RIGHT HERE WORLD TOUR. Coreia do Sul, 2025. Dir.: Oh Yoon-dong. Documentário/show. Registro de apresentações de shows do grupo de k-pop. 2h10. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: 19h.

ZEROBASEONE – THE FIRST TOUR – TIMELESS WORLD IN CINEMAS (Zero-baseone – The First Tour – Timeless World in Cinemas). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Yoondong Oh, Hamin Kim. Documentário/show. Registro da turnê do grupo de k-pop. 1h51. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: leg.: 15h, 19h.

CONTINUAÇÃO

THE ALTO KNIGHTS – MÁFIA E PODER (The Alto Knights). EUA, 2025. Dir.: Barry Levinson. Elenco: Robert De Niro, Debra Messing, Cosmo Jarvis. Crime/drama. Ex-amigos de infância, dois chefões da máfia rivalizam com ideias e temperamentos diferentes. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: qui. a ter.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qui. a ter.: leg.: 18h45, 21h45.

BRANCA DE NEVE (Snow White). EUA, 2025. Dir.: Marc Webb. Elenco: Rachel Zegler, Gal Gadot, Andrew Burnap. Aventura. Princesa une forças com sete anões para libertar seu reino de sua madrasta, a rainha má, que quer matá-la. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: qua.: dub.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a ter.: dub.: 14h, 16h40, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: qui. a ter.: dub.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dom.: dub.: 13h45, 16h15, 21h15; leg.: 18h45; seg. e ter.: dub.: 16h15, 21h15; leg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): qui. a ter.: dub.: 14h45, 17h15, 19h45; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: qua.: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: qui. a ter.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: qui. a ter.: 15h, 19h30; qua.: 16h15, 18h25, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 14h10, 16h15, 18h25, 20h30; seg. e ter.: 16h15, 18h25, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.:

EKOCINE

Afrosonoro lança clipe e faz show hoje em Gramame

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Tendo como inspiração a fauna e a flora locais e como cenário uma praia paradisíaca da capital, Afrosonoro, vice-campeão do último Festival de Música da Paraíba, lança hoje, no YouTube, o clipe de sua canção mais recente, “Natureza”. Acompanhando essa estreia, o artista apresenta-se, às 18h, em mais uma edição do Ekocine, mostra cultural promovida pelo Ekokilombo, situado no bairro de Gramame, em João Pessoa: na oportunidade o novo vídeo será exibido. A entrada é franca.

O clipe, dirigido por Diego França, conta com a participação de Débora Ferreira, cantora e irmã de Afrosonoro. As imagens também foram captadas na Barra de Gramame, onde o vídeo ganha exibição mais tarde. O projeto foi custeado por lei de incentivo à cul-

tura do Governo do Estado.

“A escolha de Gramame foi um presente de Adin Adinkra, grande amigo, artista e produtor, que nos apresentou os cantos mais lindos e especiais do lugar onde ele vive e pelo qual encampa luta, contra a sua destruição”, detalha.

A letra da canção, por sua vez, surgiu quando o intérprete observava uma paisagem tornar-se fixa, na visão e na memória: um pescador negro, lançando-se ao mar, sob a luz da lua. Mas a natureza parece ser a inspiração perene de Afrosonoro na construção de sua obra.

“Naná Vasconcelos me ensinou que a natureza fala sua própria língua, dança suas próprias danças e canta sua própria música. Quando passo tempo na mata, sinto que aquela frequência continua ecoando em mim, mesmo quando já estou em casa”, assinala.

Foto: Caio Costa/Divulgação



Afrosonoro conta com sua irmã, a cantora Débora Ferreira, no clipe que estreia hoje, no YouTube

ONDE:

■ EKOKILOMBO (Rua Júlio Brás de Oliveira, nº437, Barra de Gramame, João Pessoa).

(Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 30/3, 16h. Entrada franca.

A CAUSA SECRETA. Do Coletivo de Teatro Alfenim. Baseado na obra de Machado de Assis. Classificação: 14 anos.

João Pessoa: COLETIVO DE TEATRO ALFENIM (R. José Gonçalves Júnior, nº 182, Castelo Branco). Sexta e domingo, 19h30, e sábado, 17h30 e 19h30, até 6 de abril. Entrada franca, com ingressos limitados distribuídos uma hora antes de cada sessão.

HILÉIA, SEMEADORA DAS ÁGUAS. Da Cia. Mundu Rodá (SP). Com Juliana Pardo. Mulher recebe de herança “rios engarrafados” que libertam memórias.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 30/3, 19h. Entrada franca.

HISTÓRIAS DE SOL E LUA. Texto, direção e interpretação de Vando Farias. Homem deseja encolher a Lua para carregá-la na bolsa.

João Pessoa: TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, nº 67, Centro). Domingo, 30/3, 16h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), antecipados pela plataforma Sympla.

PATATI PATATÁ CIRCO SHOW. Show com números circenses e musicais da dupla.

Cabedelo: ESTACIONAMENTO DO CARREFOUR (BR-230). Sexta, 19h30; sábado, 14h30, 17h, 19h30; domingo, 14h30, 17h, 19h30, até 4 de maio. Ingressos: de R\$ 30 (lateral/meia) a R\$ 160 (camarote/inteira), antecipados pela plataforma Sympla.

Música

HOJE

JULIANA LINHARES E RODRIGO GARCIA. Cantora natalense e violonista carioca apresentam o show *No Raso da Catarina*.

João Pessoa: LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, nº 62, Miramar). Domingo, 30/3, 20h. Ingressos: R\$ 100 (inteira), R\$ 60 (social) e R\$ 50 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

AMANHÃ

SANHAÚ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas paraibanos interpretando músicas autorais e clássicos do gênero.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 31/3, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Teatro

HOJE

BRINCANDO DE SER BRINCANTE. Do Coletivo Los Iranzi. Reunião de números circenses e esquetes.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES

CONGRESSO

Projeto pode alterar a Ficha Limpa

Políticos se movimentam a fim de modificar critérios de inelegibilidade dos candidatos a cargos eletivos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O Senado Federal adiou novamente a votação do Projeto de Lei Complementar (PLP) nº 192, de 2023, que altera os critérios de inelegibilidade dos candidatos a cargos eletivos estabelecidos pela Lei da Ficha Limpa. A matéria foi aprovada na Câmara dos Deputados em setembro de 2023, com votos favoráveis de um amplo espectro político, incluindo o PT e o PL.

O PLP nº 192/2023 é de autoria da deputada federal Dani Cunha (União-RJ), filha do ex-deputado Eduardo Cunha (MDB-RJ), cassado em 2016. O projeto foi aprovado pelo Congresso Nacional em setembro de 2023, com 345 votos a favor e 55 contra. Da bancada paraibana na Câmara, somente os deputados Gervásio Maia (PSB) e Ruy Carneiro (Podemos) votaram contra o projeto. No Senado, ainda não há consenso e poucos senadores posicionaram-se. A reportagem procurou os senadores Daniella Ribeiro (sem partido), Efraim Filho (União) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB), mas nenhum deles pronunciou-se até o fechamento desta matéria.

O projeto prevê mudanças significativas nas regras de inelegibilidade, alterando a Lei Complementar (LC) nº 64/1990 e a Lei nº 9.504/1997, conhecida como Lei das Eleições. Os atuais critérios de inelegibilidade foram estabelecidos pela Lei da Ficha Limpa, LC nº 135/2010, que visa “proteger a probidade administrativa e a moralidade no exercício do mandato”. Dentre as alterações previstas no PLP nº 192/23, destaca-se a redução do tempo de inelegibilidade em algumas situações.

Atualmente, senadores, deputados e vereadores que tenham seus mandatos cassados pelo Legislativo tor-

nam-se inelegíveis por oito anos, contados a partir do fim da legislatura. Com a nova regra, o período de inelegibilidade será contado a partir da data de condenação. Para governadores, vice-governadores, prefeitos e vice-prefeitos cassados, a inelegibilidade também será contada a partir da data de condenação.

O projeto estabelece ainda um teto máximo para o período de inelegibilidade, mesmo nos casos em que o político seja condenado em diferentes processos. Conforme o texto do projeto, “durante o transcurso do prazo de inelegibilidade, o acúmulo com eventuais condenações posteriores que impliquem res-

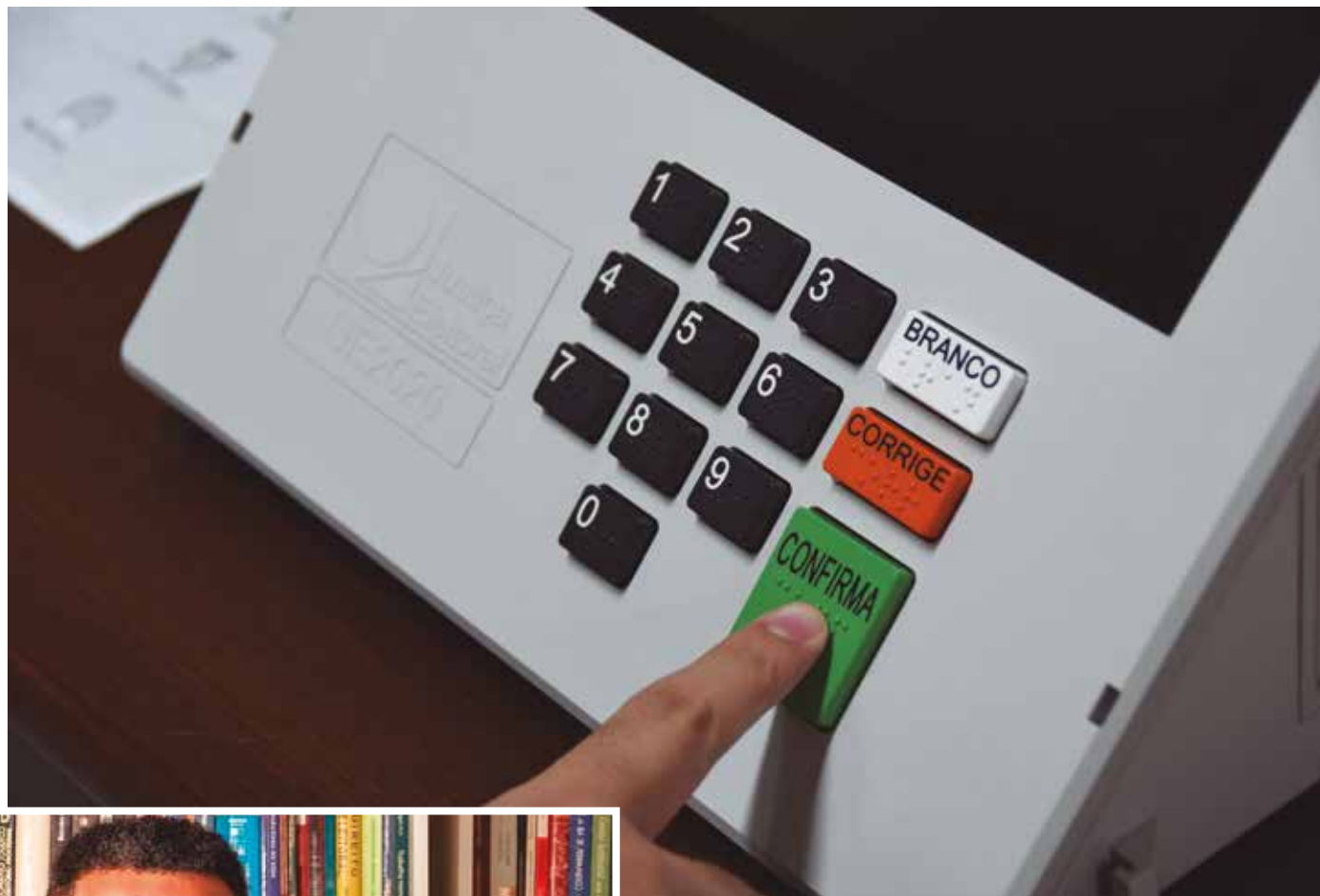


Foto: João Pectrossa



Foto: Arquivo pessoal

O ex-juiz Marlon Reis, autor do projeto, diz que Lei da Ficha Limpa é divisor de águas

trição à capacidade eleitoral passiva deve ser unificado para atender ao limite máximo de 12 (doze) anos”.

O advogado Edísio Souto, especializado em Direito Eleitoral, reconhece que a lei pode ser aperfeiçoada e revista pelo Poder Legislativo, afirmando que “nenhuma lei é imutável, e por melhores que

sejam, as normas jurídicas precisam acompanhar as transformações sociais e políticas”. Contudo, ele se mostra preocupado com as mudanças propostas no PLP nº 192/23, especialmente quanto à redução do tempo de inelegibilidade. Para ele, “fala-se em uniformizar os prazos de inelegibilidade, que hoje variam conforme a gra-

vidade da conduta praticada. Não vejo problema na existência dessa variação. [...] Se isso for aprovado, poderá estimular práticas criminosas e imorais durante o processo eleitoral, já que o ‘custo’ da punição seria relativamente baixo”, declarou o advogado.

Para o professor de Direito Eleitoral da Universidade

Legislação fixa critérios para candidatos que são inelegíveis

Os atuais critérios de inelegibilidade foram estabelecidos pela Lei da Ficha Limpa, que protege a probidade administrativa e a moralidade

julgado da decisão, em que a pessoa teve a sua cidadania passiva (elegibilidade) restrita, o que já foi objeto de decisão do TSE”.

“Para melhor compreensão, comparemos com a prisão preventiva ou a prisão provisória, no Direito Penal. Quando o agente é condenado definitivamente, por sentença transitada em julgado, abate-se de sua pena o tempo em que ele esteve preso provisoriamente”, explica o professor.

Para o ex-juiz e autor da Lei da Ficha Limpa, Márlon Reis, as mudanças propostas fragilizam “o sistema de proteção das eleições, no que toca ao registro das candidaturas” e ao combate à corrupção. Ele ressalta a importância da sociedade “acompanhar esses projetos e se posicionar, tanto presencialmente como nas redes sociais, a favor da permanência do texto da Ficha Limpa”.

Campanha pela lei mobilizou a população

A Lei Complementar (LC) nº 135, sancionada em 4 de junho de 2010, trouxe alterações importantes à LC nº 64/1990, que trata dos casos de inelegibilidade para cargos eletivos no Brasil. A lei visa garantir a lisura do processo eleitoral e a moralidade no exercício do mandato, estabelecendo regras para a inelegibilidade de candidatos políticos.

O ex-juiz e autor da Lei da Ficha Limpa, Márlon Reis, avalia que a Lei da Ficha Limpa foi um divisor de águas no combate à corrupção, impedindo a candidatura de “mais de cinco mil pessoas consideradas inelegíveis”, ressaltando a importância da participação popular em sua aprovação. “A lei só foi aprovada em virtude de uma grande e inédita mobilização popular, que também foi on-line. Foi o primeiro grande caso de mobilização política on-line, em que a sociedade cobrou do Congresso a aprovação. Se não fosse isso, ela jamais teria sido aprovada”, declarou o jurista.

Para o professor de Direi-

to Eleitoral da UFPB, Renato César Carneiro, a lei representa um avanço significativo na “moralização” da política, aumentando de três para oito anos a sanção de inelegibilidade e ampliando o rol de crimes que impedem a participação em eleições. Segundo o professor, “a Lei Ficha Limpa significa um importante instrumento de seleção de candidatos probos e com o passado recomendável para administrar (Poder Executivo) e legislar (Poder Legislativo)”. A alteração mais significativa foi a lei ter dispensado o trânsito em julgado de uma sentença con-

denatória por crime, sendo suficiente a decisão de um órgão colegiado para impedir a elegibilidade do autor do delito.

O professor também cita a necessidade de aplicar a Lei da Ficha Limpa de maneira mais rigorosa, mencionando um caso ocorrido na Paraíba, de um candidato preso, que conseguiu ser eleito vereador. Segundo ele, “o caso que me chamou mais atenção e que sempre cito nas minhas aulas de Direito Eleitoral, na UFPB, ocorreu durante a eleição de 2016. Um candidato foi preso em uma agência bancária em João Pessoa, em maio de 2016. Pesava contra ele as acusações de prática de crimes de pistolagem, tráfico de drogas e violência doméstica. Ainda assim, conseguiu ser candidato a vereador em Catolé do Rocha e foi o sexto vereador mais votado para a Câmara Municipal, dentre os 13 candidatos eleitos. Isso só aconteceu porque ainda não havia contra ele uma condenação por órgão colegiado”.

O caso citado diz respeito

ao vereador Bira Rocha, eleito pelo PPS, em 2016. O vereador estava preso provisoriamente quando foi eleito e recebeu 948 dos 17.478 votos válidos no município. Para votar, o candidato precisou de uma determinação judicial. Em 2019, Bira Rocha foi absolvido e solto por falta de provas.

O advogado Edísio Souto reconhece que a lei ainda apresenta falhas, mas destaca os avanços, especialmente da Justiça Eleitoral e do Ministério Público Eleitoral em sua aplicação. Para ele, “apesar de ainda haver falhas no processo eleitoral, é inegável que houve avanços significativos, especialmente devido à atuação da Justiça Eleitoral e do Ministério Público Eleitoral, que vêm utilizando de forma eficaz os instrumentos legais previstos na referida lei. Trata-se de um importante aprimoramento para a democracia brasileira. As eleições precisam ser disputadas de forma justa e equilibrada, e a lei tem contribuído decisivamente para isso”.



Foto: Arquivo pessoal

Edísio Souto reconhece que a norma pode ser aperfeiçoada



Foto: Arquivo pessoal

Renato Carneiro: “Lei é um avanço na moralização”

Memórias

A União

Na trilha do pai, a ilustração e exemplos de compromissos com a qualidade

Artista plástico revela que levou lições democráticas e coletivas para a vida pessoal e profissional, além da admiração pela competência e dedicação de artistas importantíssimos para a humanidade, como legado de uma escola

Luiz Carlos Sousa
lnhlp@gmail.com

O artista plástico Flávio Tavares diz que começou n'A União em casa. E explica que o pai, Arnaldo Tavares, além de médico, era ilustrador e fez vários trabalhos para o Correio das Artes. Ele conta as Memórias A União como foi sua relação com o setor de artes, as influências que teve de Milton Nóbrega e Tonio para dominar os segredos dos frisos e traços. Flávio diz que A União também foi escola “de aprender, de ver, de sentir com os poetas, contistas. Experiência de vida. Ela é uma maestra”. O artista conta que ilustrou crônicas de Gonzaga e poemas de Sérgio de Castro Pinto. “Era mais um olheiro, vamos dizer assim. Não tinha contrato, nada, uma pessoa apaixonada por jornal”, acrescenta. Também faz revelações: nunca aprendeu a lidar com o computador, nunca foi censurado e entrar na Redação “é uma lição democrática, naturalmente coletiva, importantíssima para a humanidade”.

Entrevista

■ *Você chegou n'A União mais ou menos quando?*

Eu cheguei n'A União através da própria A União, em casa. Meu irmão, já falecido, era jornalista, inclusive amigo seu, o Carlos Tavares. Trabalhava constantemente, já tinha um histórico do passado junto do meu pai.

■ *Seu pai?*

Papai, médico e ilustrador do Correio das Artes. Inclusive, no livro dele, eu ia trazer e esqueci, tem umas três ou quatro ilustrações dos casarios antigos em “Caminhos, sombras e la-deiras” e também uma parte dos telhados do Varadouro, que eu ficava encantado com aquele bico de pena dele. E A União entrou também com o meu professor Raul Córdula, com o Hermano José, que era outro ilustrador dos anos 50 e 52.

■ *E crítico de arte também?*

Era crítico ambientalista e um bom artista plástico, da formação de grandes artistas do Brasil, como Maria Bonhomme, Ana Leticia Cordeiro e Ivan Serra, e fundaram junto com o meu pai, que era também outro ilustrador desse grupo. Eu convivía com eles, muito novo, e prestava muita atenção às poesias na época.

■ *O movimento cultural?*

Gonzaga Rodrigues sempre brilhando, Sérgio Castro Pinto e muitos. Citar nomes fica uma coisa meio falha, porque a gama de escritores, poetas paraibanos, chargistas, como Tonio, Domingos Sávio, fazendo aquelas ilustrações fantásticas... Ai eu entrei, assim, como um iniciante. Devo ao Jornal A União, até hoje, estar ilustrando livros, fazendo capas, técnica difícil. Não domino computador até hoje, mesmo que eu tenha aprendido com Milton Nóbrega e Martinho Moreira Franco, e esse grupo que eu estou falando aqui, do time d'A União.

■ *Isso era mais ou menos o quê?*

Anos 70. E eu pego um pouquinho antes, porque, no setor de artes plásticas da universidade, quando eu era aluno de Raul Córdula, de vez em quando, saíam desenhos da igreja de São Francisco, o “Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa”, de Jomar Souto. Mostrava muito o histórico de João Pessoa. Isso publicando n'A União. Mesmo não fazendo o batente diário,

des, que era um mentor realmente do humor cáustico, do humor ferino. Eu peguei a época de Sérgio Porto, Stanislav Ponte Preta. Esse acervo vai intruzir em você como abordar uma crítica. Mas você só pode fazer isso, não é em casa não, é dentro do jornal.

■ *Do ponto de vista técnico, que contribuição esse trabalho com a ilustração, que tem um espaço definido, deu ao ato de criar na inspiração artística propriamente dita?*

É comum e, também, não na cabeça do artista assimilar esse lado. Cria um efeito mais humano, porque, na hora que você está pintando alguma coisa dentro da sua estética, o humor passou. Depois que você faz o humor, o humor passa também a fazer parte de uma evolução no vocabulário de uma estética dentro da pintura. Quando tem essa ruptura, é como os heterônimos de Fernando Pessoa: os artistas têm essa particularidade. Às vezes, é uma coisa meio esquizofrênica. Ele divide os lados que a gente tem. Você tem um lado às vezes muito romântico, poético, mas você tem o lado da sua revolta interna também, com princípios sociais, de lutas sociais. Então esse homem está inserido dentro de um artista que tem habilidade. Se o artista não tiver o artesanato dentro dele, é meio difícil para ele, mas, como você engole o artesanato e ele se funde ao princípio criativo do artista, isso faz com que ele se molde à ocasião.

■ *Você ainda trabalhou no setor de arte?*

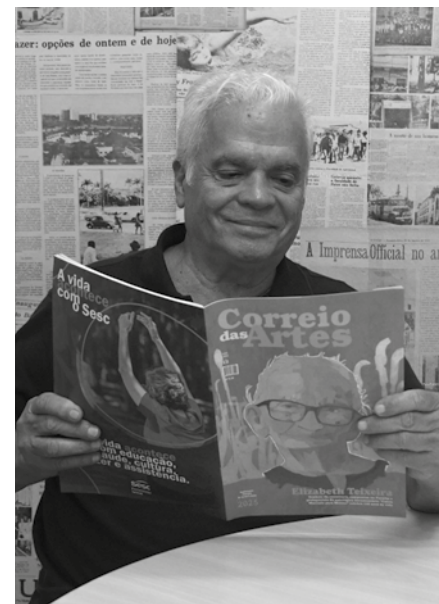
Eu era mais um olheiro, vamos dizer assim. Não tinha contrato, nada. Como uma pessoa apaixonada por jornal, você, quando acordava, tinha que ver A União.

■ *Era um vício?*

É o jornal mais lido da Paraíba, porque A União tem uma distribuição democrática em tudo que é repartição. Em empresas, você, quando entrava, pegava logo o Jornal A União. Além do fato de que circulava em todo o estado, né? Todo o estado, isso aí. Eu estou falando muito assim de João Pessoa, porque era um diário da gente.

■ *A arte no jornal, a ilustração, é muito ligada ao dia a dia, ao factual, você interpretando os fatos. Como é que você consegue tempo para fazer alguma coisa nesse sentido e, ao mesmo tempo, se inspirar artisticamente, trabalhar, trabalhar, trabalhar, pintando, criando suas telas, as suas personagens?*

O ilustrador tem um passo já dado a ele, vamos dizer, um mote. Então, eu lembro de uma série de ilustrações que fiz para Gonzaga, nos dias da Festa das Neves. Então, quando você vai ler a crônica de Gonzaga, na memória fotográfica de muita gente, você já plasma a ideia, já vem com o caminho dado, e você usa a sua estética. Quando é um assunto político, uma charge política... Eu fazia desde 72, em outros jornais, charge política. Eu achava que era a coisa mais difícil do mundo acompanhar uma situação política, sem ser partidário, mas, fazendo daquilo ali, dando um, vamos dizer, um perfume de humor. É, e isso realmente cabia a você garimpar na sua cabeça. Qual seria, dentro do imaginário popular, o que mais está gritando na política? Alertava muitas vezes. E, muitas várias vezes também, uma crônica de Carnaval com humor. E a estética do humor entrou na minha pintura também, graças ao jornal. Porque a minha pintura, ela era muito dentro de um clima barroco, uma coisa mais de uma liturgia, ou folclórica, ou religiosa. Com a presença do jornal, você tem obrigação de se politizar. E com isso leva também você a pesquisar outros grandes chargistas, como Ziraldo, Henfil, Milton Fernan-



“Eu entrei, assim, como um iniciante. Devo ao Jornal A União, até hoje, ilustrando livros, fazendo capas”



Segundo Flávio Tavares, “não é só a abertura para o mundo das letras, jornalistas, A União fez a cabeça de muita gente”

■ *Você disse que seu pai fez umas ilustrações para o Correio das Artes. Você também ilustrou o Correio das Artes?*

Ilustrei. Aldo Lopes, Ricardo Nunes, Carlos Tavares — o livro dele, “Fadas da Febre”. Eu fiz inúmeras ilustrações. Quando saiu o conto de Carlos, ele disse: “Fava faz a ilustração, faça a ilustração para mim”. Eu lia, tenho em casa, porque ele fazia a crônica lendo as imagens dos meus quadros. Ele tinha também uma capacidade imagética muito grande: fazer crônicas sobre a família, sobre as imagens. E vice-versa: eu pegava muitas imagens dele.

■ *Sua colaboração no Correio das Artes estava muito ligada ao pedido?*

Dos amigos também. Lúcio Lins, Gonzaga Rodrigues, Barreto Neto, o próprio William Costa, muita gente, Sérgio Castro Pinto, Hildeberto, o próprio Vanildo Brito.

■ *Você alguma vez se sentiu pressionado a fazer um trabalho com a liberdade podada?*

Nunca censuraram nenhuma charge minha em O Norte. Muito menos aqui n'A União, que era arte. Falei O Norte porque lá era fazer charge da área política. N'A União florescia arte, poesia, contos. Lembro que fiz umas 10 ilustrações, para uma crônica, com o Auto de Natal, para Gonzaga Rodrigues. Era imensa. Não as palavras dele, mas o que ele abordou sobre o Natal, fazendo analogia também do Natal dos pobres, do Natal do Sertão. A União publicou tudo. Agora a diagramação, a paginação, como a gente chamava antigamente, cabia a outro profissional, e eu ficava assustado. Como é que você faz um desenho e, daquele desenho, se criam múltiplos? O artista aqui d'A União fazia vinhetas, tirava detalhes. Então, às vezes, um desenho é matriz de não sei quantas outras imagens. E, quando bota alguma coisa ligada à tragédia, de um conto, eles ampliavam o rosto, uma mexida de imagem. Inclusive é um setor que produz muita gente. As capas são lindas do Correio das Artes. Pela capa você diz: “Não, vou levar”.

■ *Por que o setor de artes produz tanta gente boa? Sempre acho a arte gráfica meio enquadrada: “Olha, é o traço, é o friso, é a sombra, é a letra, é o contexto”. É diferente, por exemplo, da arte plástica, em que o artista só tem o limite da imaginação dele.*

Exato. Mas, daquele setor de arte, sai muita gente: Tonio, Naldo, Domingos Sávio, que é um traço magnífico. É porque eu peguei na época Elcir Dias, que era um grande caricaturista. Ele fazia uma charge meio na Nas-sar, que era o mais econômico do traço, desenhista de humor, que o Brasil já teve. Então essas escolas de chargistas a gente via muito aqui na Paraíba

■ *Você chegou a produzir algo com essa referência?*

Eu cheguei a fazer um álbum chamado “Pavão Sem Mistério”; não foi ilustrado, foi o contrário. Marcos Tavares, que era meu primo, fez uma série de poesia sobre o pavão. E fiz o álbum, o “Pavão Sem Mistério”, com o prefácio de Ziraldo para os desenhos e, para os poemas, de Jurandy Moura.

■ *Que deu uma contribuição grande ao Correio das Artes?*

Sim. Jurandy e Carminha, muito amigos da gente. Eu estava aqui direito, Jurandir me chamava, e Jurandir era um intelectual. E ele orientava, tinha um mundo gráfico junto com o Manuel Clemente, que filmou “Aruanda”, com Linduarte Noronha. Quando alguma matéria ou outra saía sobre Natal, fazendo analogia também do Natal dos pobres, do Natal do Sertão. A União publicou tudo. Agora a diagramação, a paginação, como a gente chamava antigamente, cabia a outro profissional, e eu ficava assustado. Como é que você faz um desenho e, daquele desenho, se criam múltiplos? O artista aqui d'A União fazia vinhetas, tirava detalhes. Então, às vezes, um desenho é matriz de não sei quantas outras imagens. E, quando bota alguma coisa ligada à tragédia, de um conto, eles ampliavam o rosto, uma mexida de imagem. Inclusive é um setor que produz muita gente. As capas são lindas do Correio das Artes. Pela capa você diz: “Não, vou levar”.

■ *Imenso?*

Eles se acham assim, dentro da normalidade, porque, primeiro, foi diluído numa pessoa uma vastidão para dominar aquele mundo. Então, quando ele é o dominante, ele se sente o rei. Não todos, eu estou falando de alguns. Mas o jornal, ele é por natureza democrático. Lembro de uma lição: eu doído pelas charges, cheguei

das letras, jornalistas, mas A União fez a cabeça de muita gente. Se você acompanhar poetas, Violeta Formiga, acompanhar artistas que estão nascendo ainda, formados, germinantes... Eu acho que é um jornal de abertura total.

■ *Um dos seus mentores, Raul Córdula, começou n'A União. Ele sentou nessa cadeira onde você está.*

Então, a entrevista de Raul é uma coisa espetacular, porque você faz uma viagem, uma cronologia, porque Raul, além de ser um grande artista, é um grande escritor, tem a facilidade de vocês, de se expressar através das palavras. E tem também uma didática de ensino das mais fabulosas que eu já vi — Raul e Hermano José —, de não interferir na estética do outro. Eles apenas orientavam. Isso deve ter muita coisa de técnico de futebol, sabe? “Você vai para a esquerda ou para a direita?”.

■ *Esse aprendizado da arte gráfica que lição deixou para você? Você tem essa experiência com o jornal, essa experiência com a crítica, essa experiência com a leitura satírica, com a leitura sarcástica, bem-humorada, e o que você tira daí de essência, por exemplo, para levar adiante?*

O jornal tem também uma coisa que é a dignidade de fazer você ser reconhecido. Porque o artista é muito trancado. Aqui a gente não tem grandes momentos de pintores ir ao mar, pintar o mar, pintar a natureza. Então, o artista plástico, ele é muito dentro da profissão. A luz dele é uma luz sintética. Poucos artistas — Ivan Freitas, Hermano, Lira — pintaram a natureza. E a lição também é que o ego dos artistas se aproxima um pouco do ego napoleônico.

■ *Imenso?*

Eles se acham assim, dentro da normalidade, porque, primeiro, foi diluído numa pessoa uma vastidão para dominar aquele mundo. Então, quando ele é o dominante, ele se sente o rei. Não todos, eu estou falando de alguns. Mas o jornal, ele é por natureza democrático. Lembro de uma lição: eu doído pelas charges, cheguei

um dia noutra jornal e perguntei se arquivava as charges. Era na época do fotolito. Ai o rapaz disse: “Arquivar charges? De maneira nenhuma. A gente faz assim: joga no lixo”. Isso, na hora, tomei um susto, mas, de repente, você vê que no jornal o desenho é que se torna efêmero.

■ *Você sabe que tem uma frase famosa que diz assim: “Nada mais é efêmero do que a glória do jornalista”.*

Você matou a charada toda. Ai você vai diluindo o ego, sabe? Às vezes, você faz uma capa, que é um trabalho enorme para o livro, e de repente o escritor diz: “Mas não era isso que eu pensei. Não era isso. É isso que eu queria”. Ele, na hora, não está sabendo que uma atitude gráfica é um trabalho novo, você tem que mergulhar bem, tem que garimpar uma joia. É outra dimensão de trabalho. Você, para fazer ilustração, você lê, riscas, riscas e de repente viajou noutra história, não é aquela história que o poeta ou o contista deu interpretação própria.

■ *Até porque, quando você se debruça sobre algo que está pronto, por exemplo, um conto, ali há uma visão por trás, uma cultura por trás, tem todo um conhecimento de quem escreveu.*

Tem. De repente você pega o roteiro original ou não original e pode estragar a obra de um grande livro. Agora, há pouco tempo, eu fiz a capa de um livro para um colega da gente e ele limpou a linha. Eu erreí na interpretação.

■ *Você pegou o tempo da era linotipo? E depois passou para offset. Como era trabalhar para o linotipo e depois como foi o choque do offset?*

O linotipo era muito manual, artesanal mesmo. Inclusive, recentemente, tem um editor que tem em Brasília, ele é bibliófilo e faz edições de luxo. De luxo por quê?

■ *Eu tenho um livro de José Lins do Rego, que você ilustrou.*

“Pureza”. É tudo no chumbo feito no linotipo. Até a gravura também.

■ *“Confraria dos Bibliófilos do Brasil”?*

Exatamente. Ali, ele retorna, você vê como a beleza gráfica daquele momento de edição é muito preciosa. E,



“N'A União florescia arte, poesia, contos. Lembro que fiz umas 10 ilustrações, para uma crônica”

quando você vai para o offset, é como se hoje você vê esse processo de inteligência artificial, que para a gente é o máximo. Você está ali, a rapidez que foi criada.

■ *Mas você começou as ilustrações em jornal no linotipo e viveu esse momento. Teve uma época que trabalhava muito artesanalmente. Depois evoluiu para o offset.*

No offset você já ficava um pouco fora, porque tinha o pessoal técnico.

■ *E você fazia o desenho e mandava?*

Na época do linotipo, eu peguei muito isso com o meu pai, que também trabalhava, e com o meu avô, que era fotógrafo. Então eu via muito aquela história de retocar a fotografia no vidro porque a máquina é enorme, a máquina de fotografia. E hoje o que se chama Photoshop era na mão, no lápis, a ponta bem fina.

■ *Lembro até da tinta cor de rosa.*

Exatamente, para corrigir as falhas. Ai me adaptei por causa do aprendizado em família e com amigos. E peguei uma geração muito feliz — aprender xilografura, aprender litografia, no Núcleo de Arte Contemporânea [NAC], já nos anos 70... trabalhar em pedra não é fácil. E isso dá um embasamento ao artista mais próximo do antigo do que do moderno. Hoje eu teria muita dificuldade, por exemplo, eu não uso computador.

■ *Nem uma ideia inicial?*

Não. Quem botou essa prática, como é que se diz, essa mordomia para mim, foi Milton Nóbrega, com quem trabalhei aqui n'A União. Milton também não trabalhava com computador. Milton tinha uma pessoa para ele. Então, esse aprendizado, ele deu uma dádiva para mim.

■ *Você iniciou no linotipo, foi para o offset, chegamos à era da informática e você, que dominou as outras duas, não quis conversar com o computador?*

Não. Eu não sei mesmo, eu não sei ligar o computador. O meu grande ganho de inteligência é dominar o processozinho de fotografia, de acentuar e tirar mais a luz da fotografia no celular. Tudo que eu boto é no celular.

■ *Ah, mas o celular você domina bem?*

Eu domino algumas coisas, outras não. Eduardo mora ainda com a gente, o filho mais novo. E ele fez Engenharia de Materiais e tem uma boa capacidade. Eu acho que eu tenho uma falha com a tecnologia mesmo avançada, porque, de vez em quando, eu penso que são mundos paralelos. Essa geração nova adquire com facilidade imensa o domínio da tecnologia, que a pessoa mais velha não consegue captar aquela velocidade. Mas eu acho até que é furada, que é uma questão da própria cultura.

■ *Como você avalia esse projeto, de uma empresa que está dando certo há 132 anos, que é um patrimônio?*

É uma coisa que a gente tem que ganhar entre o mundo de Eva

para o mundo de Madonna, assim, em termos de ação do antigo e do moderno, da vanguarda, que permanece misteriosamente atingindo várias gerações. Não é milagre no sentido amplo, mas acho que tem que ter uma musculação de criatividade constante para se manter heroicamente, inclusive com o meio digital. Ninguém lê mais jornais no sentido que tinha aqui os jornais, vindo uma informação de forma bastante ativa.

■ *Porque você, quando quer checar uma história mesmo, cheia de fake news, você vai ao jornal.*

O jornal tem muito menos histórias que não são verdadeiras, principalmente A União, do que esses factóides que aparecem. Então, A União talvez tenha uma ideologia atípica, que seria bons jornalistas, bons fotógrafos e sempre a notícia.

■ *E você sabe de quem é a foto.*

É, você tem ali, está ali, você pode pegar o recorte, tem a dignidade também de erratas, de corrigir, de você responder, existe um grande compromisso.

■ *Além do mais, acho que no jornal há uma responsabilidade por trás da produção da notícia, que você não vê, por exemplo, nas redes sociais. Você não sabe nem se é verdadeiro aquele perfil que bota o nome “Flávio Tavares” e não é Flávio Tavares. E hoje em dia com imagem e voz...*

Eu não sabia, mas ontem alguém disse: “Não fale ao telefone quando você não identifica quem ligou, que fica em silêncio, porque eles estão copiando a tua voz”. Eu digo: “Como a inteligência artificial que copia seu timbre de voz, sabe?”. Para algum golpe, alguma coisa. Então, o jornal, no silêncio das palavras, ele fala mais alto do que isso tudo. Você vê o New York Times, o Guardian, esses jornais, o Le Monde... você pega o jornal, você quer saber o texto, você diz: “Não, saiu n'A União”. Então, vamos ver.

■ *Você vê futuro para essa plataforma impressa no papel, tinta, totalmente analógica? Porque no fim é analógica, não tem algo mais analógico. Você suja a mão na tinta.*

Você pode continuar na tecnologia e pode continuar no jornal, porque um dos terrores do artista plástico foi quando surgiu a fotografia. Artes plásticas acabaram-se. Quando surgiu o cinema, se disse: “É, o teatro acabou”. Quando surgiu a televisão, o cinema acabou.

■ *Você, na hora que fala “jornal”, sua mente vê papel?*

Existe a necessidade. O livro mesmo está aí, esses livros digitais. Quando você viaja, são cômodos, mas não tenho paciência. Mas você quer analisar isso? Tem gente que gosta até de cheirar o cheiro do papel, gosta de ver a capa, gosta de pegar, gosta de fazer grifos. Existe uma humanidade no jornal. E existe também uma coisa, que é a paginação. A paginação do jornal era como o LP antiga-

mente. O LP você tinha que ter a primeira música impactante, seja qual for, seja clássica, popular. No meio, as músicas mais intimistas. Para você virar o lado, tinha que ter uma música que chamasse, batesse no seu coração, para você virar o LP. Então o jornal tem uma paginação misteriosa que estou falando para nossa vida.

■ *A página da direita é mais valiosa olticamente do que a da esquerda?*

Exatamente. Então, quando um artigo é muito grande, o jornalista que tem um problema de concisão, é bom que não passe aquela para outra página que você não leu. Existe uma anatomia de humanidade na maneira de você pegar o papel, a letra também; se uma letra for grande demais, o assunto grita. Então, vamos ver. E, se tem uma cadência com aquele assunto, você se sente melhor. A cor do jornal é outro ponto. Quando entra numa capa alguma coisa em cor, você pergunta logo: “O que houve?”. Porque, às vezes, uma comemorativa e tal, você bota uma cor. Mas aquilo ali também é um assunto da liturgia das cores.

■ *Flávio, uma lição que você levou de A União para sua vida, para o trabalho, no dia a dia, para a profissão de artista plástico?*

A maior lição que um jornal dá — falei até um pouco — é tirar o artista dessa clausura desse mundo particular, é um mundo fechado. É você ser mais como na Educação Infantil: “Bota esse menino para jogar, bota esse menino para ler, bota esse menino para natação, brincar, tal, tal”. O menino trancado demais, ele fica muito bonzinho. Então, n'A União, você entra, sente até o cheiro da Redação, dos amigos. São pessoas muito livres no sentido do temperamento, do ego. Essa lição democrática, naturalmente coletiva, é importantíssima para a humanidade, é o Jornal A União livre.

■ *Ela foi escola para você também?*

Escola, de aprender, de ver. Sentir e de aprender com os poetas, contistas. Experiência de vida. Ela é uma maestra. O jornal em si, ele tem uma maestra, não é educativa no sentido da liturgia da educação, mas abre janelas. É uma coisa muito importante.

■ *Há algo que você queira acrescentar? Gostaria de agradecer ao jornal por essa carria.*



Acesse o QR Code para assistir à entrevista no YouTube



FUNCIONALISMO PÚBLICO

Governo prepara novos editais na PB

Concursos nas áreas de Cultura, Educação e Segurança devem ser lançados neste ano; PF também abrirá vagas

Priscila Perez
priscilaperez@comunicao@gmail.com

Para quem busca oportunidades no funcionalismo público, é bom ficar atento: a Paraíba terá editais importantes lançados muito em breve. A Secretaria de Estado da Cultura prepara seu primeiro concurso, com 33 vagas para cargos de nível superior. Já a Secretaria da Educação também confirmou um novo edital com duas mil vagas para professores e salários a partir de R\$ 6 mil. Na área da segurança, a Polícia Penal do Estado abrirá seleção para reforçar o quadro de agentes. E, em âmbito nacional, a Polícia Federal (PF) confirmou que abrirá vagas para atuação na Paraíba. Confira mais detalhes de cada um deles.

Cultura e Educação

Pela primeira vez, a Secretaria de Estado da Cultura vai realizar um concurso público. O edital, que está em fase final de preparação, contará com 33 vagas para cargos de nível superior, com salário de R\$ 3,5 mil. Ao todo, serão contempladas 17 funções diferentes, todas ligadas ao patrimônio e à memória cultural do estado, incluindo antropólogo, arqueólogo, historiador, restaurador e paleontólogo.

Já consta no sistema do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB) a banca que ficará responsável pelo certame: o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e As-



Foto: Evandro Pereira

Certames que estão sendo preparados incluem cargos de nível superior em diferentes especialidades, sendo duas mil vagas destinadas para profissionais da Educação

■ **Primeiro concurso previsto para a Secretaria de Estado da Cultura terá 33 vagas de nível superior com salários de R\$ 3,5 mil**

sistencial Nacional (Idecan). Embora ainda seja cedo para falar em cronograma, a expectativa é que o edital seja publicado logo em breve. A taxa de inscrição sugerida é de R\$ 120.

Outra área que também deve movimentar os paraibanos é a Educação. A Secretaria de Estado confirmou que um novo edital está a caminho, com previsão de abertu-

ra de duas mil vagas na rede pública estadual. São esperadas oportunidades em todas as áreas do conhecimento — para atuação no Ensino Básico —, como Química, Matemática, Física e Língua Portuguesa. Ainda sem cronograma fechado, o concurso também será organizado pelo Idecan e deverá ser lançado ainda no primeiro semestre deste ano.

Reforço na segurança

Já na área da Segurança, dois concursos devem entrar no radar dos concurren- teiros nos próximos meses. O primeiro deles é o da Polícia Penal da Paraíba, que contará com mil vagas para o cargo de policial penal, sendo metade delas para preenchimento imediato e o restante para cadastro reserva. O salário previs-

to é de R\$ 4,8 mil. Para participar, o candidato deverá apresentar diploma de nível superior em qualquer área. Segundo consta no sistema do TCE-PB, o Idecan também ficará à frente da organização do certame.

Agora, em âmbito nacional, a Polícia Federal confirmou a realização de um novo concurso público com vagas em todo o país, in-

cluindo a Paraíba. No estado, haverá oportunidades para os cargos de assistente social, médico clínico e psiquiatra. Os salários variam entre R\$ 5.173,28 e R\$ 8.547,40. O concurso terá o Centro Brasileiro de Pesquisa e de Avaliação e Seleção (Cebraspe) como responsável e deverá ser lançado até junho deste ano.

Entre a preservação da memória e a compreensão do presente

É provável que o leitor já tenha ouvido frases como “a história se repete” ou “que é preciso preservar o passado para entender o presente”, muito associadas à sala de aula. Mas por trás delas está a verdadeira essência do trabalho do historiador: buscar nas origens dos problemas sociais, políticos e culturais as chaves para compreender o agora. Mais do que preservar a memória, esse profissional tem como missão entender por que a história se repete e o que podemos fazer com ela. “Todos os nossos problemas têm profundas raízes históricas. Só compreendendo as origens é que podemos encontrar as soluções. Do contrário, permaneceremos ignorando o passado e normalizando essas questões”, observa o professor de história da Universidade Fed-

eral da Paraíba (UFPB), Lúcio Flávio Vasconcelos.

Mas engana-se quem pensa que a atuação do historiador resume-se ao ensino, muito embora essa seja ainda a principal porta de entrada para quem segue a profissão. Hoje, há espaço para atuação em arquivos, museus, projetos culturais, políticas públicas e, cada vez mais, no setor privado, principalmente em empresas interessadas em resgatar e valorizar sua trajetória. Segundo Lúcio Flávio, esse campo já é realidade nos Estados Unidos e em países europeus, e começa a ganhar força no Brasil como uma alternativa promissora à sala de aula. “Algumas grandes empresas — públicas e privadas — têm lançado mão de pesquisas históricas para reconstruir as respectivas trajetórias e suas

participações na sociedade”, analisa.

Contudo, o ensino continua sendo o maior empregador, principalmente para quem está começando na área. Para o historiador, as redes públicas de educação, assim como as escolas e faculdades particulares, têm incorporado cada vez mais docentes da área de História. O problema, segundo Lúcio, está na valorização desses profissionais: os baixos salários pagos aos professores ainda representam uma barreira significativa, especialmente para quem depende exclusivamente da docência para viver. “Esse problema para professores em geral e profissionais da História”, complementa. Além disso, ele lembra que a formação do historiador é permanente, o que exige in-

vestimento constante — não só de tempo, mas de dinheiro — para ter acesso a livros, artigos e novas pesquisas.

Formação permanente

Não à toa, o principal desafio dessa carreira é manter-se atualizado. Em uma área marcada por constante produção de conhecimento, quem não investe nos estudos pode ficar para trás. Lúcio Flávio argumenta que o mercado está exigindo profissionais cada vez mais qualificados. “Além da graduação, os historiadores precisam ter os títulos de mestrado e doutorado para ascenderem na profissão”, afirma o especialista. Dominar outras línguas, sobretudo o inglês, também é um diferencial. Isso permite ao historiador dialogar com centros de pesquisa localizados fora do Brasil

e acompanhar discussões acadêmicas em nível internacional. Apesar das exigências e da rotina intensa, Lúcio Flávio não esconde o entusiasmo com a profissão que escolheu. “O trabalho é árduo e estressante. Mas, ao mesmo tempo, apaixonante e extremamente prazeroso”, finaliza.

Para quem já atua na área e está disposto a ingressar na carreira pública, o futuro concurso da Secretaria da Cultura da Paraíba pode ser uma opção interessante. Pela primeira vez, os profissionais de História terão a possibilidade de atuar dentro da estrutura da pasta, trabalhando diretamente com a preservação da memória e o patrimônio cultural do estado. Para mais detalhes sobre o certame é necessário aguardar o lançamento do edital.



Foto: Arquivo Pessoal

Todos os nossos problemas têm profundas raízes históricas. Só compreendendo as origens é que podemos achar as soluções

Lúcio Flávio Vasconcelos

Selic

Fixado em 19 de março de 2025

14,25%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,13%

R\$ 5,760

Euro € Comercial

+0,43%

R\$ 6,235

Libra £ Esterlina

+0,33%

R\$ 7,462

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Fevereiro/2025 1,31

Janeiro/2025 0,16

Dezembro/2024 0,52

Novembro/2024 0,39

Outubro/2024 0,56



CENÁRIO POSITIVO

Crescimento econômico atrai empresas à Paraíba

Equilíbrio financeiro do estado propicia a vinda e o desenvolvimento de negócios

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Apresentando a maior alta do país do Produto Interno Bruto (PIB) em 2024 (6,6%) e significativos investimentos em obras estruturantes por parte do Governo do Estado, a Paraíba vem atraindo investidores de áreas como a construção civil e turismo. Segundo o economista, especialista em planejamento e projetos econômicos, Francisco Barros, o cenário positivo começou a se acentuar desde o ano passado. “Eu trabalho com investimentos de empresários aqui na Paraíba há mais de 30 anos e eu nunca vi um momento tão promissor”.

Para o economista, esse cenário está intimamente ligado ao turismo e aos incentivos governamentais nessa área. “Sem dúvida, o crescimento do turismo na Paraíba, e principalmente os investimentos no Polo Turístico Cabo Branco, têm um impacto na economia como um todo. E ligado a isso, a construção civil, que tem um peso muito grande na economia paraibana, mas também os investimentos em energia eólica e solar também

têm contribuído”, avaliou.

O economista também citou o equilíbrio financeiro do estado, que há anos vem com suas finanças em ordem, com o *rating A*, classificado pela Secretaria do Tesouro Nacional, o que gera confiança nos investidores.

Outro fator lembrado por Francisco Barros foi o crescimento da população do estado. “As estatísticas sempre mostraram que a Paraíba tinha um crescimento populacional menor do que a média do Nordeste. E no último censo do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], na última década, a Paraíba cresceu quase duas vezes o crescimento da média populacional do Nordeste. Era um fator limitante, passou a ser um fator positivo. E aqui o destaque de João Pessoa, com crescimento de mais de 115 mil novos habitantes na última década, tudo isso favorece”, comentou.

Por fim, Barros ainda destacou projetos de infraestrutura. “A Paraíba vem investindo na mobilidade urbana, seja na Ponte do Futuro, seja nos viadutos, a questão da segurança hídrica, que o Estado

vem investindo muito. Tudo isso favorece o ambiente de negócios e também a questão da segurança. Esse é um



O crescimento do turismo na Paraíba e, principalmente os investimentos no Polo Turístico Cabo Branco, têm um impacto na economia como um todo

Francisco Barros

fator que alguns empresários informam que outros estados não têm essa sensação de segurança, essa tranquilidade que a Paraíba, felizmente, consegue demonstrar. Essa perspectiva de cruzeiro atrair aqui no Porto de Cabedelo, isso tudo já é impulsionado pelo próprio crescimento do turismo. Voos para a Europa, tudo isso é uma coisa que vai puxando a outra”, listou.

A natureza exuberante do estado também é um recurso que vem sendo bem utilizado, de acordo com o economista, que destacou o crescimento das energias solar e eólica na Paraíba. “Podemos dizer que duas preocupações da humanidade são a questão ambiental e também que as pessoas vivem mais e procuram aproveitar nessa área de lazer, de turismo. E a Paraíba tem se beneficiado disso. A gente não tinha um turismo tão forte, mas vem crescendo bastante, um grande potencial, como vocês sabem, vamos dobrar a capacidade hoteleira de João Pessoa”, disse referindo-se ao Polo Turístico Cabo Branco, que irá acrescentar 14 mil leitos aos já existentes na Grande João Pessoa.

Marcas nacionais apostam no estado

Um exemplo de empresa que decidiu investir na Paraíba é a Tintas MC que recentemente adquiriu quatro lojas da rede Toda Tinta, passando, com isso, a ter cinco lojas no estado. A marca já possuía uma loja no município de Sousa, no Sertão paraibano, mas trata-se de uma franquia, conforme explicou o CEO da Tintas MC, Renato Sá, em entrevista concedida a reportagem do *Jornal A União*.

Com a aquisição, que envolveu um investimento de R\$ 5 milhões, a marca passará a ter duas lojas próprias em Campina Grande, uma em João Pessoa e uma em Cabedelo. Renato Sá afirmou que a Paraíba foi escolhida após um estudo considerando os estados nordestinos onde a empresa poderia instalar-se. “Entendemos que a Paraíba seria um estado muito promissor. Está crescendo o



A construtora MRV amplia seus investimentos, desde 2011, e prevê crescimento ainda maior

PIB local, a participação local, a gente vê o quanto está pungente a Paraíba, com os *resorts* sendo construídos, as obras de construção civil”, destacou Re-

nato. Ele afirmou ainda que tem planos de expandir a atuação no estado, dobrando a quantidade de lojas instaladas nos próximos dois anos.

A construtora MRV não é novata no estado, já que tem atuação na Paraíba desde 2011, mas tem investido cada vez mais para atender a demanda crescente. Acreditando no potencial do estado, a administração da empresa prepara-se para apresentar novos lançamentos na região, com cerca de 690 unidades em 2025, e entrega de dois empreendimentos, além do início das obras de mais um.

“Além da beleza natural, a Região Metropolitana de João Pessoa oferece uma excelente

qualidade de vida e infraestrutura, o que tem atraído turistas, novos moradores e investidores, aumentando a demanda por imóveis para atender diferentes perfis de clientes”, comentou o diretor comercial da MRV no Nordeste, Alessandro Almeida.

■ **Marca de tintas passará a ter duas lojas em Campina Grande, uma em João Pessoa e uma em Cabedelo**

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

Desemprego no Brasil em 2025

Os números mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) para fevereiro de 2025 mostram um mercado de trabalho em transição, marcado pela alta no desemprego, mas também por avanços na formalização e no rendimento médio dos trabalhadores.

A taxa de desemprego subiu 0,7 ponto percentual (p.p.) em relação ao trimestre encerrado em novembro de 2024 (de 6,1% para 6,8%). Na comparação com janeiro de 2025, houve um aumento de 0,3 p.p. (de 6,5% para 6,8%). Porém, em relação ao mesmo período do ano passado, houve uma redução de 1,0 p.p. (de 7,8% para 6,8%), indicando uma melhora estrutural no longo prazo.

A população desocupada aumentou 10,4% no trimestre, atingindo 7,5 milhões de pessoas, mas caiu 12,5% no comparativo anual. Já a população ocupada registrou queda de 1,2% no trimestre, ficando em 102,7 milhões, ainda 2,4% superior ao ano anterior.

Nenhuma grande área registrou crescimento no emprego no período, mas três segmentos foram os principais responsáveis pela retração foram: Construção civil, que perdeu 310 mil vagas (-4,0%); o Setor público e serviços sociais, com uma redução de 468 mil postos (-2,5%); e o Setor do trabalho doméstico, com um recuo de 290 mil posições (-4,8%).

“**O rendimento médio real dos trabalhadores bateu recorde histórico no trimestre**

João Bosco Ferraz

Esses dados mostram que a desaceleração econômica, os juros altos e a redução de investimentos estão impactando especialmente setores que dependem de políticas públicas e do crédito imobiliário.

Embora o cenário trimestral tenha sido negativo, devemos destacar que alguns setores apresentaram expansão significativa

na comparação anual. Indústria: criou 409 mil vagas (+3,2%); Comércio e reparação de veículos: 690 mil novos empregos (+3,6%); Serviços de informação e comunicação: 447 mil vagas (+3,5%); Setor público e serviços sociais: 717 mil posições (+4,1%).

Isso demonstra que, apesar dos desafios de curto prazo, o mercado de trabalho brasileiro está mais formalizado e diversificado do que há um ano atrás e isso impacta na renda média.

Enquanto o emprego retrocedeu, o rendimento médio real dos trabalhadores bateu recorde histórico no trimestre, atingindo R\$ 3.378 (alta de 1,3% no trimestre e 3,6% no ano, já descontada a inflação). Os setores com maior aumento de salários foram na Indústria (+2,8%); Administração pública (+3,1%); Trabalho doméstico (+2,3%) e no ano, a construção civil (+5,4%) foi destaque.

Esse crescimento reflete uma maior demanda por mão de obra qualificada, além de políticas de valorização do salário mínimo e negociações coletivas mais favoráveis.

Com o cenário atual, as expectativas futuras apontam para momentos de salários em alta, redução no desemprego no longo prazo, aumento recente no desemprego e queda na ocupação em setores sensíveis.

Se o desemprego subir, dependerá da evolução da economia brasileira. Se os juros recuarem e o consumo se aquecer, a geração de empregos pode se recuperar. No entanto, desacelerações setoriais, especialmente na construção civil e no serviço doméstico, ainda podem trazer pressão no curto prazo. Se os próximos trimestres confirmarem uma melhora no ritmo de atividade, é possível que o mercado de trabalho retome uma trajetória positiva. Caso contrário, a taxa de desemprego pode continuar em alta.



Tintas MC aportou R\$ 5 milhões da franquia no estado

SERASA

Mulheres contraem mais dívidas

Pesquisadores veem menor renda entre os motivos do endividamento; oito em cada 10 já tiveram crédito negado

Vitor Abdala
Agência Brasil

Únicas responsáveis por muitas famílias de renda mais baixa, as mulheres continuam enfrentando mais o endividamento do que os homens no país. Levantamentos realizados pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) e pela Serasa (empresa que reúne dados de crédito) mostram o impacto das dívidas para o público feminino.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada neste mês pela CNC, mostra que, apesar de a diferença entre os gêneros ter diminuído em relação a 2024, o percentual de mulheres endividadas (76,9%), em fevereiro deste ano, ainda era superior ao percentual dos homens (76%). Em fevereiro do ano passado, a diferença era de 1,6 ponto percentual (78,8% das mulheres contra 77,2% dos homens).

"Historicamente e até hoje, existe uma diferença salarial entre homens e mulheres. Isso vem diminuindo ao longo do tempo e tem todo um processo de maior independência feminina no mercado de trabalho e de independência dentro da estrutura familiar. Antigamente, a diferença era ainda maior, e elas dependiam muito mais do cônjuge ou de algum outro familiar. Então, o endividamento é maior porque aquela pessoa precisa de mais crédito, já que ela tem menos renda para conseguir lidar com seu dia a dia e sua vida", afirma o economista-chefe da CNC, Felipe Tavares.

Merula Borges, especialista em Finanças da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), ressalta que, além da diferença salarial, há problemas também na dificuldade de conseguir crédito pelas mulheres.

"A gente percebe, no empreendedorismo feminino, que as mulheres têm mais dificuldade de tomar crédito. Elas empreendem, de maneira informal, com mais frequência", afirma. "Elas usam a informalidade como uma forma de subsistência".

Além disso, há a questão de muitas mulheres, principalmente de faixas de renda mais baixas, terem que arcar sozinhas com as despesas familiares.

Segundo pesquisa divulgada neste mês pela Serasa, 93% das mulheres participavam financeiramente das despesas familiares e, em 33% dos lares, elas eram as únicas responsáveis. O percentual é ainda maior nas faixas de renda mais baixa (classes D e E), nas quais, em 43% dos casos, o encargo das despesas recai exclu-

sivamente sobre elas.

Esses dados mostram apenas um lado do desafio enfrentado pelas mulheres, já que 90% das entrevistadas afirmaram que precisavam aliar o trabalho remunerado com as tarefas domésticas.

"As mulheres seguram as despesas da casa sozinhas, têm dupla jornada. Mesmo assim, elas se preocupam em não ficar com valores em aberto, de não ficar com dívidas, até para não ter dificuldade em solicitar crédito", destaca Tamires Castro, especialista da Serasa.

Segundo a pesquisa da Serasa, 40% das mulheres entrevistadas priorizam uma preocupação com as dívidas, na hora de organizar o orçamento familiar. E elas fecham 25% mais acordos que os homens no Feirão Serasa Limpa Nome, que busca regularizar a situação dos devedores para tirar seus nomes da lista de negativados (o que dificulta a concessão de crédito por outras empresas).

Segundo Felipe Tavares, mesmo tendo um grau de endividamento superior ao dos homens, as mulheres demonstram mais consciência sobre o orçamento.

"Mesmo antes, quando tinham menos independência [financeira], elas já tinham um papel muito ativo na gestão do

orçamento familiar. Quando a gente vê esse aumento da renda e da independência, a administração financeira tende a ser melhor nos orçamentos geridos por mulheres".

A dificuldade de obter crédito (47%) e o endividamento (31%) são os principais desafios financeiros apontados pelas mulheres, segundo a Serasa. Oito em cada 10 mulheres (85%) já tiveram algum pedido de crédito negado.

Nos 12 meses que antecederam a pesquisa, entre as mulheres que pediram crédito, a maioria foi para pagar despesas inesperadas (26%) e cartão de crédito (22%).

Dicas

"A gente vê muitos bancos oferecendo o cartão de crédito como opção para acúmulo de milhas e benefícios. Isso é, em certa medida, verdade, mas é preciso ter um cuidado. A tentação é maior nesse caso, porque não tem aquela dor imediata de ficar sem o dinheiro, consegue-se parcelar, e a dificuldade de controle é maior", afirma Merula Borges.

Felipe Tavares destaca que nem toda dívida é ruim, já que, muitas vezes, elas permitem o acesso a bens como automóveis e eletrodomésticos. É importante, no entanto, analisar as condições do crédito antes

de contrair qualquer dívida, além gerir bem o próprio orçamento.

"Ter dívidas não é algo ruim. Ter dívidas ruins é algo ruim. Se você fizer uma dívida consciente, com boas taxas, boas condições, que caiba no seu orçamento, aquilo vai ser muito benéfico para sua vida. O crédito não é problema, o problema é você gerir bem o orçamento. Então, a dica é que se preste muita atenção se a taxa de juros é pós-fixada, se ela está indexada a algum indicador de inflação, se tem algum seguro embutido ali, algum serviço embutido na dívida que pode ser tirado para ficar mais barato".

Tamires Castro destaca que é importante controlar o orçamento, sabendo exatamente o quanto se ganha e o quanto se gasta, para evitar contrair dívidas que se tornem difíceis de pagar.

"A gente precisa ter clareza de tudo que a gente ganha e de tudo que a gente gasta. Tem que entender o que é de fato aquilo que entra e aquilo que a gente tem de despesas fixas que não pode negociar, que a gente tem que pagar. E, como há uma preocupação das mulheres em negociar dívidas, é importante identificar descontos, para conseguir pagar as dívidas com esses descontos".



Segundo a Serasa, 93% das mulheres participavam financeiramente das despesas familiares e, em 33% dos lares, elas eram as únicas responsáveis



Eletrodomésticos estão entre os produtos que podem ser comprados com dívidas bem planejadas

ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO

Mais de 3,4 mil trabalhadoras foram resgatadas em 20 anos

Letycia Bond
Agência Brasil

De 2004 a 2024, 3.413 mulheres foram resgatadas em situações análogas à escravidão ou ao trabalho escravo contemporâneo. Desse total, 200 foram socorridas no ano passado.

De acordo com o Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas, iniciativa desenvolvida conjuntamente por entidades como o Ministério Público do Trabalho (MPT) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao longo da década, a maioria das vítimas (763) era da faixa etária de

18 a 24 anos. O quantitativo representa mais de um quinto do total (22,35%).

O segundo maior grupo é o de mulheres com idade entre 25 e 29 anos, composto por 497 vítimas (14,5%). Nos gráficos elaborados pelo observatório, constata-se que as mulheres com 60 anos ou mais e de 18 anos ou menos representam os menores grupos de vítimas.

Em 2023, das 222 vítimas mulheres, 74 (33,3%) tinham dois perfis: metade com idade entre 25 e 29 anos e metade na faixa etária de 40 a 44, segundo o observatório da Rede de Cooperação SmartLab.

No acumulado dos anos analisados, de 2004 a 2024, a quantidade de vítimas do gênero masculino é significativamente superior, um total de 44.428.

As estatísticas corroboram a conexão que as pessoas com baixa escolaridade têm maior propensão de ser aliciadas e exploradas por meio do trabalho escravo contemporâneo. Ao todo, 15.976 (32,8%) vítimas, mulheres e homens, tinham parado os estudos no 5º ano do Ensino Fundamental, sem concluí-los; e 12.438 (25,5%) eram analfabetas.

A legislação brasileira atual classifica como trabalho aná-

logo à escravidão toda atividade forçada — quando a pessoa é impedida de deixar seu local de trabalho — desenvolvida sob condições degradantes ou em jornadas exaustivas. Casos em que o funcionário é vigiado constantemente, de forma ostensiva, pelo patrão também são considerados trabalho semelhante ao escravo.

De acordo com a Coordenação Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo (Conaete), a jornada exaustiva é todo expediente que, por circunstâncias de intensidade, frequência ou desgaste, cause prejuízos à saúde física ou mental do tra-

balhador, que, vulnerável, tem sua vontade anulada e sua dignidade atingida.

Já as condições degradantes de trabalho são aquelas em que o desprezo à dignidade da pessoa humana se instaura pela violação de direitos fundamentais do trabalhador, em especial os referentes a higiene, saúde, segurança, moradia, o repouso, alimentação ou outros relacionados a direitos da personalidade.

Outra forma de escravidão contemporânea reconhecida no Brasil é a servidão por dívida, que ocorre quando o funcionário tem seu deslocamento restrito pelo empregador sob

alegação de que deve pagar determinada quantia de dinheiro.

Como denunciar

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) desenvolve, desde 1997, a campanha De Olho Aberto para não Virar Escravo, ativa desde 1997, que distribui vídeos explicativos e também lembra os principais setores econômicos em que esse tipo de crime é praticado, como a agropecuária em geral. A criação de bovinos, por exemplo, responde por 17.040 casos (27,1%), enquanto o cultivo da cana-de-açúcar está ligado a 8.373 casos (13,3%), conforme dados da organização.

PALEONTOLOGIA

PB fortalece cooperação científica

Congresso internacional realizado em Sousa influenciará implementação do Complexo Científico do Sertão

Ascom Secties

A bacia sedimentar do Rio do Peixe guarda vestígios milenares que revelam conexões pretéritas da ligação territorial entre o Brasil e a África, quando no mundo havia uma só plataforma continental. Fala-se de um patrimônio mundial. O tema foi debatido no 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, e no 1º Fórum Ensino Superior: Atualização e Expansão Curricular na Paraíba, realizados em Sousa no último fim de semana.

O evento foi organizado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), e integra o Projeto de Pesquisa em Paleontologia e Arqueologia na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe.

Autoridades internacionais, gestores públicos, cientistas e professores, ambientalistas e pessoas interessadas frisaram a relevância de preservar os indícios paleontológicos e arqueológicos e as oportunidades que podem alavancar a economia da região. Durante o Congresso, firmou-se parceria para a cooperação científica com instituição italiana, além de lançamento de livro.

Referindo-se aos conhecimentos transmitidos pelos especialistas, Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), menciona que a região guarda vestígios de atividades de animais e vegetais, os icnofósseis, de um período quando ainda não havia o Oceano Atlântico. “A bacia sedimentar do Rio do Peixe é única por ser um retrato geológico de uma época em que a América do Sul estava conectada com a África. Há vários aspectos encontrados aqui e no continente africano como os icnofósseis de animais pré

-históricos, conchas, vegetação e outros”, afirma.

A valorização de tal patrimônio natural — atualmente são 42 sítios catalogados — foi um dos tópicos que convidou para a conversa os diversos setores da sociedade. Desde o pensamento produzido nas universidades até a conscientização dos estudantes nos bancos escolares, o compromisso de gestores e da população são braços que fortalecem ações de preservação, pesquisa e, inclusive, desenvolvimento econômico.

Demonstrando isso, o Dr. Juvandi Santos, professor da UEPB e coordenador do Projeto de Pesquisa em Paleontologia e Arqueologia na Bacia sedimentar do Rio do Peixe, ressaltou: “Esse projeto, além de trazer o conhecimento científico, também tem movimentado a comunidade com relação à preser-

vação desses ambientes naturais e culturais”.

De acordo com o secretário, os debates levantados durante o congresso influenciarão a política pública que definirá a implementação dos equipamentos que compõem o Complexo Científico do Sertão. “Por exemplo, a inserção de uma trilha de conhecimento que começa em Carrapateira, passa por Sousa, pelo Vale dos Dinossauros, e depois segue para o Museu de Arqueologia da Paraíba em Cajazeiras, como foi apresentado aqui”.

O Complexo Científico do Sertão é um conjunto de equipamentos distribuídos em municípios próximos entre si, conforme a vocação científica de cada um: Aguiar, onde está em construção o radiotelescópio Bingo; Carrapateira, que sediará a Cidade da Astronomia; Cajazeiras, onde está o Museu

de Arqueologia e Sousa, com o Vale dos Dinossauros. Essa região ostenta a beleza de serras na Caatinga, cachoeiras, sendo também um atrativo natural. Desse modo, o visitante tem uma trajetória compensadora. Esses assuntos foram abordados no 1º Fórum Ensino Superior: Atualização e Expansão Curricular na Paraíba, além de discutir as demandas de formação em níveis tecnológico, superior, de pós-graduação e de pesquisa.

O secretário Claudio Furtado acrescentou: “Em breve, o governador João Azêvedo deverá assinar um acordo de cooperação com o governo italiano, via embaixada, para realizarmos intercâmbios tanto de pesquisadores da Paraíba para a Itália a instituições de paleontologia e arqueologia e de outras áreas, bem como a vinda de pesquisadores italianos para



Participantes do 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, realizado no último fim de semana. Foto no detalhe mostra parte da bacia sedimentar do Rio do Peixe, um dos temas debatidos no evento



Em breve, o governador João Azêvedo deverá assinar um acordo de cooperação com o governo italiano, via embaixada

Claudio Furtado

que a gente possa beber das experiências de outros museus científicos e, junto com a comunidade, reforçar cada vez mais o nosso Complexo Científico do Sertão”.

As articulações para esta cooperação, que incluíram o adido da embaixada da Itália no Brasil, Fábio Naro, foram ratificadas pela assinatura de um Memorando de Entendimento entre o Museo delle Scienze di Trento (Muse), representado pelo seu diretor, Massimo Bernardi, e a Secties. A cooperação faz parte do programa Paraíba sem Fronteiras, política pública criada para internacionalizar a ciência, tecnologia, inovação e Ensino Superior no estado. Entre os objetivos, estão iniciativas conjuntas nas áreas de pesquisa paleontológica, capacitação profissional, inovação tecnológica e engajamento público.

Livro aborda diversidade de pegadas de dinossauros no país

Na solenidade de abertura do 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, foi lançado o livro “Dinosaur Tracks of Mesozoic Basins in Brazil: Impact of Paleoenvironmental and Paleoclimatic Changes” (Pegadas de Dinossauros nas

Bacias Mesozóicas do Brasil: Impacto das Mudanças Paleoambientais e Paleoclimáticas — tradução livre), resultado de pesquisas do cientista italiano Giuseppe Leonardi e do professor e cientista Ismar de Souza Carvalho, referência nacional em Pa-

leontologia, do Instituto de Geociências (IGeo) e da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro apresenta a diversidade de pegadas de dinossauros encontradas em bacias mesozoicas no Brasil e projeta internacionalmen-

te os registros da bacia sedimentar do Rio do Peixe. É direcionado a geocientistas e paleontólogos.

Serviços reconhecidos

Quem faria uma viagem de cinco dias num Fusca amarelo, saindo do Paraná, para chegar a uma cidade pequena, no Sertão do Nordeste, em busca de algo que pudesse ser pegadas de dinossauro fossilizadas?

Foi essa a motivação do professor doutor Giuseppe Leonardi para chegar a Sousa, município polo da bacia sedimentar do Rio do Peixe, em 1975. Ele veio tomar ciência *in loco* de registros feitos e publicados no livro “Serras e Montanhas do Nordeste”, em 1924, de autoria do engenheiro de minas Luciano Jacques de Moraes (1896-1968). As pegadas foram descobertas por acaso por um fazendeiro da

região, o qual informou o engenheiro que estava em Sousa, pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), onde trabalhava.

Pesquisador curioso, Giuseppe Leonardi obteve uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e veio para a Paraíba. “Encontrei as pegadas mencionadas no livro e muitas outras”, relatou.

Durante o 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, ele recebeu homenagens pelos serviços prestados à ciência paleontológica, bem como seus colegas e amigos que o acompanharam neste trabalho: Robson Araújo (*in memoriam*), o “Guardião do Vale”, que dedicou a vida a proteger e divulgar o patrimônio paleontológico de Sousa; Luiz Carlos da Silva, que continua a explorar e catalo-

gar novas descobertas, contribuindo para o avanço da pesquisa na região; e o professor Ismar de Souza Carvalho, da UFRJ. Os homenageados receberam placas de reconhecimento das mãos de autoridades e pesquisadores locais, simbolizando a gratidão e o respeito pelos serviços prestados ao Vale dos Dinossauros.

■ Pesquisador curioso, Giuseppe Leonardi obteve uma bolsa do CNPq e veio para a Paraíba



Professor doutor Giuseppe Leonardi recebendo certificado do secretário Claudio Furtado

Foto: Mateus de Medeiros/Secties

Foto: Mateus de Medeiros/Secties

Foto: Divulgação/Governo da Paraíba

Foto: Mateus de Medeiros/Secties

LIXO ESTRANGEIRO

Resíduos de 30 países chegam à PB

Embalagens de origem internacional, provavelmente provenientes de embarcações, poluem a costa do estado

Emerson da Cunha
emersonsounsa@gmail.com

Um levantamento realizado pelo projeto Mares sem Plástico, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estima que há, pelo menos, 30 nações de origem dos resíduos estrangeiros encontrados nas praias da costa paraibana. O grupo atua desde 2019 com educação ambiental, e, entre suas atividades, está a de coleta de resíduos em toda a costa de praias paraibanas.

Durante essas ações, além dos resíduos de origem brasileira, surgem as embalagens com palavras e sinais pouco comuns ou desconhecidos, como o mandarim, por exemplo, indicando que é um lixo estrangeiro.

Entre os países de origem do lixo encontrado pelo grupo estão os asiáticos, como a China, a Índia e a Coreia do Norte; os africanos, como Moçambique e África do Sul; os europeus, tais quais Alemanha, Noruega e Estônia; norte-americanos, como os Estados Unidos; sul-americanos, como a Argentina; e até mesmo da Oceania, no caso da Austrália.

Os trabalhos de coleta e de sistematização das informações são coordenados pela professora do curso de Química Cláudia Cunha. “É surpreendente identificar e coletar tantas embalagens de outros países aqui no nosso litoral paraibano”, conta. Ainda segundo ela, na capital, João Pessoa, o fenômeno não é tão observado devido ao trabalho dos agentes de limpeza.

De acordo com a professora, os locais com maior concentração desse tipo de lixo no estado são o Litoral Sul, Barra de Mamanguape, Barra de Camaratuba, Gramame e Jacaré, por exemplo. “Nós conseguimos encontrar essas embalagens com mais facilidade, porque realmente essas embalagens vêm pelas correntes e ficam na costa”, constata.

A professora relatou que recentemente, em janeiro, o grupo fez uma ação na Barra de Mamanguape. “Quando tinha um resíduo plástico, uma embalagem, a gente sabia que era de fora. Então, realmente é muito comum encontrar isso,

principalmente em praias mais distantes das nossas praias urbanas”, explica Cunha.

Educação ambiental

No processo de educação ambiental desenvolvido pelo projeto, visualiza-se o lixo estrangeiro a partir dos diferentes países de origem. A ideia é falar em nível global sobre o descarte correto de resíduos que, quando são descartados inadequadamente, podem impactar não apenas o local onde foram descartados, mas também locais mais distantes, a partir dos movimentos marinhos, como as correntes.

Ainda sobre as característi-

cas dos resíduos estrangeiros, ela aponta que “a maioria [dos detritos encontrados] são embalagens alimentícias, como também, por exemplo, na atividade em janeiro, em Barra de Mamanguape, nós encontramos embalagens de chá fechadas, embalagens de caldo de sopa, embalagem lacrada, fechada de chá, de sopa. Nós encontramos também outros condimentos, muitos condimentos, especiarias, a maioria alimento, mas também a gente encontra produto de carro, spray de carro, aerosol, vidro. Então, há uma diversidade imensa”, aponta Cláudia.

Outro projeto da UFPB que também atua na coleta de resíduos marinhos é o Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar, coordenado pela profa. Amélia Severino, do curso de Engenharia de Materiais. Ao longo do trabalho de coleta e pesquisa realizado de agosto de 2023 a agosto de 2024, na costa da capital, com visitas praticamente semanais às praias da Penha, Seixas, Cabo Branco e Tambaú, os pesquisadores e pesquisadoras também se depararam com resíduos estrangeiros, sendo a maioria de produtos da China.

“A gente fez um trabalho de um ano em quatro praias e encontrou lixo de outros países, mas foi pontual. Encontramos garrafas, inclusive uma garrafa retornável. Esse lixo a gente encontra muito na praia da Penha. E a gente encontrou também em Tambaú, que ainda gerou dúvida, porque era uma



Fotos: Divulgação/Projeto Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar

É possível identificar a nacionalidade dos itens encontrados por meio da análise dos rótulos, escritos em diferentes idiomas



Foto: Arquivo Pessoal

“

É muito comum encontrar isso, principalmente em praias mais distantes das nossas praias urbanas

Cláudia Cunha



pomada de micose na areia. Então, gerou a dúvida de ser algum turista que jogou ali. Não é porque está na praia que veio

Poluição causada pelo alijamento de navios, prática que visa a redução da carga, coloca em risco a vida marinha

do mar. Eles jogam lá no mar e na praia. Mas, em Tambaú, que foi mais pontual ainda, a gente achou um remédio, além da garrafa, uma cartela de comprimido. Inclusive garrafa retornável, que é garrafa mais espessa”, descreveu Amélia.

Emlur

Responsável pela limpeza e sanitização diária das praias da costa de João Pessoa, a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) também tem registro desse tipo de resíduos nas praias pessoenses. Diariamente, entre o fim da madrugada e o nascer do sol, os agentes de limpeza passam pelas praias pessoenses recolhendo os resíduos presentes, a fim de manter a praia limpa. Assim como o projeto Sustentabilidade, o principal país de origem do lixo estrangeiro encontrado é a China, ao lado de outros países asiáticos. A maioria dos materiais encontrados são garrafas plásticas e embalagens de alimentos

industrializados, aparecendo por toda a costa, sem distinção de praia.

Segundo o superintendente do órgão, Ricardo Veloso, não se pode descartar que as correntes marinhas tragam esse lixo até de outros estados ou municípios, ou mesmo do continente africano, mas o que claramente se percebe é que esses resíduos são frutos do lixo de embarcações.

“Muito provavelmente, a origem desse tipo de resíduo é de alijamento [ação de arremessar carga para aliviar peso de um navio] de resíduos sólidos de embarcações que cortam as nossas praias, as nossas costas, os nossos mares e, infelizmente, procedem com essa prática de fazer o descarte, o alijamento de resíduos nos mares”, explica.

Ele ainda detalha os problemas ambientais gerados. “Causa não apenas impactos visuais como também impacto na biodiversidade, onde você vê espécies que ficam emaranhadas ou se alimentam desse tipo de resíduo. É um risco para a vida marinha”, destaca o superintendente.

A professora Cláudia Cunha reitera a fala do superintendente sobre a origem desse lixo. “Quando a gente não tem conclusão em termos de pesquisa, de dados da resposta, a gente faz inferências. A gente infere que seja, suspeita que seja, realmente, dessas grandes embarcações, do descarte incorreto direto no mar”, acrescenta.

Problema afeta pelo menos 15 dos 17 estados do litoral brasileiro

O problema não é exclusivo da Paraíba, mas envolve toda a costa brasileira. Segundo levantamento da BBC Brasil a partir de registros de leitores e seguidores, 15 dos 17 estados do litoral brasileiro sofrem com a presença de resíduos estrangeiros nas suas costas.

Em nível nacional, a rede Overboard – Lixo Internacional, criada em 2021, congrega ONGs e voluntários que registram resíduos intencionais no país, a partir de projetos em locais com influência das áreas de fundeio (local onde uma embarcação pode lançar âncora) dos estados do Cea-

rá, Bahia, Pará, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, além da Paraíba – no estado, é o Mares Sem Plástico que faz parte da rede. O nome do grupo vai direto na causa do problema: pode ser traduzido como “fora a bordo”, significando o que está sendo despejado dos navios em alto mar.

“A ideia é formar essa rede ao longo dos anos para ajudar esses grupos como um todo, unificando os trabalhos de formação de conteúdo acadêmico e petições, buscando uma forma de colaborar com as autoridades, junto à imprensa local de cada região, no andamento

de mais rigidez da fiscalização dos navios em área de fundeio”, explica o coordenador da rede Rodrigo Brazão.

A ideia é que haja, justamente, um espaço para a pesquisa e produção de dados, a fim de intervir em outras esferas, principalmente por meio da articulação. “No decorrer dos trabalhos de troca de informações, compartilhamos petições de São Paulo com outros grupos da Paraíba a fim de manifestar apontamentos dos materiais junto aos Ministérios Públicos dos estados. Algumas universidades aderiram à ideia de vincular dados à criação de

artigos científicos, onde a UFPB e UFPA [Universidade Federal do Pará] e outras formataram seus artigos e estudos baseados nos dados de lixo de outros países”, coloca Brazão.

Ele explica que a legislação nacional segue em base a mesma diretiva da Lei Internacional Marpol 73-78, que limita as embarcações a algumas exigências padronizadas de descarte de resíduos desde a incineração, descarte e trituração. Isso seria uma das fontes do problema dos resíduos estrangeiros nas nossas praias. “Por questão de falha dos protocolos, os navios acabam usando

de uma lacuna entre a lei nacional e internacional, não tendo uma espécie de base de cálculo de consumo a bordo que obrigue os navios a prestar contas e pagar os serviços de limpeza de forma correta”, complementa.

Para ele, é necessária “uma legislação que vise à obrigatoriedade de contratação de limpeza a bordo com protocolos mais apurados e definidos devido à quantidade de tripulantes e o tempo de sua última saída (país de origem). Muitos resíduos acabam sendo comprados em outros países e ainda no seu prazo de validade são despeja-

dos na nossa costa brasileira”.

Além disso, ele ressalta a necessidade de mais força de vontade dos órgãos competentes, que, em muitos casos, não atendem à demanda devido aos navios obedecerem à lei internacional (Marpol). “E tendo essa lei atualizada, pode-se gerar multa para os navios que não apresentarem os protocolos de contratação de serviços de limpeza”. Para o futuro, está a ideia de uma petição nacional sobre o tema, além de ajudar a formar uma base de informações para que cada região se manifeste com mais contundência e autonomia.

Em desvantagem, o Botafogo-PB precisa vencer por dois ou mais gols de diferença; se a vitória for por margem de apenas um gol, a decisão vai para os pênaltis



PARAIBANO 2025

Belo tenta quebrar jejum de cinco anos

Botafogo-PB precisa reverter a vantagem do Sousa no último jogo do campeonato, hoje, no Almeidão, às 16h

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Botafogo-PB e Sousa jogam, hoje, às 16h, no Almeidão, pelo segundo e decisivo jogo da final do Campeonato Paraibano 2025. O Belo precisa vencer por dois ou mais gols de diferença para conquistar o título ainda no tempo regulamentar; triunfo alvinegro por margem de apenas um gol leva a decisão para os pênaltis. Com qualquer empate, o Dino é campeão. As equipes decidem o torneio pelo segundo ano consecutivo.

Precisando reverter o resultado adverso, o Botafogo-PB aposta na força do Almeidão para voltar a ser campeão depois de cinco temporadas. O clube da Maravilha do Contorno tem um bom retrospecto atuando na praça esportiva pessoense em 2025. Na atual temporada, foram nove partidas no estádio e apenas uma derrota. Nos demais jogos, o time tem dois empates e seis vitórias. O recorte considera jogos da Pré-Copa do Nordeste, onde teve sua única derrota em casa, Campeonato Paraibano e Copa do Brasil.

“A gente sabe que o nosso torcedor vai comparecer. Temos noção da nossa capacidade jogando dentro do Almeidão. Vamos buscar reverter esse resultado, estamos focados nisso. Trabalhamos bastante para que

neste domingo a nossa equipe possa estar melhor. Que possamos colocar em campo toda a nossa força, capacidade e concentração, com um só objetivo: buscar o título”, destacou o zagueiro Reniê em entrevista coletiva.

Diante da necessidade do time de fazer pelo menos dois gols, o defensor comentou sobre a importância da presença da torcida nas arquibancadas. A expectativa é de que o público presente supere os pouco mais de 10 mil que estiveram na semifinal contra o Treze.

“O apoio deles é essencial para nós, que eles possam encher o estádio, fazer uma festa linda, porque nós, os jogadores e o Botafogo-PB como um todo, buscamos dar nosso máximo em cada sessão de treino, a cada trabalho que fazemos no clube. Então, fica aqui o convite para o torcedor, que ele possa vir, que possa nos apoiar, porque ele vai encontrar um Botafogo-PB empenhado em conquistar esse título”, falou Reniê.

Sousa

Após ter uma sequência de duas vitórias, contra o Fortaleza e o Belo, o Sousa perdeu para o Ferroviário no meio de semana e está eliminado da Copa do Nordeste. Agora, a equipe, que entrou no duelo da fase de grupos do torneio regional com time misto, busca dar uma resposta ao seu torce-

dor já contra o clube da capital na decisão. O Dino não deve ter problemas para escalar o que tem de melhor no segundo jogo da final.

Diante da importância de um tetracampeonato, diretoria e comissão técnica prepararam todo um esquema para que o time chegue bem na tarde de hoje. Paulo Foiani aposta no seu setor defensivo para ser campeão estadual. O Dino tomou apenas cinco gols durante todo o Campeonato Paraibano, tendo jogado 12 partidas. Em termos de comparação, o Botafogo-PB sofreu 10, o dobro.

Se não for vazado, o time do Ser-

tão levanta seu quarto título estadual. O clube foi campeão em 1994, 2009 e no ano passado, batendo o próprio Belo. Agora, a agremiação de Aldeone Abrantes busca se consolidar de vez como uma grande força da Paraíba. Esta é a quarta final do Sousa nos últimos cinco anos; só esteve fora em 2022.

Jejum do Belo

O Botafogo-PB, maior campeão paraibano, com 30 títulos, apesar de não vencer há cinco anos, é o clube que mais frequentou finais do Paraibano nesta e na década passada, de 2011 a 2025, esteve presente em nove decisões.

Campinense divide a primeira posição com o Alvinegro da capital. A Raposa também jogou nove finais no período. O Belo conquistou cinco taças.

Nas cinco temporadas sem conquistar o título, o time da Maravilha do Contorno esteve em duas finais. Em 2022, foi derrotado pelo Campinense, perdendo os dois jogos. Quando voltou à decisão, em 2024, parou justamente no rival de hoje. Na única final que Sousa e Botafogo-PB, disputaram, o Dino levou a melhor.

Naquela decisão, as equipes fizeram um jogo sem gols no Marizão, deixando que tudo fosse resolvido no segundo duelo, no Almeidão. Com o empate na ida, o confronto decisivo foi mais aberto, mas com poucas finalizações certas. No fim, o campeão foi decidido nos pênaltis, após mais um empate, agora por 1 a 1, no tempo normal. Diego Ceará fez o gol do Dino, enquanto que Bruno Leite, do lado do Belo, deixou tudo igual.

Nas penalidades, Bruno Fuso defendeu a cobrança de Wendel Lomar, e Pipico isolou sua batida. Como o Sousa acertou todas as suas cobranças, venceu por 4 a 3 e acabou sendo tricampeão paraibano depois de ser vice em 2012, 2021 e 2023.

Arbitragem

O árbitro Flávio Rodrigues de Souza (Fifa-SP) apita

o duelo entre Botafogo-PB e Sousa. Recentemente, ele se envolveu em uma polêmica enquanto apitava a semifinal do Campeonato Paulista, entre Palmeiras e São Paulo, quando marcou um pênalti inexistente para o Alviverde. Depois do Choque-Rei, a Federação Paulista veio a público pedir desculpas pelo erro.

Flávio será auxiliado por Márcia Bezerra (CBF-RO) e Luiz Claudio Regazone (CBF-RJ). A quarta árbitra é Deborah Cecília (Fifa-PE). O confronto conta com árbitro de vídeo, que será comandado por Diogo Pombo (Fifa-BA).

Ingressos

O torcedor pode garantir seu ingresso na bilheteria do Estádio Almeidão. O setor Sombra tem os seguintes valores: R\$ 60 a inteira e R\$ 30 a meia. Já no setor Sol, as entradas podem ser adquiridas por R\$ 30 a inteira e R\$ 15 a meia. O setor visitante tem bilhete custando R\$ 30 a inteira e R\$ 15 a meia. No setor mais caro, o Cadeiras, o ingresso custa R\$ 120 a inteira e R\$ 60 a meia.

Crianças menores de 11 anos têm acesso gratuito, desde que acompanhadas pelo responsável legal (sócio ou pagante). A venda física acontece a partir das 9h, no Almeidão. A expectativa é de que o jogo registre o maior público do campeonato, superando os 10.175 torcedores da semifinal.



O troféu que será entregue ao campeão paraibano, após o jogo entre Sousa e Botafogo-PB

SELEÇÃO FEMININA

Seleção fará amistosos contra EUA

Técnico Arthur Elias quer aproveitar os jogos para aperfeiçoar a preparação visando a disputa da Copa América

A Seleção Brasileira Feminina tem dois grandes objetivos nos amistosos, como visitante, contra os Estados Unidos, nos dias 5 e 8 de abril. Primeiro, quer aproveitar as duas partidas para aperfeiçoar a preparação visando à disputa da Copa América, em julho e agosto, no Equador. Além disso, o técnico Arthur Elias pretende ver a "reafirmação da Seleção Brasileira entre as melhores do mundo".

"Por isso, vamos enfrentar os Estados Unidos, que têm um histórico muito grande de vencedor, elas são as atuais campeãs olímpicas. Fizemos uma final da Olimpíada equilibrada contra os EUA (em 2024), que é a seleção líder do ranking da Fifa e que, com certeza, vai representar um teste muito importante para esse nosso grupo de atletas", disse Arthur.

Depois da medalha de prata em Paris, a Seleção Brasileira fez quatro amistosos: dois contra a Colômbia, sua grande rival sul-americana, e dois contra a Austrália. Conseguiu três vitórias e empatou uma das partidas com as colombianas. A atuação da equipe nesses jogos mostrou que a medalha na Olimpíada não foi por acaso.

Das 23 escolhidas, 14 atuam fora do país. São sete jogadoras da Europa, uma do México, outra da Arábia

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



O técnico da Seleção Brasileira, Arthur Elias, conversa com as jogadoras após um dos amistosos contra a Austrália, disputado no ano passado

Saudita e cinco dos EUA, integradas às nove que jogam no futebol brasileiro.

"Existem mudanças sempre em todas as convocações. A Seleção Brasileira está aberta para um grupo muito

grande de atletas que a gente vem observando. O futebol feminino brasileiro vem crescendo bastante, e estamos sempre olhando para a frente", comentou Arthur.

Ele deu mais detalhes so-

bre a sua expectativa com relação aos dois confrontos de abril — o primeiro em Los Angeles e o outro em San José, também na Califórnia.

"A Seleção Americana se defende muito bem, e, assim

como nós, é uma Seleção que tem feito mudanças em suas convocações e em seu sistema de jogo. Vão ser duelos muito ricos, com as opções novas que as duas seleções têm apresentado nas últimas

convocações. Temos diferentes perfis de atletas para cada plano de jogo e queremos ser uma equipe dominante nas partidas, com mais eficiência nas chances que criamos", acrescentou Arthur Elias.

BOXE

Brasil sedia o World Boxing Cup em Foz do Iguaçu, amanhã

O Brasil será palco de mais um evento esportivo internacional com o apoio do Ministério do Esporte. A partir de amanhã até 5 de abril, a cidade de Foz do Iguaçu (PR) recebe o World Boxing Cup, um dos principais torneios do boxe mundial. A competição contará com a participação de, aproximadamente, 150 atletas de 18 países, incluindo grandes nomes do boxe brasileiro, como Abner Teixeira, Jucielen Romeu, Wanderley Pereira e Carolina Almeida, entre outros.

Entre as nações confirmadas, destacam-se potências do boxe, como Estados Unidos, França, Alemanha e Grã-Bretanha, além de outros países de relevância no esporte, como Argentina, Austrália, Panamá, Noruega, Polônia, Cazaquistão, Taipei, Suíça, Guatemala, Índia, Itália, Suécia e Uzbequistão.

A secretária de Excelência Esportiva (SNE) do Ministério do Esporte, Iziane Marques, destaca que a competição representa uma oportunidade estratégica para o fortalecimento do boxe olímpico no Brasil e a consolidação do país como sede de eventos internacionais de alto nível.

"A realização do torneio não apenas impulsiona a competitividade e a qualificação dos pugilistas brasileiros no cenário mundial, mas também contribui para o intercâmbio técnico e esportivo, impactando diretamente o crescimento do esporte no país. Além disso, ao garantir acesso gratuito ao pú-

blico, o evento promove inclusão e amplia o alcance do boxe, incentivando o engajamento da comunidade e a formação de novos talentos", afirma Iziane.

Desenvolvimento

Ela também enfatiza que o apoio do Ministério, por meio da SNE, reafirma o compromisso com o desen-

volvimento da modalidade, proporcionando uma estrutura adequada para atletas, técnicos e árbitros. "Esta é uma competição-chave para a trajetória dos atletas no ranking mundial, e o Brasil demonstra sua capacidade organizacional e seu papel de destaque no movimento esportivo global", acrescenta a secretária. Dos 16 atletas

brasileiros que disputarão a Copa do Mundo, 14 recebem apoio do programa Bolsa Atleta, demonstrando o impacto do incentivo governamental no desenvolvimento do boxe nacional.

O presidente da Confederação Brasileira de Boxe, Marcos Cândido de Brito, ressalta a importância do evento para o Brasil. "Acredito que a

competição será fundamental para o boxe brasileiro, pois nos insere no calendário internacional da modalidade. Contaremos com a participação de atletas e dirigentes respeitados mundialmente e, sem dúvidas, faremos bonito. O Ministério do Esporte é um grande parceiro no desenvolvimento do boxe nacional". Os boxeadores mas-

culinos e femininos buscarão acumular pontos ao longo do torneio, que faz parte de um circuito internacional. Após a etapa no Brasil, a Copa do Mundo de Boxe seguirá para o Cazaquistão, em junho, e para um terceiro país, ainda a ser definido, em julho. As finais da temporada ocorrerão em Nova Deli, Índia, em novembro de 2025.

Foto: Wander Roberto/COB



Abner Teixeira é um dos atletas olímpicos que vai participar da disputa de um dos torneios mais importantes da modalidade no sul do país

MAC ALLISTER

Meia diz que a Argentina pode mais

Ao site da Fifa, jogador fala sobre a classificação à Copa sem Messi e a harmonia do elenco de Lionel Scaloni

Leandro Paredes se encaixou entre Cuti Romero e Nicolas Otamendi. Nessa defesa de três, ele atuou como armador e líbero. Nicolas Tagliafico e Nahuel Molina ficaram nas laterais, dando amplitude à equipe. À frente do jogador da Roma, quatro jogadores estavam constantemente mudando de posição para encontrar espaço para receber a bola, enquanto o Brasil tinha apenas dois meio-campistas centrais, André e Joelinton. O quarteto fantástico formado por Rodrigo de Paul, Enzo Fernandez, Thiago Almada e Alexis Mac Allister entregou ao time de Lionel Scaloni um nível totalmente novo de excelência futebolística.

O Brasil foi derrotado por 4 a 1. O domínio da Argentina causou tanto impacto que a multidão do Estádio Monumental mal se sentou. A excitação era avassaladora e a adrenalina bombava.

Mac Allister, o meio-campista do Liverpool, mais uma vez mostrou o quão confortável ele está com a camisa da Argentina. Ele demonstra uma forte conexão com seus companheiros de equipe e comissão técnica, além de mostrar a forte liderança necessária para representar uma das nações do futebol historicamente mais prestigiosas. Aos 26 anos, Mac Allister ganhou *status cult* com a seleção nacional após uma série de excelentes atuações, desde que começou contra a Polônia, na par-



Mac Allister comemora a boa atuação na goleada sobre o Brasil e a classificação antecipada para a Copa do Mundo de 2026

tida final da fase de grupos da Copa do Mundo de 2022.

A goleada da Argentina sobre o Brasil aconteceu em um dia em que a Albiceleste garantiu vaga na Copa do Mundo de 2026, com quatro rodadas de antecedência para o fim das Eliminatórias Sul-Americanas. Mais uma vez, Mac Allister provou ser o coração pulsante do time, cujo desempenho rivalizou com o do primeiro tempo da final da Copa do Mundo no

Catar, contra a França. O ex-jogador do Boca coroou sua performance com um delicado chute sobre o goleiro Bento, aos 37 minutos, após um passe preciso de Enzo Fernández.

Os homens de Scaloni entram no torneio, que será disputado nos Estados Unidos, México e Canadá, com uma variedade de jogadores de alto nível, bem como uma configuração de treinador que sempre parece escolher

a estratégia certa com base na forma atual de seus jogadores e na oposição.

Embora esse esquadrão de jogadores tenha se conhecido cada vez mais, ele só parece realmente atingir seu ritmo em grandes triunfos. Como tal, Mac Allister incorpora perfeitamente um time quase invencível que já ganhou a Copa América duas vezes (2021, 2024), uma Copa do Mundo (2022) e uma Finalíssima (2022).

O craque argentino falou com a Fifa depois que sua qualificação foi garantida.

■ *De onde vem a ambição do time, essa fome de vencer? Você podia ver pelas expressões dos jogadores que eles queriam continuar pressionando mesmo depois de todos os gols terem acontecido.*

Acho que vem em parte da liderança. Da comissão técnica, dos nossos capitães e da mentalidade do time. Es-

tamos todos muito focados e queremos vencer, competir e ir mais longe.

■ *Você tinha uma grande vantagem numérica no meio-campo. Como você conseguiu isso?*

Obviamente, tudo isso foi culpa do treinador. Percebemos que sempre havia força nos números no meio-campo, e tiramos vantagem disso. Jogamos um ótimo futebol pelo meio do campo, então, sim, acho que foi um ótimo jogo.

■ *Você gosta do fato de estar em um time onde todos que entram jogam bem?*

Definitivamente. A verdade é que amamos ter jogadores assim. No final das contas, ganhar troféus ou alcançar o sucesso envolve mais do que apenas um time de 11. É um time forte e, felizmente, temos os melhores talentos não apenas em campo, mas também fora dele.

■ *Por fim, o que significaria para vocês, como grupo, fazer parte da sexta Copa do Mundo de Messi, que estabeleceria um novo recorde na Copa do Mundo?*

Olha, é sempre um prazer jogar com Leo, o melhor jogador da história. Ficariamos nas nuvens se ele pudesse estar conosco. Talvez não tenha demonstrado hoje, mas sempre sentimos falta dele. Ele é o melhor jogador do mundo, então estou sempre feliz de poder jogar ao lado dele.

RECORDES

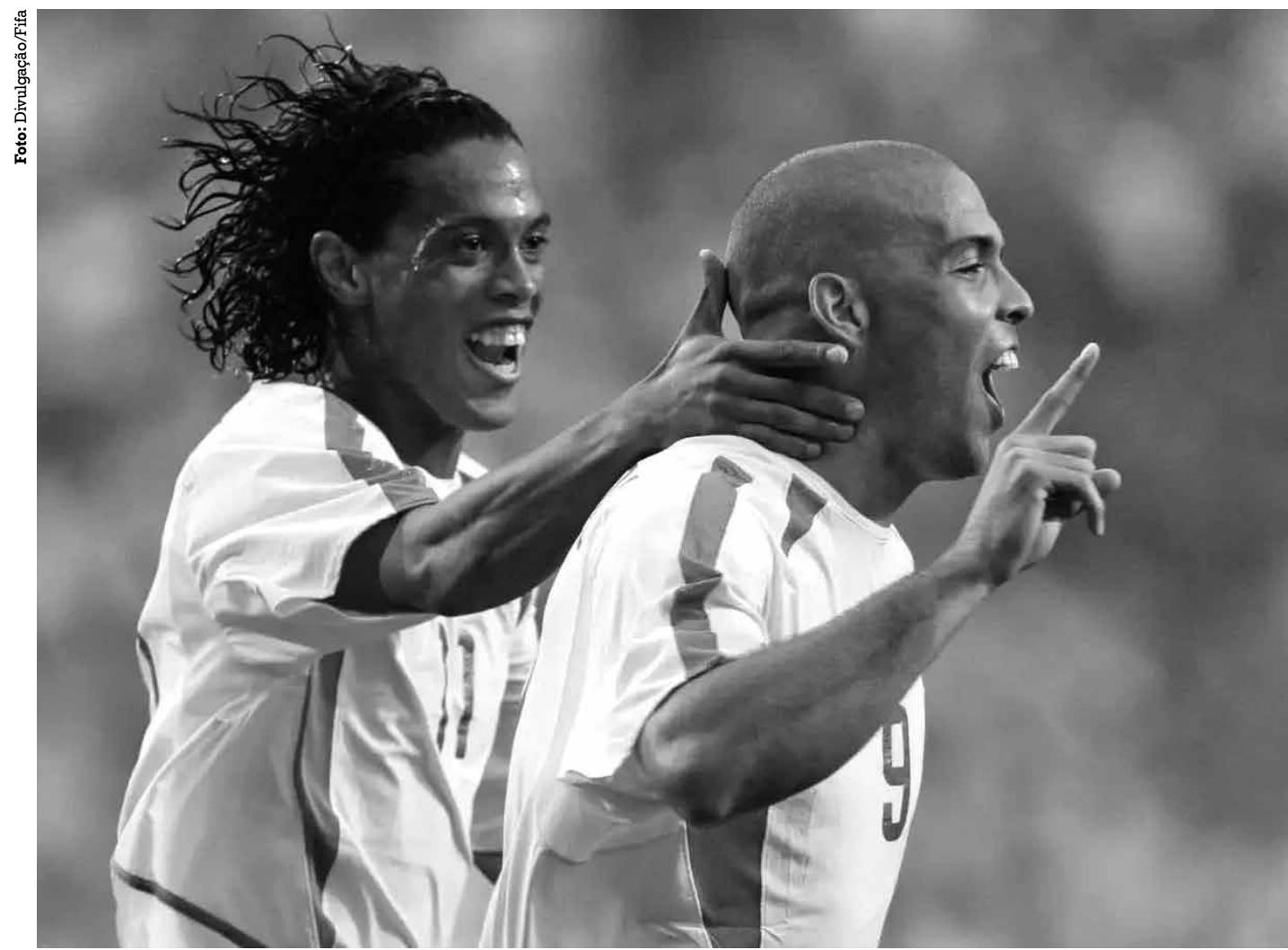
Brasil tem a seleção com maior sequência de vitórias em Copas

Ao longo das gerações, o Brasil tem consistentemente revelado jogadores extraordinários que brilharam na Copa do Mundo da Fifa. A Seleção é a equipe mais vitoriosa da história do torneio e já conquistou o título em cinco ocasiões, embora viva um momento dos mais complicados nas Eliminatórias para a Copa de 2026 após ser humilhada pela Argentina, na última terça-feira (25), na goleada de 4 a 1, no Monumental de Núñez.

Ao longo das Copas e das cinco conquistas, não é surpresa que o Brasil seja o país com a maior sequência de vitórias na história da competição. Essa impressionante série foi construída entre as edições de 2002, na República da Coreia/Japão, e de 2006, na Alemanha, com a participação de craques como Roberto Carlos, Ronaldinho e Ronaldo em ambos os torneios.

A sequência começou com uma vitória dramática sobre a Turquia, em Ulsan. O Brasil saiu atrás no placar, na sua estreia no Mundial, mas o Fenômeno igualou o jogo e Rivaldo garantiu os três pontos com um gol de pênalti nos minutos finais.

A partir desse momento, ninguém conseguiu parar o Brasil. A Seleção passou pela fase de grupos com 100% de aproveitamento e, na fase de mata-mata, superou Bélgica



Em 2002, Ronaldinho e Ronaldo Fenômeno encantaram os gramados asiáticos na conquista da quinta Copa pelo Brasil, de forma invicta, com sete vitórias

e Inglaterra antes de reencontrar a Turquia na semifinal. Em mais um jogo equilibrado, Ronaldo marcou o único gol da partida e colocou o Brasil na final contra a Alemanha, em Yokohama.

O incansável Ronaldo — que recebeu a Chuteira de Ouro da Adidas — mais uma vez fez a diferença na final, marcando dois gols no se-

gundo tempo, que garantiram a vitória do Brasil por 2 a 0. A Seleção mais uma vez estava no topo do mundo, conquistando a taça com estilo e vencendo os seus sete jogos na competição.

A Chuteira de Ouro Adidas foi concedida pela primeira vez ao artilheiro do torneio em 1982. Foi nomeada Chuteira de Ouro em

2010. Os próximos no ranking recebem os prêmios Chuteira de Prata Adidas e Chuteira de Bronze Adidas, respectivamente.

Quatro anos mais tarde, o Brasil viajou para a Alemanha para defender o seu título. Mais uma vez, a equipe foi impecável na fase de grupos, avançando com três vitórias em três jogos. Nas

oitavas de final, os brasileiros não tiveram dificuldade para derrotar Gana por 3 a 0, aumentando a sua sequência de vitórias para 11 — um recorde.

Nas quartas de final, o adversário foi a França, justamente o país que havia vencido o Brasil pela última vez em uma Copa do Mundo. A última derrota tinha aconte-

As 11 vitórias seguidas do Brasil pela Copa do Mundo

■ Coreia/Japão 2002

- Fase de grupos
- Brasil 2 x 1 Turquia
- Brasil 4 x 0 RP da China
- Costa Rica 2 x 5 Brasil
- Oitavas de final
- Brasil 2 x 0 Bélgica
- Quartas de final
- Inglaterra 1 x 2 Brasil
- Semifinal
- Brasil 1 x 0 Turquia
- Final
- Alemanha 0 x 2 Brasil

■ Alemanha 2006

- Fase de grupos
- Brasil 1 x 0 Croácia
- Brasil 2 x 0 Austrália
- Japão 1 x 4 Brasil
- Oitavas de final
- Brasil 3 x 0 Gana

cido na final de 1998, quando Zinedine Zidane marcou dois gols e liderou os Bleus para a vitória por 3 a 0. E Zizou estava em um dia espetacular quando as duas equipes se enfrentaram na Alemanha, com uma atuação de gala, que culminou na sua assistência para Thierry Henry marcar de primeira o único gol do jogo.



Jogadores do Botafogo carioca em atividade visando à estreia no Campeonato Brasileiro contra o Palmeiras

BRASILEIRÃO 2025

Estreia do atual campeão

Botafogo carioca começa a competição jogando no Allianz Parque contra o Palmeiras, hoje, a partir das 16h

Da Redação

Palmeiras e Botafogo fazem, hoje, às 16h, no Allianz Parque, o principal confronto da primeira rodada do Campeonato Brasileiro 2025. O duelo coloca frente a frente os últimos dois campeões da competição. As equipes construíram uma grande rivalidade tanto dentro quanto fora de campo nas temporadas recentes. O Confronto será transmitido pela TV Globo.

O Palmeiras inicia o Brasileirão como vice-campeão paulista. A equipe não reverteu a derrota para o Corinthians no primeiro jogo da final, tendo empatado o segundo jogo por 0 a 0. Na partida desta tarde, o clube alviverde inaugura um setor popular no Allianz Parque, o Geral Norte. O novo espaço tem capacidade para receber cerca de 750 torcedores. Como não haverá cadeiras, o público vai assistir às partidas de pé. O local terá ingressos com preços inferiores aos cobrados para os demais espaços do estádio.

Abel Ferreira deve encontrar dificuldades para escalar o que tem de melhor contra o Botafogo. Além do desgaste do jogo decisivo do Paulista na última quinta-feira (27), algumas peças não têm totais condições de jogo. São pelo menos três dúvidas para a estreia na competição nacional.

Gustavo Gómez e Paulinho evoluíram na recuperação física de diferentes lesões e treinaram com bola na semana. Richard Ríos, que estava a serviço da Seleção Colombiana, reclamou de dores após voltar e não tem presença garantida no enfrentamento da primeira rodada.

Depois de um mês de preparação sem jogos oficiais, o Botafogo volta a campo para a estreia do Brasileirão. Foram 33 dias de treinos com o novo técnico Renato Paiva. O período sem jogar serviu para recuperar alguns atletas e entrosar os reforços. Durante o período, jogadores lesionados, como Bastos, Nathan Fernandes e Artur, conseguiram ficar 100% e estarão à disposição do treinador para o duelo da primeira rodada.

O Glorioso também terá a volta de Savarino, que estava representando a Seleção

Venezuela na Data Fifa. Com praticamente todo o elenco à disposição, Renato Paiva fará seu primeiro jogo oficial como técnico do clube carioca. Diante do Palmeiras, ele busca manter uma grande invencibilidade alvinegra. A última derrota do Botafogo na Série A foi para o Juventude, por 3 a 2, em agosto de 2024. Desde então, foram 16 jogos sem perder na competição, com 10 vitórias e seis empates.

Retrospecto

Em 2024, foram quatro jogos entre as equipes. O Botafogo não perdeu nenhum. O time carioca venceu três e empatou um, além de conquistar uma classificação para as quartas de final da Libertadores. A última vitória do Glorioso foi justamente no Allianz Parque, por 3 a 1, em partida que valeu a liderança do Brasileirão e antecedeu o título da competição continental apenas três dias depois.

Sem Neymar, Santos visita o Vasco

Vasco e Santos se enfrentam, hoje, às 18h30, em São Januário, também pela primeira rodada do Campeonato Brasileiro. O

confronto terá transmissão da Record, do Premiere e da Cazé TV. Ambas as equipes não participam de jogos oficiais desde o começo de março, quando foram eliminadas nos respectivos campeonatos estaduais.

Com ingressos esgotados, o Cruz-Maltilino conta com a força de sua torcida para iniciar o Brasileirão com um triunfo. Para o confronto, Fábio Carille deve promover a estreia como titular do argentino Benjamin Garré. O atleta pode iniciar o jogo na ponta direita. Ele esteve presente em três partidas da atual temporada. Contudo, em todas, foi entrando no fim, como aconteceu nos dois clássicos com o Flamengo e no duelo com o Nova Iguaçu.

O Vasco deve iniciar a partida contra o Alvinegro praiano com Léo Jardim; Paulo Henrique, Maurício Lemos, João Victor e Pitor; Paulinho Paula, Hugo Moura, Nuno Moreira, Garré e Coutinho; Vegetti. Com esses atletas, Carille fez um trabalho técnico e tático, além de treinos de marcação na bola parada.

O Santos não contará com Neymar na estreia do Campeonato Brasileiro. O camisa 10 segue em transição por causa do ede-

ma na coxa esquerda, diagnosticado no último dia 6. A lesão fez o craque ser cortado da Seleção Brasileira. Sem seu principal jogador, Pedro Caixinha tem encontrado dificuldades para montar a equipe que estreia diante do Vasco.

Por não ter a necessidade de fazer alterações táticas, Thaciano é a escolha mais óbvia. O jogador tem entrado nos jogos desta temporada fazendo o mesmo papel de Neymar, sendo um construtor de jogadas. Assim, uma provável escalação tem Brazão; JP Chermont, Zé Ivaldo, Gil e Escobar; Schmidt, Thaciano e Gabriel Bontempo; Sotelido, Tiquinho Soares e Guilherme.

Outros jogos

A rodada inicial do Brasileirão ainda tem Bahia e Corinthians na Fonte Nova, às 20h. Com transmissão do Premiere, a partida marca o encontro entre o campeão baiano e o campeão paulista de 2025. Amanhã, Red Bull Bragantino e Ceará fecham a primeira rodada da Série A, o jogo acontece no Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista (SP) às 20h, com transmissão do Premiere.

Foto: Matheus Lima/Vasco



Jogadores do Vasco estão motivados para fazer uma bela campanha no Brasileiro e de cara pegam o Santos, em São Januário

Pela memória coletiva regional

Situado em Cuité, no Agreste paraibano, o Museu do Homem do Curimataú contempla as dimensões econômica, política, religiosa e cultural da identidade local

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Um espaço para memória coletiva regional, construído a muitas mãos no Agreste paraibano. Foi assim que surgiu e continua a se manter o Museu do Homem do Curimataú, situado no município de Cuité. O prédio do antigo Cuité Clube, localizado no Centro da cidade, foi cedido pela associação responsável à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que assumiu a gestão do equipamento, enquanto o acervo, que atualmente conta com mais de quatro mil peças, foi constituído a partir da doação da comunidade de mobiliários e artigos de trabalho e da cultura popular local.

Israel Araújo é historiador e está na direção do museu desde que ele foi fundado, há 15 anos, e vibra quando lembra todo o movimento gerado na cidade para sua instalação, que envolveu profissionais e bolsistas da universidade, com quem ele saiu às ruas em busca de doações para formar o acervo. Depois, o trabalho foi organizar aquilo que havia sido recolhido em diferentes ambientes, de modo a contemplar as dimensões econômica, política, religiosa e cultural da identidade regional, considerando que a proposta do nome do museu era ampliar a representatividade para além do município de Cuité.

“A gente propõe um itinerário. Você começa a ver como eram as primeiras casas através de fotografias, depois tem uma exemplificação da nossa economia com peças de casas de farinha; tem o motor a gás, a chegada da energia elétrica até a modernidade, com as primeiras rádios e TVs na cidade; na parte cultural tem o Boi de Reis, a filarmônica... E, nessa linha do tempo, a gente percebe as contribuições das pessoas nessa história, os vestígios desse homem do Curimataú”, explica o historiador.

Um dos destaques do acervo é o Boi de Reis, de Manoel Birico, cuitense que herdou essa alcunha por conduzir, com o irmão, Antônio Birico, o folguedo ao longo de mais de 50 anos no município. Como a brincadeira popular não é mais realizada,

as novas gerações conseguem ter uma ideia dessa manifestação cultural graças aos materiais preservados pelo equipamento cultural. “É uma peça centenária, que impressiona pelo tamanho e pelo tempo de uso, e como o Boi de Reis não existe mais aqui, em Cuité, ela é preciosa e única. Então, o museu é como se fosse uma sentinela da memória”, reforça Israel Araújo.

Guardar a memória significa preservar o acervo físico tanto quanto o patrimônio imaterial. Apesar de reduzida, a equipe do museu procura colocar isso em prática firmando parcerias para realização de eventos que resgatam a tradição dos violeiros e a valorização do forró, por exemplo, assim como promovendo contação de histórias, rodas de conversas e lançamentos de livros. “O museu é um equipamento que movimentou um pouco a cultura de tradição da cidade. Ele tem um pouco de cada coisa e trabalha com projetos culturais, em paralelo”, pontua o diretor.

Anualmente, são registradas mais de três mil visitas. Os meses com mais atividades são junho — aproveitando-se o embalo das festas de São João — e julho, o mês da fundação da cidade. A Semana Nacional dos Museus é outro momento especial, quando são realizadas palestras e trilhas históricas que costumam percorrer casarões antigos na cidade até o Sítio Olho D'Água da Bica, onde se localiza um horto de preservação ambiental. Um percentual considerável dos visitantes é formado por estudantes, tanto das escolas quanto universitários, mas o diretor destaca também que recebe grupos de turistas que costumam participar de trilhas, assim como pessoas da própria comunidade que sempre estão presentes nas ações.

Educação patrimonial

O historiador e professor cuitense Osmael Oliveira faz parte do grupo de amigos do Museu do Homem do Curimataú, responsável por pensar, com a direção do equipamento, como preservar e

Fotos: Osmael Oliveira/MHC



Atualmente, o acervo do lugar conta com mais de quatro mil peças

divulgar a cultura e a história da região. Para a formação do acervo, Osmael colaborou com fotografias de uma antiga atriz da cidade, que lhe foram repassadas pela família após o falecimento dela, ajudando a resgatar a memória do teatro local. Desde que começou a trabalhar em sala de aula, o professor não perde a chance de levar seus alunos para uma visita ao espaço.

Nas aulas de campo, ele faz questão de destacar, ainda do lado de fora do museu, a importância de preservar os patrimônios locais. É que o prédio que abriga a instituição, o antigo clube onde se realizavam shows, bailes de Carnaval e outras festas, a partir da década de 1950, estava numa situação bastante precária a ponto do historiador acreditar que seu destino seria a demolição, como ocorreu com outras construções antigas da cidade. “Conseguir restaurar o prédio inteiro e transformar num museu já foi algo muito importante, por isso eu o considero um grande presente para a cidade. Então, a aula já começa demonstrando a importância da preservação desse patrimônio”, afirma Osmael.

Um dos intuitos de levar seus alunos ao espaço é desfazer a ideia equivocada e comumente passada adiante pelo dito de que “quem vive de passado é museu”. É nesse momento que o professor explica por que alguns objetos são selecionados para serem expostos e outros não e explora temáticas específicas, como a história da educação, dos movimentos culturais da cidade, das técnicas de trabalho rural ou de representantes da literatura regional. As formas para estimular esse contato com a memória são as mais diversas, vão desde visitas guiadas, com orientação para que os estudantes façam anotações que são discutidas posteriormente, até a utilização dos jogos sobre a história do município ou mesmo a participação em palestras e eventos.

Como docente, Osmael Oliveira acredita que é preciso despertar o interesse dos adolescentes e jovens, por isso sempre procura estabelecer uma relação entre os materiais expostos no museu com a memória pessoal e familiar, estimulando a reflexão sobre como as

ações eram feitas a partir do que os pais e avós contavam e como elas são realizadas hoje. “Se você for visitar só para olhar, uma primeira vez você pode achar interessante, mas aí, em uma segunda oportunidade, você já vai achar repetitivo. O desafio é mostrar um museu dinâmico, mostrar que museu é uma coisa viva, que está conectada com a realidade”, pontua.

Esse desafio não se restringe apenas ao público estudantil. Quando pergunta aos colegas e conhecidos se já visitaram o museu, a resposta é, quase sempre, negativa. “Eu acho que tem que ter política pública voltada para a preservação histórica, que incentive as pessoas a participar das atividades culturais. E o museu seria uma delas. A escola é uma grande aliada para a educação patrimonial, porque, se a gente cultiva isso nas crianças e adolescentes, eles vão crescer e se tornar adultos conscientes”, defende Osmael. Para ele, isso não quer dizer que as pessoas devam ser especialistas em história, mas, como cidadãos, devem possuir um conhecimento mínimo da própria realidade. “O museu foca nisso, na luta dos homens e mulheres trabalhadores da região, no seu cotidiano, em como essas pessoas batalham para sobreviver como sujeitos históricos desse local”, completa.

O Museu do Homem do Curimataú fica situado na Rua 15 de Novembro, nº 562, no Centro de Cuité, e recebe visitantes gratuitamente de segunda a sexta-feira, nos horários das 8h às 12h e das 14h às 18h. Grupos de turistas e pesquisadores podem solicitar visitas mediadas aos fins de semana, com agendamento prévio (mínimo de dois dias), por meio de um formulário disponível no QR code abaixo.



Pelo QR Code acima, acesse o agendamento

Prédio do museu é o antigo Cuité Clube, localizado no Centro da cidade, e foi cedido pela associação responsável à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que assumiu a gestão do espaço

Foto: Arquivo MHC





Almeida foi responsável por dar nome e gerir, nos quatro primeiros anos, o *Jornal da Paraíba*, periódico que fundou com mais nove sócios, em 1971

Humberto de Almeida

Fazendo parte da história da imprensa na PB

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Médico, industrial e pecuarista, com passagem pela imprensa como empresário. O trabalho empreendedor foi a marca registrada do paraibano Humberto de Almeida, responsável por dar nome e gerir, nos quatro primeiros anos, o *Jornal da Paraíba*, diário que fundou com mais nove sócios, em 1971. “O *Jornal da Paraíba* nasceu com a finalidade de servir a Campina Grande, de ser um instrumento de defesa dos campinenses”, declarou ele, em entrevista.

Apesar de, naquela época, a cidade contar com o *Diário da Borborema*, apenas sua redação era feita em Campina Grande. O jornal havia sido empastelado e, depois de ficar sem funcionar durante semanas, transferiu a impressão para as oficinas de *O Norte*, em João Pessoa, pertencente também aos Diários Associados. Da ideia encabeçada pelo jornalista Josusmá Viana, de que era possível criar um novo jornal totalmente feito na cidade, começou um movimento para reunir empresários locais, que costumavam se encontrar na região central de Campina. “Contaguei-me de tal maneira, que terminei aderindo ao grupo. E assim nasceu o *Jornal da Paraíba*”, contou Humberto.

A memorialista e escritora Maria Ida Steinmüller, segunda companheira do industrial, conta que, naquele tempo, ela estava recém-admitida como telefonista na Cande (Campina Grande Indústria S/A), fabricante de tubos de PVC de Almeida, e presenciou as articulações do empresário para captar os recursos necessários à concretização do novo produto editorial. Ela recorda que, na véspera da inauguração do jornal, quando já estava para finalizar

seu expediente, foi chamada pelo Doutor Humberto, com um documento às mãos, o primeiro editorial do novo periódico campinense. “Eu me lembro de ter datilografado, como ele pediu, e o texto correu para as oficinas a fim de se fazer a composição em linotipo. E, sem saber, ali eu estava fazendo história por cumprir uma obrigação”, relata com orgulho de ter participado, no dia seguinte, do lançamento do jornal.

Humberto assumiu a função de diretor presidente da primeira diretoria do jornal, e contava com satisfação como batizou o periódico: “Estando em dúvida quanto ao nome, encontrei no bar do Hotel Serrador, no Rio de Janeiro, com o então Governador Ernani Sátiro, pessoa do meu relacionamento e com uma intimidade suficiente para pedir a sua opinião. Perguntei: ‘Ernani, estou diante de uma dúvida: com qual nome devo batizar o jornal?’ Ele disse: ‘Quais são os nomes que você pensa em batizá-los?’. Digo: ‘O *Jornal da Paraíba* ou O *Correio do Estado da Paraíba*?’. Ele disse: ‘Se eu fosse o dono do jornal, eu batizava *Jornal da Paraíba*, tirando esse ‘O’, porque *Correio* já existem muitos e eu não gostaria de ter mais um *Correio* na Paraíba’. E assim tomei a decisão e ficou *Jornal da Paraíba*, que está até hoje”, revelou.

O empresário afirmou que procurava manter uma linha editorial inteiramente independente, a ponto de fazer críticas às falhas e aos desacertos tanto à federação industrial do estado quanto ao prefeito local da época. Ida Steinmüller destaca que o diário impresso campinense prezava pelo progresso e pelo desenvolvimento regional, procurando dar suporte às ações em vista da educação universitária, da saúde, do comércio e da indústria. Para isso, Humberto contaria com um time de profissionais bem selecio-

nados. “Campina Grande tinha grandes jornalistas, como William Tejo e Epitácio Soares, tinha o pessoal do esporte, que eram espetaculares, e mais alguns outros jovens, pois o curso de Comunicação Social já estava instalado. E Ismael Marinho, um jornalista muito conceituado, que foi o primeiro editor do jornal”, ressalta Steinmüller.

O irmão de Ismael, o também jornalista Marcos Marinho, contou como assumiu a missão de dirigir o *Jornal da Paraíba*, quando ainda estava próximo de completar 19 anos. Como Ismael tinha viajado à Brasília e Marcos era o único, além do irmão, que sabia diagramar as páginas, foi nomeado secretário *ad hoc* do jornal, tornando-se o elo entre a empresa e seu dirigente. “Doutor Humberto nas suas primeiras semanas no comando da empresa pontualmente chegava por volta das 10 horas da manhã e nos reuníamos (eu, ele e Justino) para as tomadas de decisão. Muito formal, com poucas palavras e bastante determinação, ditava os ordens e ia embora. Essa rotina veio a ser quebrada no mês seguinte, quando as reuniões, agora semanais, fazíamos lá na Cande e não mais na redação do *Jornal da Paraíba*”, escreveu o jornalista. Almeida gostou tanto do trabalho de Marcos, que resolveu nomeá-lo para chefiar o periódico campinense, comandando desde a redação às oficinas tipográficas.

Com o jornal “debaixo do braço”

Humberto de Almeida não escrevia para o jornal, mas fazia questão de revisar os editoriais. Vistoriava também tudo que saía no periódico, a ponto de, numa das edições, ao notar a foto de sua filha na coluna social, chamar os responsáveis para conversar. “A Sevy Nunes, que era famosa na comunidade social e muito clássica, muito das madames, es-

tava à frente da página social, mas depois entrou um rapaz mais jovem chamado Josildo Albuquerque, para dar um toque mais jovial. Ele fazia muita promoção das caras novas. E eu lembro do cartão, porque eu estava próximo e vi, dele [Humberto] proibindo que publicassem fotos da filha ou da mulher dele”, narra Maria Ida.

Nos primeiros anos, o *Jornal da Paraíba* possuía tiragem de cinco mil exemplares e, graças ao seu esforço, chegava a circular no Rio de Janeiro e em São Paulo. É que nas viagens que fazia como industrial para estas cidades, Humberto sempre levava consigo o jornal “debaixo do braço” para apresentar em seu círculo de amizades. Era possível encontrar o jornal, por exemplo, na banca do Hotel Serrador, no Rio de Janeiro, que era ponto de convergência de paraibanos na capital fluminense. Nesse sentido, Ida considera que, além de idealista, Humberto era também um “gazeteiro”, porque levava consigo, para onde quer que fosse, o jornal e, em última instância, a cidade de Campina Grande.

Foto: Arquivo da família



Campinense foi o primeiro na função de diretor presidente do *Jornal da Paraíba*

tubo de 1925. O primogênito do casal Adalgisa e Elpidio de Almeida realizou seus estudos no Colégio Pio XI, em Campina Grande, e no Colégio Militar de Fortaleza, no Ceará. Já na capital pernambucana, estudou no Colégio

Nóbrega e depois na Faculdade de Medicina do Recife, onde se diplomou em 1950. Como médico, trabalhou no Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado (Ipase) e no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência da Previdência Social (Samdu), ambos no Rio Janeiro, onde também se especializou em Gastroenterologia e Nutrição, até que foi transferido para Campina Grande para assumir a direção do mesmo serviço que estava para ser instalado.

Depois que se casou com Cláudia Borges, por incentivo do sogro deixou a medicina para se dedicar ao ramo têxtil. Impulsionado pelas oportunidades de projetos e demandas surgidas com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), enveredou para a indústria de PVC, fundando a Cande, primeira empresa a se instalar e funcionar no Distrito Industrial de Campina Grande. Trabalhou na fundação do Sindicato da Indústria de Material Plástico e de Resinas Sintéticas do Estado da Paraíba (Sindiplastpb), representando-o nas entidades federativas do setor. Desmotivado com os rumos que o sindicato tomava, escreveu e publicou a plaqueta *História de um sindicato forte*, em julho de 2009, no qual lembrou que “o tempo ensina muito e é preciso ter paciência, prudência e perseverança”. Com o fechamento da Cande, dedicou-se, às atividades da fazenda e apoiou a refundação do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG).

Humberto de Almeida faleceu na manhã do dia 11 de janeiro de 2013, aos 87 anos, em sua residência, em Campina Grande, deixando esposa e os filhos do casal, Cristianne e Frederico, como também Renata, fruto de sua primeira união.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Infotimento: o transformador de energia eólica que passou pela Paraíba com o apelo da Carreta Furacão

Recentemente, a passagem de um transformador de energia eólica por municípios da Paraíba, numa operação de transporte coordenada pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), relembrou-me o conceito de infotimento, que trata da hibridização entre o jornalismo e o entretenimento.

O termo “infotimento”, cunhado pela pesquisadora e professora Fabia Angélica Dejavite, sintetiza a proposta de unir informação e entretenimento no jornalismo. A expressão, título de seu livro publicado pela editora Paulinas, reflete a busca por um conteúdo que, ao mesmo tempo em que informa, diverte o leitor.

Segundo Dejavite, o infotimento atende às demandas do público contemporâneo, que busca informação de forma dinâmica e envolvente. A proposta não se limita a tornar a informação mais palatável, mas a criar um conteúdo que seja, ao mesmo tempo, relevante e interessante. No caso do transporte do transformador de energia, que percorreu municípios da Paraíba e de Pernambuco, ao qual relaciono à famosa (e divertida) Carreta Furacão, a mídia explorou, além dos aspectos relacionados ao chamado jornalismo de serviço, os elementos curiosidade, excepcionalidade e apelo popular.

Ora, o transporte de um transformador de energia de grande porte, com dimensões e peso impressionantes (cerca de 250 toneladas), foge do cotidiano e desperta



Cobertura jornalística da complexa operação logística revelou o apelo popular da notícia

a curiosidade das pessoas. Além disso, a operação envolveu um esquema complexo de logística, com veículos especiais e escolta policial, o que tornou o evento ainda mais incomum. A cobertura jornalística do fato demonstrou o interesse do público por esse tipo de acontecimento, revelando o apelo popular da notícia. As matérias (em TVs, portais de notícias, redes sociais) destacaram os aspectos curiosos da operação, como o tamanho do transformador e a complexidade do transporte, buscando atrair a atenção da audiência.

Houve matérias sobre o transporte do transformador de energia numa linha mais séria, com foco em serviço, mas muitos veículos adotaram uma narrativa mais pitoresca, descrevendo o momento como uma “megaoperação” e ressaltando os desafios enfrentados pela equipe responsável. Com a divulgação do fato nas redes sociais, então, mais e mais pessoas ficaram curiosas e se viram atraídas para ver de perto a passagem do comboio.

Assim, uma operação que deveria ser relativamente comum, apesar dos impactos

no trânsito devido à interdição de alguns trechos para o tráfego de veículos, tornou-se algo insólito em determinadas partes do percurso: com direito a música, dança, bebida, fantasia e muita alegria. A viralização de imagens nas redes sociais e a cobertura da mídia alimentaram ainda mais o interesse do público pelo “evento histórico”, fazendo da passagem do transformador pelas cidades quase um Carnaval fora de época. O fato foi, inclusive, tema de postagem do perfil oficial do Governo Federal nas redes sociais, com foco na alegria da população ao ver o comboio passar.

Embora o transporte do transformador de energia para um parque eólico no Seridó da Paraíba tenha uma importância técnica, econômica e relacionada à sustentabilidade, a mídia, em um certo momento, concentrou-se mais nos aspectos curiosos e incomuns, para despertar o interesse do público. Tal cobertura levanta questões sobre o papel do jornalismo na era da informação instantânea. Afinal, a busca por audiência e engajamento, impulsionada pelas redes sociais, pode levar à exploração de eventos triviais em detrimento de notícias, ou enfoques, de maior relevância social.



Em tempo: o tema desta coluna foi sugerido pelo colega jornalista Dennison Vasconcelos, a quem agradeço a colaboração.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Pop rock made in Brazil — VI

Como de hábito, quando uma criança, muitas vezes incentivada pelos pais, tinha os seus dotes vocais reconhecidos, logo buscava se apresentar em programas radiofônicos ou televisivos. Isso foi o que também aconteceu com o garoto Flávio Ayrosa Correia Galvão (São Paulo-SP 1953), ao apresentar-se na TV Bandeirantes (programa *Mini Guarda*), no aruge da *Jovem Guarda*. Já nos anos 1974 e 75, antes de tomar-se vocalista de uma pequena banda, a Uncle Jungle (depois Uncle Jack), deu início a sua carreira artística-solo e foi convidado a gravar um *extended-play*, em inglês, e, seguindo um costume então em voga, assumiu o nome artístico de Mark Davis, debutando em discos com “I Want to be Free Again” (Mack Davis) e “Don’t Let Me Cry” (Pete Dunaway, nome artístico de Otávio Cardoso/George).

Passado o modismo do *pop rock made in Brazil*, ele se assume com o novo pseudônimo “Fábio Jr.”, firmando-se não só como compositor e multi-instrumentista, estando incluso no rol dos preferidos cantores de baladas românticas do Brasil, mas também como ator, participando, como galã, de inúmeras telenovelas, como *Nina* (1977), *Cabocla* (1979) *Pai Herói* (1979-80), *Água Viva* (1980), *Pedra sobre pedra* (1982) e *Roque Santeiro* (1985), entre tantas outras, e de filmes como *Bye bye Brasil*, de Cacá Diegues.

Já cantando em vernáculo, o seu primeiro sucesso, pode-se dizer, foi “Pai” (1979), de sua autoria, que ele dizia ser uma saudosa recordação do seu genitor, Antônio Luís



Nos anos 1970, cantor e compositor Fábio Jr. começou a sua carreira artística soltando a voz em inglês e com o nome artístico de Mark Davis

de Oliveira Ayrosa Galvão. A música foi escolhida por Janete Clair como tema de abertura da citada novela. Dentre outras de suas criações, merecem destaque “Vinte e poucos anos” (também de 1979), “Eu me rendo”, “Alma Gêmea” (da novela homônima, 1994), e “O que é que há” (1982 — essa, em parceria com Sérgio Sá).

Contratado pela gravadora CBS, ao deixar a Som Livre, de que era contratado, dedicou-se a uma carreira para a América Latina, obviamente cantando em caste-

lhano, o que lhe rendeu o prêmio Tocha de Prata, no festival chileno de Viña del Mar, em 1987. Naquele mesmo ano, gravou com a cantora galesa Bonnie Tyler uma adaptação da música “Reaching for The Infinite Heart” (“Sem limites pra sonhar”), em inglês e português, a qual alcançou a vendagem de cerca de 500 mil cópias no mercado latino-americano.

Foi apresentador de um *talk-show* — *Programa Fábio Jr.* — pela TV Record, entre 1999 e 2001.

De sua carreira como cantor e compositor, constam vários álbuns (LPs e CDs), e, inclusive, pelo menos um DVD, cujo destaque foi a criação “Minha outra metade” (2003).

A vida privada de Fábio Jr. foi meio que “atrilhada”, pois, ao que se sabe, já passou por sete matrimônios que lhe deram seis filhos, entre eles dois que seguiram o caminho dos pais (Cleo, com Glória Pires, e Fluk, com Cristina Karthalian); e ainda Krizia, Tainá, Zázion.



Eita!!!!

Retorno de *The Last of Us*

Sucesso quando estreou, *The Last of Us* é uma série pós-apocalíptica norte-americana criada para o canal e streaming da HBO. Baseada na franquia de videogame de sobrevivência homônima, o cenário é o resultado do mundo após uma pandemia causada por uma infecção fúngica em massa, que faz com que seus hospedeiros se transformem em criaturas semelhantes a zumbis, causando um colapso da sociedade. *The Last of Us* acompanha Joel (Pedro Pascal) e Ellie (Bella Ramsey, na foto acima) em uma viagem por esse mundo pós-apocalíptico, dividido em facções violentas. Depois da primeira temporada — que está disponível na plataforma Max —, a série retorna no dia 13 de abril.

Temporada mais curta

A primeira temporada teve nove episódios, mas o segundo ano da produção da HBO terá apenas sete. Vale notar que, enquanto o primeiro ano adaptou o primeiro jogo na íntegra, o segundo game (considerado uma das histórias mais densas da franquia), lançado em 2020, será dividido em duas temporadas. Portanto, a divisão deve acontecer para que haja mais tempo para desenvolver a trama de Abby (vivida por Kaitlyn Dever), uma das principais personagens da nova fase da série: uma soldado em busca de vingança que atravessa o caminho de Joel e Ellie, transformando-os para sempre.

Novos rostos

Além de Abby, a segunda temporada terá outros novos personagens: Isabela Merced (de *Dora e a Cidade Perdida*) como Dina, interesse amoroso de Ellie, e Young Mazino (da série *Treta*) como Jesse, com quem Dina tem um passado. Os três personagens são importantes para a história do jogo e devem ser essenciais para a série também. Danny Ramirez (*Top Gun: Maverick*), Tati Gabrielle (*Uncharted: Fora do Mapa*), Ariela Barer (*How to Blow Up a Pipeline*) e Spencer Lord (*Riverdale*) também foram escalados para o novo ano da série. Eles viverão os amigos de Abby na história. Por fim, haverá também a presença de Jeffrey Wright (*Ficção Americana*) como Isaac, mesmo personagem a quem o ator deu vida no jogo.

Episódio mais longo

O primeiro capítulo da segunda temporada se chama *Future days* ("Dias futuros", em tradução livre), que é também o título da música que Joel toca para Ellie no violão, em *The Last of Us: Part II*. Segundo a HBO, a nova temporada apresentará um dos episódios mais extensos do programa. *Future days* terá a duração de uma hora, uma estratégia semelhante já mostrada em séries de sucesso como *Game of Thrones* e *House of the Dragon*.

TECNOLOGIA

Comandos enviados para Alexa podem treinar IAs

Em reformulação, assistente virtual passará a ter um modelo mais avançado

Alice Labate
Agência Estado

A Amazon anunciou que, a partir da última sexta-feira (28), todos os comandos de voz enviados para a assistente virtual Alexa serão utilizados para treinar sua inteligência artificial (IA), sem possibilidade de os usuários impedirem essa coleta. A mudança marca o fim do recurso "Não enviar gravações de voz", que até então permitia que solicitações fossem processadas no próprio dispositivo e não enviadas para os centros de dados da empresa.

A decisão faz parte da reformulação da Alexa, que passará a ter um modelo mais avançado de IA generativa. A empresa aposta na nova versão, chamada Alexa+, como uma forma de tornar o assistente mais eficiente e, ao mesmo tempo, mais lucrativo. A assistente virtual nunca gerou o retorno financeiro esperado, e a Amazon busca novas estratégias para viabilizar sua manutenção.

Em um e-mail enviado aos usuários dos EUA, divulgado pelo portal *Ars Technica*, a empresa afirmou: "À medida que continuamos a expandir os recursos da Alexa com recursos de IA generativa, que dependem do poder de processamento da nuvem segura da Amazon, decidimos não oferecer mais suporte a esse recurso". Com isso, as gravações de todas as interações com a Alexa serão enviadas automaticamente para os servidores

da Amazon, eliminando a possibilidade de impedir o compartilhamento desses dados.

O novo modelo inclui o recurso Alexa Voice ID, que reconhece a voz dos usuários para personalizar respostas. No entanto, para utilizar essa funcionalidade, os clientes precisarão permitir o armazenamento de suas gravações de voz. Caso contrário, o Voice ID não funcionará corretamente.

A mudança não afeta usuários brasileiros. "A *feature* não está disponível no Brasil, então aqui isso não terá impacto. Continuamos trabalhando para proteger a privacidade de nossos clientes e manter seus dados seguros. Os clientes continuam tendo à disposição um conjunto abrangente de ferramentas de controles, incluindo a opção de não salvar suas gravações de voz", diz a nota da Amazon enviada ao *Estadão*.

Privacidade

A decisão levanta preocupações sobre privacidade. Em 2023, a Amazon foi multada em US\$ 25 milhões, nos EUA, por armazenar indevidamente gravações de crianças interagindo com a Alexa. Além disso, reportagens revelaram que funcionários da empresa tiveram acesso a milhares de áudios captados pelos dispositivos Echo, supostamente para treinar o sistema de reconhecimento de voz.

A Amazon afirma que os dados serão criptografados e usados de forma

segura. A empresa também diz que, por padrão, as gravações de voz serão excluídas após o processamento. No entanto, especialistas alertam que não há garantias sobre o uso futuro dessas informações, principalmente considerando o histórico da companhia com dados de usuários.

Outras gigantes

O movimento da Amazon segue uma tendência do setor. Outras gigantes da tecnologia, como Meta, Google e X (antigo Twitter), já implementaram mudanças em suas políticas de privacidade para permitir o uso de informações dos usuários no treinamento de IA.

O Google, por sua vez, em julho de 2023, alterou seus termos de uso para passar a utilizar informações públicas de usuários para treinar modelos de IA, como o *chatbot* Bard.

A Meta, por exemplo, em junho do ano passado, passou a utilizar postagens públicas de Facebook

e Instagram para aperfeiçoar seus modelos de IA generativa. Nos EUA, a coleta de dados já ocorre sem opção de exclusão. No Brasil, a empresa abriu um canal para que os usuários solicitem a remoção de suas informações da base de treinamento, mas a eficácia desse processo ainda é incerta.

No caso do X, a empresa de Elon Musk alterou suas configurações, em julho do ano passado, sem aviso prévio, permitindo que as postagens dos usuários sejam utilizadas para treinar seus modelos de IA. Diferente da Meta, o X não oferece nenhum mecanismo para que os usuários possam optar pela exclusão desses dados do treinamento.

Para consumidores que prezam pela privacidade, as opções estão cada vez mais limitadas. No caso da Alexa, a única maneira de evitar que as interações sejam usadas para treinar a IA da Amazon será deixar de utilizar o assistente de voz por completo.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: a pelota (2) = bola + infusão (1) = chá. **Solução:** biscoito (3) = bolacha.

Charada de hoje: eu fui adiante (2) com os meus sofrimentos (2) em busca dos meus acompanhantes (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - boca da mulher; 2 - coco; 3 - bandeira; 4 - nível do mar; 5 - diante na face; 6 - barbata; 7 - cabelo; 8 - nuvem; 9 - tanga.